

DESMEMÓRIA DE HORIZONTE

Carlos Lúcio Gontijo



40 anos de literatura, 20 livros.

O que dizer de um escritor com 20 livros, em 40 anos de atividades? Volto ao ano de 1994, quando num dia que parecia ser como outro qualquer me chega às mãos, com a peculiar gentileza de Carlos Lúcio Gontijo, os seus livros "Leite e Lua", "Cio de Vento" e "Aroma de Mãe". Éramos colegas nos Diários Associados, onde o jornalista dedicou 30 anos de seu profissionalismo, e até então eu não conhecia sua veia poética. Ao ler aqueles versos tão impactantes, deu-se um clarão no meu modo de enxergar o mundo. O olhar humano, a profundidade, a sensibilidade, a técnica, me levaram a penetrar cada vez mais nesse universo do autor.

Carlos Lúcio, desde as suas primeiras publicações, já trazia uma luz própria e intensa. Versejando as inquietações e anseios de um povo, era notório nas entrelinhas da sua poética que (ali) estava a voz de uma gente sofrida e carente – a nossa voz! A cada poema brotava um otimismo, a cada página a chama da esperança crescia. Impossível exaltar esse ou aquele livro como o melhor, mas não dá para deixar de citar o "Aroma de Mãe", um primor. Porém, como um visionário, trouxe com delicadeza e respeito o "Pelas partes Femininas", e ainda temos a chegada do romance "Lógica das Borboletas", uma obra de fina sensibilidade.

Vários livros de encher os olhos, como o "Quando a Vez é do Mar", o "Tempo Impresso", e sem contar os livros infantis, Duducha e o CD de Mortadela, Lelé a Formiga Travessa, O Guarda-chuva do Simão. E frente às dificuldades do mercado, com recursos próprios, muito suor e coração, o autor vai brindando-nos com o exercício da arte da palavra escrita e desvendando, em mágicas pinceladas, as questões mais complexas do ser humano, retratadas com uma linguagem de fácil entendimento e encantamento, numa forma que poucos conseguem transpor para o papel.

Nos anseios de uma nova era para melhor se viver, no silêncio da multidão, a voz de fé e possibilidades ganha sonoridade e força nos seus poemas, romances, novelas, crônicas, artigos. Através do seu labor e amor pelo que faz, vamos acreditando que um dia teremos um mundo menos desigual, conforme nos canta com sentimentos nobres o pai de Lucas e Amanda, fazendo-nos crer na igualdade, fraternidade, liberdade.

DESMEMÓRIA DE HORIZONTE

Carlos Lúcio Gontijo

Capa e fotografia:
Hamilton Flôres

Programação visual e diagramação:
Antônio Jabur Neto

Revisão:
Conceição Nina de Oliveira
(***)
Carlos Lúcio Gontijo

Desmemória de horizonte

Romance e poesia – 1ª edição – 320 páginas
(***)

Copyright by CLG 2017
Rua Belchior Francisco, 67
Santo Antônio do Monte – MG
CEP 35.560-000
www.carlosluciogontijo.jor.br



DESMEMÓRIA DE HORIZONTE

Carlos Lúcio Gontijo



Este romance é uma obra de ficção. Pode lembrar ou confundir-se com a realidade, mas jamais deixará de ser resultado da imaginação do autor – poeta, escritor e jornalista – que, como se numa redação de jornal estivesse, transforma, parafraseia e “paracontextualiza” tanto a bibliografia em que busca informação quanto a própria vida que o rodeia.



20° livro

Uma promessa à minha mãe Betty

Ao lançarmos o nosso 20° livro, podemos nos considerar bem-sucedidos, pois habitamos um país onde 40% da população não compram livros e 30% nunca os compraram uma vez sequer na vida. Talvez todo esse déficit no tocante à leitura explique, por exemplo, os nossos descabros nas áreas social, econômica, política e, principalmente, na educacional, que ao se constituir desatrelada da cultura especializou-se em diplomar doutores ricos em conteúdo didático e bastante pobres, no caso ignorantes, em relação à sensibilidade, amor ao próximo e sentimento comunitário, pois se acham mergulhados em exacerbado hedonismo.

Estranhamente, se nossas elites do capital se recusam o estabelecimento de projetos que visem a um mínimo de diminuição da desigualdade social que nos cerca, terminaram por aceitar, aos moldes de nossos morros que preferem a tutela dos agentes do tráfico de drogas e armas à truculência das ações oficiais de governo, a tese do “bandido preferido” – aquele malfeitor que rouba, mas faz e, ao mesmo tempo, permite a roubalheira.

Não deixamos de nos contrariar nem denunciar a conjuntura anômala, mas temos plena consciência de que é esse o quadro em que vivemos, no qual a nossa literatura e nossa poesia têm que encontrar forças para germinar e gerar seus frutos,

destinados a poucos consumidores, mas que graças a Deus ainda existem.

Para os que não têm muito conhecimento sobre o drama da comercialização de livros no Brasil, passamos a informação de que autor renomado, com toda pompa e circunstância, quando vende muito livro em lançamento, ainda que em grande centro, gira o aplaudido feito em torno de 50/60 exemplares. Entretanto, é bom que se diga: não se mede valor de livro algum pelo seu sucesso comercial e, em muitos casos, a realidade é inversamente proporcional a tal método ignaro de avaliação.

Há 40 anos (em 1977), quando editamos o nosso primeiro livro, desprovido de qualquer apoio, sem divulgação nem noite de autógrafos, contamos tão-somente com o apoio de alguns bons amigos e a compreensão de minha mãe, pois não tinha à época nem emprego e havia assumido promissórias a serem pagas junto a uma gráfica. Minha mãe e eu passamos a vender livros de porta em porta e, assim, outras pessoas começaram a nos auxiliar na missão, cometendo o verdadeiro milagre de o telefone e a campanha de nossa casa no Bairro Senhor Bom Jesus, em Belo Horizonte, começarem a tocar e a edição dos 1.500 livros se esgotar rapidamente.

Naquele tempo, lembramo-nos de ter feito à minha saudosa mãe Betty a promessa de que, ao completar 40 anos de carreira literária, estaríamos com 20 livros editados. Pois bem, neste ano

de 2017 chegamos à sonhada marca, com o lançamento conjunto de dois livros: a obra infantil “Beijoaria”, diagramada e ilustrada pelo comunicador visual Nivaldo Marques Martins, nosso mais fiel e constante parceiro; e este romance (“Desmemória de horizonte”) então nossa 20ª obra, ilustrada com fotos do jornalista e fotógrafo Hamilton Flôres, amigo desde o curso de Jornalismo na FAFI-BH (hoje, Uni-BH) e que já nos havia emprestado o seu talento em nossa segunda publicação, “Ventre do mundo”.

Mais uma vez, com passou a acontecer a partir da metade de nossa carreira idealista de autor independente, contamos com o apoio de nosso principal patrocinador – o “paitrocinador” José Carlos Gontijo, meu querido e velho pai, nascido no dia 19 de julho de 1924 e que, nos últimos tempos, tem sido a única pessoa a dividir conosco os custos materiais deste nosso sonho esvoaçante e, muitas vezes, quebradiço diante das intempéries e mentes petrificadas deste mundo.

DEDICATÓRIA

Indistintamente, dedico este livro e agradeço a todos aqueles que um dia estenderam a mão ao meu idealismo de autor independente, construindo uma dimensão paralela, na qual eu convivo com o mundo invisível em meio ao materialismo em que se dá o aprendizado de minha existência terrestre.

Dessa forma, unindo o que fisicamente vejo ao que não posso tocar, ousou dedicar este livro a todos os meus familiares e amigos, inclusive os que, como o inesquecível Elias Maboub, já se foram deste plano, mas que me deram a chance e a oportunidade de contar com o seu apoio à minha labuta no cotidiano interminável do exercício da arte da palavra escrita.

Elias Maboub, o cavaleiro de Damur

A imensa maioria das pessoas costuma nos cobrar pedágio para que delas nos aproximemos. Precisamos nos derreter em mesuras para lhes chamar a atenção e, assim, iniciar os primeiros passos na construção de uma amizade. Todavia, com o afável e honesto Elias Maboub, não era assim. Eu o conheci na década de 70, trabalhando em departamento de revisão de jornal, num tempo em que veículo de comunicação impressa se interessava pela propagação de uma língua portuguesa/brasileira correta, auxiliando na formação da cultura lingüís-

tica de seus leitores.

Elias Maboub logo me chamou atenção por seu inegável e profundo conhecimento de gramática. Libanês nascido em Damur (a 9 de fevereiro de 1924), uma cidade litorânea que não existe mais, destruída que foi por sírios e judeus que ali, em território alheio, tentavam resolver, por meio da luta armada, suas idiossincrasias movidas pelas incompreensões e desentendimentos mundanos.

Maboub veio para o Brasil com dois anos de idade seguindo seus pais e se transformou no mais autêntico e legítimo brasileiro que poderíamos (e podemos) imaginar. Experimentou os prazeres proporcionados pela riqueza por intermédio da negociação de café exercida por seu pai; depois sofreu as dores da derrocada com a chegada de crise econômica que fez sucumbirem as finanças do pai, que pouco falava português e mal anotava os vários negócios feitos “no fiado”, sob a confiança de que receberia os créditos. Entretanto veio a débâcle, com ela o sumiço dos devedores.

O amigo Elias Maboub era detentor de extrema vocação médica, o que o levou a fazer vestibular e frequentar o curso de medicina durante dois anos, até que um dia o governo brasileiro, em aceso de arroubo nacionalista, decidiu pela expulsão de todos os alunos considerados estrangeiros das universidades, o que tanto interrompeu quanto pôs

fim a seu sonho, levando-o – talvez para manter proximidade com a área médica – a trabalhar como vendedor de remédios para inúmeros laboratórios.

Pois bem, pouco tempo depois de conhecer Elias – pai extremoso e esposo exemplar –, ao qual aprendi a chamar carinhosamente de “Tio Elias”, deu-se a criação do IV Turno de Revisão no jornal Diário da Tarde, que nos deu a oportunidade de formar, não apenas um quadro de jornalistas profissionais de revisão, mas, sobretudo, uma família. Eu comandava a turma e Elias sempre me substituía durante as minhas férias anuais. Pelo menos uma vez por semana, terminada nossa jornada de trabalho, saíamos madrugada adentro, de bar em bar: era um companheiro no violão e voz, outro no batuque e todos na cantoria regada a cerveja, conhaque, uma boa pinga, torresmo, vaca atolada e caldo de mocotó (aos quais Elias acrescentava pimenta aos montes) – tudo banhado e embebido na luz de um mar sem fim de amizade, respeito mútuo e camaradagem.

O tempo passou. De repente, fecharam o nosso IV Turno, revisão passou a ser coisa desnecessária e supérflua, cada um de nós foi remanejado para determinado canto. E Tio Elias terminou seus mais de 50 anos de jornalista profissional de revisão como uma espécie de controlador de qualidade, lendo o jornal depois de pronto, com o obje-

tivo de apontar erros graves, função que, apesar de todo o seu esforço, não era levada a sério, pois os erros eram repetidos numa corrente interminável.

Então chegou o dia em que Elias Maboub, depois de tantos anos de trabalho, resolveu encerrar sua labuta profissional. Dia 15 de julho de 2004, a data. Assistindo à angústia do amigo, tomei a iniciativa de lhe comprar uma caneta, mandar gravar a data e escrevi, emocionado, um cartão carinhoso. Elias me abraçou aos prantos, enquanto eu tentava consolá-lo sob a sombra da inequívoca frieza empresarial, que transforma o trabalhador em simples número.

O cavaleiro de Damur, Elias Maboub (nome que registrei em um personagem de meu romance “Lógica das Borboletas”), cavalga agora, desde 27 de março último (27/03/2009), nas planícies do Senhor. Sinto e sempre sentirei a sua ausência física, mas perceberei sua presença espiritual em minhas noites de autógrafo às quais ele sempre prestigiava; lerei mental e invisivelmente o cartão de Natal que ele me enviava todo ano; ouvirei seu telefonema por meu aniversário. Em resumo, restou-me, como ato final, transferir o número de seu telefone para as páginas da agenda do meu coração, pois virá o tempo em que também serei peixe na rede celestial, e eu lhe ligarei: “Tielias”, estou chegando!



ÍNDICE

Introdução.....	22
Capítulo 1.....	25
<i>Lua Solitária</i>	
Capítulo 2.....	35
<i>Ave voadeira</i>	
Capítulo 3.....	41
<i>Voo caseiro</i>	
Capítulo 4.....	51
<i>Tempo do nunca</i>	
Capítulo 5.....	65
<i>Imã de geladeira</i>	
Capítulo 6.....	75
<i>Abismos</i>	
Capítulo 7.....	83
<i>Claridade vã</i>	
Capítulo 8.....	93
<i>Cardápio</i>	
Capítulo 9.....	103
<i>Predestinação</i>	
Capítulo 10.....	105
<i>Inteireza</i>	
Capítulo 11.....	125
<i>Milagre anônimo</i>	
Capítulo 12.....	137
<i>Nova roda</i>	
Capítulo 13.....	145
<i>Rio da vida</i>	
Capítulo 14.....	155
<i>Redivivo</i>	
Capítulo 15.....	165
<i>Pó de chuva</i>	

ÍNDICE

	Capítulo 16.....	177
Feição		
	Capítulo 17.....	189
Doce paixão		
	Capítulo 18.....	199
<i>Amor espontâneo</i>		
	Capítulo 19.....	209
<i>Noviço no céu</i>		
	Capítulo 20.....	221
<i>Açucareiro</i>		
	Capítulo 21.....	233
<i>Passarela</i>		
	Capítulo 22.....	242
<i>Gente contida</i>		
	Capítulo 23.....	253
<i>Mães de família</i>		
	Capítulo 24.....	263
<i>Esperteza</i>		
	Capítulo 25.....	271
<i>Visitação</i>		
	Capítulo 26.....	281
<i>Capacho</i>		
	Capítulo 27.....	291
<i>Às avessas</i>		
	Capítulo 28.....	303
<i>Desmemória</i>		
	Agradecimento.....	309
	Versos de arribação.....	311
	Esperando Mariana.....	313
	Biografia.....	315

DESMEMÓRIA DE HORIZONTE

Carlos Lúcio Gontijo

*No chão do esquecimento, semeamos o
caminho que percorreremos ao amanhecer
do que não nos lembramos.*

INTRODUÇÃO

Amar é juntar pedaços de céu em meio ao inferno de cada um, apostando que assim se pode vencer o fogaréu do universo do mal que nos convida a queimar a luz divina do nosso espírito no calor da churrasqueira do Diabo, alimentada com a própria carne que nos reveste a alma.

Sob o excesso de lembranças, encasuladas em passado malpassado, construímos presente triste; sob a escassez de esperanças, abandonamos projetos de futuro. Na vida há a necessidade de esquecimentos pontuais, para que possamos seguir em frente. Por isso, o sofrimento provocado pelas perdas se esboroa no passar do tempo, semeando as boas lembranças vivenciadas como fruto a ser colhido em prol de nossa sobrevivência.

Nenhuma dor pela partida de alguém, rumo aos mistérios da morte material, pode superar a alegria de ter tido. Da dificuldade de lidar com as perdas cotidianas germinam muitas das doenças mentais, neste mundo em que o alicerce da saúde emocional tem como combustível, ambígua e erroneamente, a mesma despesa em que nos abastecemos de produtos adquiridos nos mercados de consumo, objetivando nos apresentar como vitrines, pretensamente iluminadas, aos olhos de nossos semelhantes, aos quais desejamos agradar ou seduzir.

Sobeja e amplamente, só conseguimos ser irmãs das luzes estelares quando, por breves e raros

instantes, abandonamos a corrida insana pelos falsos brilhantes e nos permitimos dar guarida ao entorpecimento de nossa memória, com a aplicação de elevada dose de alucinógeno natural, ao qual podemos denominar de “desmemoria de horizonte”, poção mágica extraída da luz nascente das manhãs, chama renovada do sol de ontem, capaz de nos fazer seguir em frente, como se embebidos numa espécie de providencial falta de memória, ou brando Alzheimer benigno, agindo em prol de nossa sobrevivência, que se tornaria impossível caso lembrássemos detalhadamente de tudo, por todo o tempo.





CAPÍTULO 1

LUA SOLITÁRIA

*Lua solitária no horizonte de mim
Menina vestida em claridade nua
Ilumina os passos vazios da minha rua
Move as espessas águas sujas dos rios
Promove o doar de cios enluarados
Silenciosamente banhados em luar
No dormente deserto do meu luar!*

Carlos Lúcio Gontijo

Homens e vermes passeiam à luz do luar. Muitos deles estarão mortos quando o sol nascer, mas o que conta é a alegria de passear pela vida afora.

– Não tem problema, a gente dá um jeito, filha!

– Quer um pirulito? – Indagou Cristina à filha Verônica, de dez anos, que levava à escola pela manhã.

– Eu quero, mãe! Mas depois vou ter que beber água e lavar as mãos.

Mãe e filha seguiam assim rumo à escola. Cristina tinha passado por vários problemas psicológicos desde a infância. Engravidou-se muito cedo; aos 15 anos já era mãe. O namorado, também muito jovem, não assumiu a paternidade e, para agravar a situação, a mãe de Cristina, que se chamava Manoela, havia morrido quando ela nasceu, devido a complicações no parto e ela foi criada pelos avós maternos. Em seu histórico havia até tentativa de suicídio, o que sempre deixava os avós Miguel e Raquel em alerta, pois a neta, praticamente filha, vivia sempre em estado depressivo. Infelizmente, a vida é assim: tem gente que não aprende mesmo... Fica pelos cantos, encantoada por suas próprias frustrações, como se fosse feliz proprietária de pedaço em desencanto. Na realidade, já se encontra atrelado à morte aquele que abandona o galope da vida.

– Afaste-se Verônica, olha o trem! – Gritou Cristina, que empurrou a filha para trás e pulou diante da locomotiva, na linha ferroviária de travessia da cidade de Santo Antônio do Monte, no centro-oeste

de Minas Gerais.

Populares logo se aglomeraram e a notícia logo chegou aos ouvidos de Raquel e Miguel, que logo chegaram ao local, encontrando a bisneta em estado de choque, sem fala nem pranto e completamente estática. A bisavó Raquel cuidou de levar Verônica ao hospital, enquanto o bisavô foi dar andamento à dolorosa papelada burocrática relativa a um sepultamento.

– Que acidente mais triste, Sr. Miguel! – Disse o dono da funerária.

– Eu e Raquel passamos a vida amparando a fragilidade emocional de Cristina, mas não fomos competentes para enfrentar a tarefa que o destino nos impôs.

– Todos sabem, a cidade inteira reconhece o quanto vocês pelejaram. Vocês fizeram o que lhes foi possível. Sempre falo com as pessoas sobre o aprendizado extraído na minha lida de agente funerário, onde aprendi que “a vida é vida todo o tempo, independentemente da idade. Porém, quanto melhores as nossas escolhas, maior o brilho do palco!”

– É, você tem razão. Minha Cristina se esmerou em escolhas ruins, esquecida de que viver é muito mais que estar vivo. Ela sempre experimentou grandes contratempos, enfrentando o arrependimento tardio de quem opta por desconstruir antes de assistir à construção. Veja que triste decisão foi esta de resolver partir deste mundo sem vivenciar a felicidade de acompanhar o crescimento da filha, que ficará aos cuidados

de um casal de velhos, eu e a Raquel, seus bisavós.

– Estranhamente, Sr. Miguel, quando nos adaptamos a realidades ruins tornamo-nos, além de integrados, corresponsáveis pelos problemas provocados por elas.

– Viver é muito mais que simplesmente estar vivo. Tem algo a ver com o mundo da arte, que não aceita gente curiosa, é preciso ser artista. Como resposta aos amantes da escuridão, os horizontes de quem preserva claridade no coração terminam sempre ensolarados.

– Vejo que a sua lida diária com a morte o fez um homem sábio, o que é uma raridade nesta era de superficialidades. Quanta gente que somente desperta quando lhe falta chão!

– Agradeço-lhe o elogio, Sr. Miguel. Aqui assisto ao fim do orgulho de muitas pessoas diante da morte que, literalmente, iguala os desiguais. O arrogante não caminha, espezinha. O mal do vaidoso é trocar o caminho pelo espelho.

– A vida tem mesmo a ver com o dom de todo artista. Ou seja, antes de ser enfeite, toda arte deve ser tratada como ferramenta de transformação. Vida tem que ter sentido, razão, objetivo, missão. É por isso que costumo dizer que “o caminho que sigo floresce na planta de meus pés”. – Apregooou Miguel.

– Noto que o senhor está muito abatido, Sr. Miguel. O senhor pode deixar tudo por minha conta, afinal sou agente funerário e, sem rodeios nem eufemis-

mos, sou (na acepção da palavra) um despachante.

– Você tem mesmo razão. Vou deixar por sua conta, pois não me sinto bem e é uma tortura lidar com a papelada burocrática, deixando-me tão claro o dito popular que nos diz que temos que pagar para nascer, viver e morrer. Fico muito grato por você cuidar de tudo.

– O senhor não precisa me agradecer. É minha obrigação! – Respondeu o agente funerário.

– Qual é mesmo o seu nome? – Perguntou Miguel.

– Florêncio. – Respondeu o agente.

– Florêncio... O nome até combina com a sua atividade. Que belos dizeres tem essa placa estampada em sua sala: “Se é certo que todos os caminhos levam à morte, encha de vida os seus passos”.

Não há nada mais grave que a ingratidão, porque tenho a gratidão como o maior dos predicados. Creio que a gratidão faz parte de toda cura. Meu Deus, quanta angústia o ato de Cristina nos trouxe. Ouço em mim o caminhar lento da eterna lembrança se aninhando em meu coração, que certamente se amenizará com o decorrer dos dias, ficando nos arquivos da retina apenas os bons momentos. Saudade é uma lágrima correndo descalço no coração da gente. E foi assim pensando que Miguel chegou ao sacrossanto abrigo de seu lar onde, passado o trauma, a pequena Verônica liberou o pranto represado, que então lhe rolava face afora, molhando os olhos da alma da bisavó que, em silêncio consolador,

ouvia seus soluços.

– E aí Miguel, já conseguiu ajeitar a papelada do sepultamento? – Logo perguntou Raquel.

– Graças a Deus, o Florêncio da funerária vai cuidar de tudo!

– Padre Paulo nos telefonou. Ele vai celebrar missa de corpo presente. Estava muito emocionado, pois foi ele quem batizou nossa Cristina, que era muito católica.

– E era mesmo, Raquel. Nem sei como ela foi cometer um ato deste! Quantas vezes ela disse que não havia coisa alguma que valesse uma vida, considerada por ela um bem sagrado!

– A gente nunca sabe o que se passa no âmago do ser humano, que muitas vezes vive com alguma lâmina a lhe tisonar, irresistível e incessantemente, o espírito. – Entrecortou Raquel.

– Pois é, lembro-me de assistir Cristina a discursar em encontros religiosos. Segundo ela defendia, Deus não se move ao ser provocado por aqueles que não acreditam em sua existência, pois inversamente ao que se pensa é Ele quem crê e aposta em nós. Até “inventou” os diferentes, sob a crença de que nos uniríamos em torno da promoção da igualdade, mas daí o ser humano veio com o mais perverso dos elementos contrários à transformação da convivência social em democrática praça pública, alicerçado no verdadeiro amor e respeito ao próximo: a indiferença. E a bem da

verdade, não há deficiência maior que a indiferença humana – Recordou Miguel.

– E no final das contas ela nos provou que tinha razão, pois a existência de Deus não pode ser avaliada segundo as nossas imperfeições como seres humanos guiados pelas seduções mundanas. Chamar Deus pra briga ou proferir impropérios, não o tirará de sua passividade e calma, pois Ele é imune e não se deixa atingir por nossa ira, descendo ao nosso rastejante nível espiritual. Ninguém vive ou morre por negá-Lo, mas existe como luz e energia eternas, aqui ou em outra morada, pela misericórdia de Seu Divino Poder, que nada tem a ver com o divino poder de nossos obscuros e históricos reis. Talvez, ciente dessa filosofia religiosa e descontente com sua existência terrestre, Cristina tenha cometido o gesto insano de se matar, numa demonstração cabal de indiferença a todos nós.

– Afirmou, esvaindo-se em lágrimas, o velho Miguel.

– Oh, querido Miguel! É lógico que devemos ficar tristes, mas veja só como Deus mais uma vez dá um jeito de aliviar a nossa dor. Um dia nós perdemos a nossa filha Manoela, mas ela nos deixou Cristina. Agora, Ele nos leva Cristina e temos a Verônica. Criá-la é a nossa nova missão. Choremos a morte de Cristina, mas é nosso dever erguemos a cabeça, tanto por nós quanto por nossa bisneta, outra filha postiça, à qual nos compete encaminhar na vida.

No dia seguinte, pela manhã, ocorreu o sepultamento. Padre Paulo, com voz emocionada e tonitruan-

te, fazia tremer as paredes da capela e, certamente, o coração das pessoas presentes: “A vida nos laceia a pele, amolece-nos os passos, para que consigamos resistir a muitas solidões ao longo de nossa jornada terrestre, quando muitas vezes nos sentimos sozinhos ou apenas com a presença de alguns bons amigos, que nem chegam a ultrapassar o número de dedos de uma de nossas mãos. Sob a esperança de encontrar um mundo novo, que fica pra lá de todas as montanhas, próximo de um mar azul, onde se banham todas as estrelas ao final de cada noite, nossa amiga Cristina partiu. Precisamos na vida de nos aplicar na construção de amizades verdadeiras e, ao mesmo tempo, fugir do falso amigo, principalmente do bajulador, que é sempre a bengala iluminada do vaidoso obscuro. Uma boa amizade muitas vezes nos livra do mau caminho e, como se fosse uma espécie de anjo protetor, nos salva. Lembremo-nos que o tempo da música não se mede pelo senso métrico ditado pelo campo físico. Sua medida tem a exata dimensão sonora de nossa alma, que por sua vez e, musicalmente, não tem tempo nem idade. Por diversas vezes ouvi a professora de história Cristina dizer, em casuais aulas de catecismo na igreja: “Quem não lê se apequena, ou seja, tem o justo tamanho de sua falta de leitura”. ...E para encerrar nossa missa de corpo presente, lerei um poema de autoria de nossa irmã de crença religiosa, Cristina”.

BERÇO DA PAZ

*A paz ideal é bem mais que bandeira
Só é verdadeira no esforço comum
Na sublime soma de um mais um
Tornando viva a união social
Pela qual toda gente é igual
Contida na ternura branca do lençol
Estendido feito sol na batida do coração
Que no berço do peito adormece em paz
Ao som de prece em forma de canção.*





CAPÍTULO 2

AVE VOADEIRA

*Mistério é feito de grito em silêncio
Um cemitério de ausência que fala
Que inexplicavelmente nos cala a alma
Na vida há que se ter calma para saber o voo
Ter sentimento de pássaro para não sofrer enjoo
Tudo é tão longe e muito alto
O sonho vai além da poeira do asfalto
Exigindo-nos asas de ave voadeira*

Carlos Lúcio Gontijo

– É, minha Raquel, o negócio agora é juntarmos os cacos e fazermos de tudo para que nossa bisneta não fique com problemas psicológicos ou traumas prejudiciais ao seu desenvolvimento na vida! – Projetou Miguel.

– Só nos resta aplicar o resto de nossas vidas na educação de Verônica, garantindo-lhe uma pré-adolescência o mais saudável possível. – Interpôs Raquel.

– Na semana passada, ofereceram-me uma boa casa na área central da cidade. Acho que seria bastante proveitoso, talvez o ideal diante da atual situação, que nos mudássemos. A casa ofertada tem um quintal com excelente área de lazer e até uma pequena piscina, da qual a Verônica muito gostará. Será muito difícil para todos nós continuarmos aqui.

– Você tem toda razão, Miguel, ainda mais que, agora, às lembranças de nossa filha Manoela se juntam as recordações de nossa neta Cristina. Além do mais, todo o drama se agrava pelo fato de morarmos numa cidade pequena, onde a vida alheia costuma fazer parte do assunto cotidiano das pessoas.

– Então está resolvido, vamos mesmo mudar de casa, em busca de novos ares. Somos demasiadamente escravos da rotina, por não nos esquecermos do dia de ontem. Certa feita, ouvi de um professor de filosofia que o horizonte se abre ao sol todos os dias em plena virgindade, pois não se lembra da luz de ontem. O mesmo acontece com o sol, que retorna todos os dias por se esquecer de todas as mazelas, dores, desigualdades,

injustiças, discriminações, tristezas e maldades humanas, às quais assiste forçadamente devido ao seu luzidio ofício cotidiano de iluminar. – Discursou Raquel.

– Pobre sol que, ao não poder escolher a quem contemplar com sua luz, tem que se regozijar por ser detentor do dom da mais absoluta capacidade de esquecimento. Todavia, até nós (seres humanos) necessitamos de alguns vazios ou vácuos de memória, para enfrentarmos os momentos de grandes atribulações, que se guardados em sua inteireza nos enlouqueceriam. – Interveio Miguel.

– O que importa mesmo é que estamos dispostos a trabalhar pela felicidade de Verônica, afastando-a o máximo possível de gente maldosa e fofoqueira, que sempre insistirá em reprisar o infausto dia do suicídio da mãe. – Ponderou Raquel.

– Todo cuidado será pouco. Tem muita gente oca e vazia por dentro como um sino, porém dotada de extrema capacidade de levar poluição sonora à vida alheia. – Brincou Miguel, esboçando um sorriso tímido.

Ambos saíram da cozinha, onde conversavam e tomavam café feito pela empregada Enilda, que era como se fosse membro da família. Foram até o quarto no qual dormia a bisneta Verônica, depois de um dia eivado de ervas daninhas da dor por todos os lados, como se a vida não passasse de uma imensa lavoura malcuidada pelos homens sem juízo e de escassa razão. Abraçados, como se estivessem a se amparar, retorna-

ram à cozinha, onde Enilda foi logo perguntando:

– E a nossa menina, como está?

– Dorme profundamente! – Respondeu Raquel.

– Que peça o destino nos pregou, mas Verônica é quem mais sofrerá com a perda da mãe! – Vislumbrou Enilda.

– Você tem toda razão; mãe é mesmo insubstituível e faz muita falta. Ainda mais para uma menina de dez anos! – Aquiesceu Miguel.

– Já deu a sua hora, Enilda. Está na hora de você ir cuidar de sua casa. Obrigada por tudo, por nos ajudar neste momento tão difícil! – Entrecortou Raquel, lacrimosamente.

– Boa pessoa essa Enilda. O mundo está repleto de gente considerada importante, que se nos apresenta grande e, ao mesmo tempo, envolta em gigantesca pequenez. Deparo-me constantemente com gente assim, que passa a vida sendo o que não é, transformando a aparência e a encenação em rituais que, mesmo movidos, são os alicerces de sua realidade, tão virtual quanto uma página do “facebook”; na base do popular parece, mas não é! – Diagnosticou Miguel.

– As pessoas são assim mesmo. Convivemos com muita gente importante sem importância alguma. Ser humano como a Enilda é cada vez mais raro. Ela é simples, amiga, solidária, prestativa... E certamente nos será de muita valia na recuperação da Verônica, que gosta muito dela. – Profetizou Raquel, cheia de ânimo.

– Com toda a certeza Enilda será de fundamen-

tal importância. Ela não tem muito estudo, mas é de prodigiosa e nata sabedoria. Lembra-me muito o matuto da floresta que não é, em muitos casos, sequer alfabetizado, mas sabe ler o que está escrito nas folhas das árvores, entende o canto dos pássaros, compreende o entrelaçar das raízes na terra e decifra as mensagens contidas na voz do vento. – Solidificou Miguel.

– Gente como a Enilda não tem nada de provincianismo. Para mim, provinciano não é aquele que vive no interior, muitas vezes lá no meio do mato e bem distante das áreas urbanas, mas aquele que pisa a argila e não consegue fazer pote. Ou seja, provinciano é ser humano sem inventiva e sem desejo nem capacidade de produzir e progredir com a matéria prima e a ferramenta das quais dispõe. – Pontuou Raquel.

– Você tem toda a razão. Mas vamos nos recolher, sob a certeza de que tudo na vida se resume em horizonte de acolhimento, que sempre termina procurando na gente mesmo o seu cantinho de sol para ganhar luz, existir.

E assim os dois aposentados, um casal unido nas alegrias e sofrimentos da existência, se entregaram preparados à construção de um tempo sobre as cinzas do aprendizado que deve ser extraído de toda dor. Raquel e Miguel foram dormir e, ainda que demorassem a cair no sono, suas mentes já repousavam, como flutuantes plumas aladas, nos horizontes de luz que lhes haveriam de vir, espargindo cheiro de primavera e voo de ave voadeira.





CAPÍTULO 3

VOO CASEIRO

*Família urdida no amor levita
Casa copia a face de quem a habita
Eis a razão do alicerce na alvenaria
Pois sem ele toda construção voaria
Nas asas da ilusão e da fantasia...*

Carlos Lúcio Gontijo

Mudar de casa não era tudo, mas em tudo na vida o primeiro passo deve ser dado. Os moinhos de vento dos poetas não vão mudar o mundo, mas têm o poder de torná-lo mais sensível e humano.

Miguel e Raquel, mais que nunca, acreditavam que sonhos devem ser erguidos com tijolos de boa luz.

Abraçavam cada amigo que os procuravam para uma palavra de consolo, como se deparassem com um irmão. Afinal, os amigos são poeiras cósmicas desprendidas de uma mesma estrela que, por obra do acaso, se reencontram no plano terrestre.

– Veja, vô Miguel, que bela piscina! – Exclamou Verônica ao abrir a porta que dava para o quintal.

– Pois ela é toda sua, para quantos mergulhos quiser! – Acrescentou Miguel, todo contente com a espontânea aprovação da bisneta.

– Vou ter saudades da casa da rua Nova, mas com certeza construiremos outros patamares de vivências e convivências para ser guardadas nos escaninhos da memória, aqui na Praça da Matriz. – Prognosticou Raquel, chamando Miguel para assistir à bela paisagem da praça, revelada em perfeito zoom pelas janelas da sala.

– Bonito mesmo, minha querida. De agora em diante, poderemos constatar in loco, ao abrir as janelas da sala de nossa casa o porquê de o insano, o sagrado e o profano andarem juntos, sob a consciência natural de que, em algum momento, poderão atuar como

anjos na vida de alguém. – Filosofou Miguel, como um velho dono de farmácia a indicar remédio para as dores do mundo.

– Tomara que os tais anjos intervenham em nossas vidas, cuidando e velando por nós! – Desejou Raquel, sob os fluidos de quem havia levado a vida como enfermeira e tudo o que mais queria era ver as pessoas sendo bem cuidadas.

– Vamos mesmo nos alegrar minha gente! Quantas pessoas que nada têm e, ainda assim, se fazem contentes pela esperança que habita o dia seguinte, onde esperam encontrar a tão sonhada oportunidade que lhes é negada pela ganância de uma sociedade materialmente insaciável. Na humildade em que sempre vivi, aprendi que é preciso ter para perder. Aliás, foi o que falei com a pequena Verônica, que deveria contentar-se com a alegria de ter tido uma boa mãe. – Entrecortou Enilda o assunto, com a voz carregada de emoção.

– Você tem razão, Enilda. Quem nunca sofreu a dor de uma despedida, ao certo também não experimentou a alegria da chegada! – Complementou Miguel.

– É a mais pura verdade, patrão. A vida é feita de mel e fel! – Cravou o electricista Antônio, que instalava um lustre na sala.

– Isto mesmo, seu Antônio! – Festejou Enilda, com o seu jeito cantado e alto de falar.

– Vem ver o meu quarto, vovó! – Sobrevoou Verônica o ambiente, arrastando Raquel pela mão.

Dessa maneira, envoltos na paisagem nova da casa, todos foram construindo horizontes de luz dentro de si mesmos e compreendendo com naturalidade que deveriam insistir em viver dobrado em nome dos entes queridos que, sem qualquer combinação prévia, deixaram este mundo. Os banhos de piscina com amigas da velha Rua Nova (onde residia) e as outras colegas do novo local de morada passaram a fazer parte do dia a dia da menina Verônica, que logo percebeu a delícia que era passear na praça, sentar-se à sombra do caramanchão repleto de folhas verdes, flores e frescor. Definitivamente, a mudança de casa beneficiou a todos, especialmente Verônica, que logicamente devia ainda ouvir, uma vez ou outra, o apito do trem, mas não o tinha em conta de apito de rigoroso árbitro de futebol, assinalando pênalti contra a meta de sua felicidade, ou insistindo em indicar impedimento na hora de ela fazer seus gols no ininterrupto e disputado jogo da vida.

– A vida nos cobra mesmo coragem e luta! Asseverou Miguel.

– Sem disposição para digladiar contra as intempéries da caminhada, não há como viver. Veja nossa bisneta Verônica como cresceu, e que belo exemplo de superação que ela é para todos nós! – Apontou Raquel.

– E cresceu mesmo, em pleno acordo com o passar dos anos. Amanhã, ela terá a primeira aula de dati-

lografia com a Dona Georgina. Foi decisão tomada por ela mesma, pensando na possibilidade de emprego em Belo Horizonte, para onde pretende ir ao final do ano, a fim de prestar vestibular para Veterinária. – Regozijou-se Miguel, todo senhor de si.

– Já estava sabendo de tudo, até da escolha do curso, que é influência de sua convivência com a Enilda. – Revelou Raquel.

– E foi mesmo, vovó! – Confirmou Verônica que entrava correndo casa adentro.

– Como assim, Verônica?! – Surpreendeu-se Miguel.

– Uai, vô! Há quanto tempo frequento a fazendinha do Brasilino, marido da Enilda? – Interpôs Verônica.

– É mesmo, minha bisneta! Foi a Enilda que lhe ensinou a cavalgar. – Lembrou-se Miguel.

– E também a tirar leite, tratar de porco, galinha... Com o Brasilino aprendi a expressão “o bom cabrito não berra”; aliás, que bichinhos bonitinhos são os cabritinhos! Adoro cuidar da bicharada e até acho que vou mais à fazendinha que a própria filha da Enilda, a Sara, que ao que me parece não aprecia muito aquele lugar. – Narrou Verônica, entusiasmadíssima.

– Tudo bem, mas por falar em bicho, você já levou a Kika para vacinar? – Perguntou Raquel à bisneta.

– Não levei não! – Respondeu Verônica.

– Como é possível uma coisa desta, Verônica!

Fica aí a cantar amor pelos bichos e se esquece de levar a Kika para tomar a vacina antirrábica! – Desconjurou-se Raquel.

– Claro que não levei... Eu mesma a vacinei! – Comemorou Verônica, às gargalhadas.

– Veja só, a menina já é veterinária e nós não sabíamos! – Brincou Miguel, que no fundo estava todo orgulhoso pelo feito da bisneta.

– E eu já estou saindo... Vou à reunião de cidadãos contra a derrubada da velha matriz. – Disse Verônica em tom grave e sério.

– Mas vão mesmo demolir uma construção sagrada e histórica, erguida com o suor de mão de obra escrava? Isto é um sacrilégio! – Ponderou Miguel.

– Acho que nem há mais jeito de impedir. Porém, não vou deixar de me manifestar contra a demolição. Eu era menina e me lembro de ir frequentemente à velha matriz com minha mãe. Nela todos os membros de nossa família se casaram e foi também ali que todos foram batizados. Você tem toda a razão vovô, é mesmo um sacrilégio, que inexplicavelmente é ideia originária da mente do próprio padre. – Dissertou Verônica, revelando-se detentora de imensa sensibilidade de cidadã e grande sentimento coletivo.

– Não vai ser fácil, Verônica. Já tem gente rotulando os que são contra de doidos varridos e atrasados, pois segundo os pró-demolição quem se coloca desfavorável à proposição está agindo contra o progresso.

– Descortinou Raquel.

– Podemos até sermos loucos, pois ser humano algum bate bem da telha. Todavia, muito mais desatinados são aqueles que pretendem erigir progresso sobre os escombros de edificações históricas, ignorante e insensivelmente demolidas. – Exaltou-se Verônica.

– Calma filha, vá devagar com o andor que o santo é de barro! – Ponderou Miguel.

– Ainda bem que é de barro, pois se fosse de ouro, aquele padre já o teria vendido. Sorte da Igreja Católica de ele não ser o Papa, pois se o fosse ele jogaria ao chão toda a Roma, em prol de desvairada e ignara modernização. – Discursou Verônica, revelando-se adulta e responsável.

– Muito cuidado na condução desse assunto minha bisneta, você corre o risco de se ver sozinha. Em cidade de pequeno porte, todo mundo costuma ser amiguinho um do outro e é enorme o compadrio. Eles se unem para o bem e para o mal, optando sempre por morrer falsamente abraços. Gritam contra os governos federal e estadual e se calam diante dos desmandos municipais. – Alertou Miguel.

– Sei de tudo isso, vovô. Compreendo até que demolir casarões é uma tradição cultural da cidade, que se vem transformando em mero retrato na parede. E assim sendo, posso mesmo me ver sozinha na luta contra a demolição da igreja matriz, pois quando as coisas deixam de serem fáceis, extremamente fáceis, é

que nos deparamos com o sumiço dos viciados em facilidades. – Lancetou certeira­mente Verônica, que saiu apressada ao encontro de sua missão impossível.

– Minha nossa, que menina resoluta! – Surpreendeu-se Raquel.

– Não se preocupe Raquel. Deveríamos nos preocupar se ela fosse passiva e completamente letárgica perante as injustiças e desigualdades impostas à sociedade. – Contemporizou Miguel.

– Talvez você tenha razão. E ademais, é assim agindo que a Verônica se sente bem; é da natureza dela. – Acentuou Raquel.

– No final das contas é como costumava dizer nossa saudosa filha Manoela: “Não importa se magro ou gordo; o que nos deve interessar é sempre a nudez da leveza do ser!” – Solidificou Miguel.

– E isso mesmo, meu querido Miguel! Demolir a igreja matriz é o ápice do desprezo pelo patrimônio cultural da nossa cidade. E muito mais do que aqueles que vêm derrubando casarões ao logo da história do nosso município, os que agora se apressam em concorrer para a derrubada da igreja matriz se nos apresentam completamente nus, despidos no que diz respeito a amor e respeito ao trabalho desenvolvido e deixado pelas pessoas que nos antecederam. – Destrinchou Raquel, enquanto retirava um poema, guardado entre as folhas de um livro exposto na prateleira de estante na sala.

OSSOS DO CASARÃO

*Gemem no jazigo do chão os destroços
Espécie de ossos do velho casarão
Chora a paisagem o horizonte perdido
Contido em janelas e portas a ouvir passos
De sentinelas de memórias agora mortas
Simples restos de histórias ao relento
Expostos no desalento de fotos na parede.*



CAPÍTULO 4

TEMPO DO NUNCA

*Depois de tanto trabalho
Suor sem atalho no rosto
Desejei sentir o gosto feliz
De um país exposto na esquina
Deparei-me com o desgosto do pranto
Neste mundo redondo e sem canto
Onde o povo labuta de dia
E para seu total desencanto
A venal autoridade à noite negocia
Adiando pra nunca a liberdade tardia*

Carlos Lúcio Gontijo

Semeamos o amor por entre os vãos de luz, no terreno movediço das ilusões. A maioria das sementes se perde, mas as que vingam e geram grãos servem-nos de alimento na dura caminhada de nossa existência terrena.

Historicamente (e em nome de Deus), as religiões mais dividem do que unem a humanidade, pouco ou nada contribuindo para o surgimento da tão sonhada paz mundial. O fato a ser avaliado é que, independentemente de qualquer crença, toda busca de cooperação universal somente seria alcançada se cada um de nós se entregasse com amor, sinceridade e responsabilidade às funções que desempenhamos na sociedade. Assim, construiríamos seres humanos melhores, dos quais adviria um mundo de todos nós, numa verdadeira oração libertadora de Jesus Cristo, que permanece cotidianamente crucificado pela realidade social anticristã na qual vivemos.

– Veja vovô, a iminente derrubada da igreja matriz já não é mais uma possibilidade latente, acontece aos primeiros raios da manhã, bem em frente à janela de nossa casa. – Apontou Verônica para Miguel, ainda com um copo de café nas mãos e já vestida com o uniforme da escola.

– Você e seus amigos fizeram o que puderam, mas contra a força não há resistência. – Tentou Raquel emitir algum consolo.

– Mas ainda vou fazer barulho! – Disse Verônica, com o telefone e a lista de endereços de seus companheiros de batalha. O primeiro a receber seu telefonema foi Gustavo, com o qual tinha muita afinidade, inclusive o

gosto por veterinária. Ele, paralelamente ao ensino médio, fazia curso técnico de auxiliar veterinário em Divinópolis, uma cidade vizinha, com aulas aos finais de semana... Dessa forma, não demorou muito e um punhado de jovens se juntou em torno do tombamento, que em vez de histórico, era literalmente uma descabida demolição.

– E aí padre, está satisfeito com a sua oração matinal?! – Chegou bradando Verônica.

– Que oração, menina; não estou entendendo! – Desvencilhou-se o padre.

– O gesto é a nossa principal oração diante do Criador. Quem muito reza costuma nada fazer e aí costuma estar a redenção dos ateus, que sem saber e mesmo sob o signo da descrença conseguem agradar a Deus. – Interveio Gustavo.

– É isso mesmo, Gustavo! Juntamo-nos em oração, batemos palmas e damos vivas a Jesus Cristo e a Deus, rebaixando-os à condição de simples astros do mundo musical. Eles não precisam de ovação, pois não estão num palco à procura de fama e sucesso, o que eles querem de nós é passo, é gesto! – Emendou uma jovem de nome Alaíde.

– Vocês amanheceraam com o diabo no corpo e estão falando um monte de blasfêmias! – Defendeu-se o padre.

– Blasfêmia é religioso insensível e sem respeito pela história de nossa cidade. O que agora assistimos é a comprovação cabal de que tem gente que alimenta tamanha aversão ao futuro que mata sua semente no presente.

– Intrometeu-se, mais uma vez, Gustavo.

– E tem mais, como ouvi dizer: “Gente sem ato; gente à toa!” – Emendou Alaíde.

– Calma pessoal, afinal a demolição não é decisão apenas minha! – Ponderou o padre.

– Mas foi o senhor quem a propôs e envidou todos os esforços para que ela acontecesse! – Gritou alguém na multidão, que aos poucos se desfazia.

– Não há mesmo jeito, o absurdo histórico já está em andamento e registrando o seu nome, padre, em cada pedra retirada. A arte de voar como o beija-flor não se aprende com aves de rapina... E a palavra de Deus também não! – Proferiu Verônica, que olhou para trás e percebeu que (ali) restavam apenas uns gatos pingados, além dela, Gustavo e a combativa Alaíde, que ainda ariscou uma última fala:

– O alimento do mal é o silêncio do bem... E nós não contribuimos para isto.

– Muito bem dito, Alaíde! Além do mais quem luta por uma causa, ainda que não atinja seu objetivo, semeia algumas vitórias ao longo da batalha. – Aplaudiu Verônica.

– Vocês abusaram de minha paciência! – Esquivou-se o padre.

– Sem essa de paciência. O que o senhor não tem é argumento. Que me desculpe, mas o senhor parece gente frustrada e malsucedida na vida, que costuma ser meio apocalíptica e determinada a colaborar para a instalação do caos social. – Alardeou Verônica.

– Nossa tentativa de impedir a demolição pode ter

sido uma gota d'água, mas nós a destinaremos ao mar da atitude e do exemplo, dos quais a nossa sociedade tanto carece. – Filosofou Gustavo.

– Vamos embora, gente! E quanto ao senhor, padre, não se esqueça de que os bajuladores de hoje costumam ser os potenciais traidores de amanhã. – Disse Verônica, fechando o cenário do histórico sacrilégio.

Os três jovens viraram as costas à poeira e ao ensurdecido barulho da demolição. Ao padre restaria arrastar a cruz da heresia de seu ato pela vida afora. Contudo, uma diáfana energia superior agia no coração de Gustavo, Alaíde e Verônica, provando que Deus ocupa espaço dobrado em nossas vidas, quando o infortúnio nos silencia as palavras.

Finda a batalha inglória, os jovens estudantes não tinham como enfrentar um dia de aula. Ciente de que encontraria compreensão na ternura do amor de seus bisavós, Verônica convidou Alaíde e Gustavo para irem até sua casa, localizada bem em frente à polêmica demolição.

– Não deu outra pessoal; os poderosos venceram mais uma vez! – Lamentou-se Verônica, diante dos bisavós e da Enilda.

– Esta é a lei dos homens, meus jovens! Toda luta social encontra dificuldades em sua implementação, pois temos um Estado opressor por natureza, uma igreja doutrina-dora por essência e uma mídia manipuladora por venalidade. – Ensinou Miguel.

– Foi isso o que ganhamos por sermos católicos praticantes. Não vou abandonar minha fé, mas de agora em diante não quero mais envolvimento com igreja.

Deus está em mim e eu sou sua igreja em carne e osso.

– Garantiu Alaíde.

– A gente somente é gente quando mora dentro da gente um punhado de gente. Tudo aquilo que contribui para o florescimento da discórdia social deve ser desprezado e abolido do nosso dia a dia. – Esclareceu Gustavo.

– O tempo lhes ensinará o porquê de alguns estratos sociais não se misturarem e preferirem viver em segregação. Isso acontece porque atitudes insanas e gestos ruins só podem ser divididos (e confidenciados) entre as pessoas que são capazes de cometê-los. Por exemplo, ninguém a favor da demolição da igreja matriz veio nos comunicar que o despropósito inaudito iria ser iniciado hoje pela manhã. – Explanou Miguel.

– Claro que não! A gente não iria concordar. – Entrecortou Enilda, que estava pra lá de contrariada.

– Está aqui o biquíni para a Alaíde. Já quanto a você, Gustavo não tem jeito, pois o calção do Miguel não lhe serve. – Disse Raquel, interrompendo a conversação.

– Não faz mal, Dona Raquel. Eu não posso mesmo ficar; vou aproveitar para colocar em dia alguns trabalhos do curso técnico de auxiliar de veterinária. Estudar ensino médio e técnico ao mesmo tempo, não é fácil!

– Menino esforçado esse Gustavo! – Elogiou Raquel.

– E vocês, Verônica e Alaíde podem ir para a piscina. Daqui a pouco vou pra lá, mas não vou entrar n'água. Vou assar uma carne para acompanhar o almoço. – Conclamou Miguel.

– Essa água deve estar muito fria. – Disse Alaíde.

– Fria foi essa querela em que entramos ao contestar o padre. Vamos, pule Alaíde! – Incentivou Verônica.

– Até que a temperatura da água está suportável. Não está muito fria não! – Constatou Alaíde.

– Meninas, estou chegando para atear fogo na churrasqueira! A carne será providenciada pela Enilda e pela Raquel, pois esse negócio de temperar é sempre bom deixar por conta delas. – Alegrou-se Miguel.

– Existe gente que dispensa guiar-se pela fraternidade do amor ao próximo e prefere a viseira de seus interesses. Não amigos, mas capatazes e asseclas, que aplaudem o monopólio de seu discurso cuja órbita não vai além do próprio umbigo. – Descortinou Miguel às meninas, que o ouviram com atenção.

– É por essa espécie de discurso que eu tanto gosto de aulas de filosofia, sociologia e história. Não acho muito certo a pessoa ser apenas especialista, aprisionando-se ao conhecimento restrito e pertinente à profissão que exerce, pois todos nós devemos ser entendidos em gente, que é o objetivo e alvo final de nosso aprendizado técnico. – Enalteceu Verônica.

– Baseada nisso a professora de filosofia sempre nos assinala que ser gente de verdade vale mais que diploma e pompa. Em suas andanças, ela nos diz ter encontrado muito ignorante com certificado de curso superior na parede e muito sábio portando apenas a indispensável sensibilidade de vida no coração. – Desatilou Alaíde.

– É por essas e outras que, no tempo do meu

avô, palavra empenhada valia mais que documento passado em cartório nos dias de hoje. – Pontuou Miguel.

– Na minha casa estamos todos boquiabertos com o posicionamento de nossas elites, que promovem a maior propaganda contra o governo, acusando-o de fazer uma política demasiadamente voltada para os pobres. No meu ponto de vista, quem mais necessita de ação do governo são exatamente os mais necessitados. É estranho assistirmos aos abastados (quase todos neoliberais) que torcem o nariz no tocante às políticas públicas de combate à pobreza, mas reivindicam e festejam benefícios, incentivos e isenções carreadas para o chamado setor produtivo, com privilégios até para o setor bancário que nada produz, muito pelo contrário, com seus juros elevados aniquilam e corroem a saúde financeira de nossas empresas. – Dissertou Alaíde, que já ajudava o pai numa loja de aviamentos e, por isso mesmo, tinha conhecimento da realidade econômica do país.

– É lamentável observar a existência de pessoas que, em vez de almejar a extinção da pobreza, desejam de forma velada a eliminação dos pobres. – Condenou Raquel, que chegou com a carne temperada.

– Ultimamente, evito prestar qualquer auxílio financeiro a instituições de caridade e organizações não governamentais, que sabidamente vêm contribuindo para a desestabilização do governo, cuja política administrativa tem tirado tanta gente da miséria absoluta, pois ao se colocarem contra as providências públicas de combate à pobreza dão a entender que desejam perpetuar a existência de pobres e mendigos pedindo

esmolas nas ruas. Além do mais, ao agirem no sentido da construção de ambiente de caos econômico-social, que (numa análise surrealista) parece ação direcionada à constituição de algo identificado como uma espécie de montagem de reserva de mercado, deixando claro aos olhos de qualquer bom observador a existência do propósito de pretenderem alcançar a inimaginável meta de garantir a prosperidade de suas entidades filantrópicas, à custa da eternização do recebimento de matéria prima proveniente da miséria alheia. Definitivamente, não dá para entender como o cidadão se esmere em ações de filantropia e, ao mesmo tempo, se coloque contra a projeção de real caridade por meio da aplicação de políticas de justiça social. – Protestou Miguel.

– É como nos ensinou o nosso professor de sociologia: Ninguém deve cometer a insanidade de torcer pela queda do avião, sob a alegação simplista de ter ódio do piloto! – Proferiu Alaíde, levando todos ao riso.

– A vida se resume em caminhar na direção da luz como se fôssemos horizontes. Viver se transforma em arte quando temos em mãos a tela da amizade. Neste momento, sentimo-nos misturados ao talento de Van Gogh, Leonardo Da Vinci, Pablo Picasso, contraindo através do afeto as cores do nosso renascimento. – Orou Miguel.

– É por falas assim carregadas de poesia e sensibilidade que eu gosto tanto das aulas de filosofia, sociologia e história. Nosso professor de sociologia gosta de afirmar que a cultura está para a educação como a moldura para o quadro. Sem a sensibilização proporcio-

nada pela cultura sobre o conteúdo ou conhecimento didaticamente absorvido, a educação não alcança sentido como fator de desenvolvimento humano, assim como o quadro desprovido de moldura que, em vez de paisagem na parede, termina na escuridão úmida de uma gaveta qualquer. – Discorreu Alaíde, já perguntando as horas, pois tinha que ir ajudar o pai na loja de aviamentos na parte da tarde, como fazia todos os dias depois das aulas.

– Pois é, Alaíde, a importância da cultura é exatamente essa que o seu professor tão bem lhe ensinou. Com o passar do tempo, a idade e os grandes e pequenos “alzhimers” da vida, a pessoa pode esquecer parte dos conteúdos ministrados pelo sistema educacional frequentado por ela, mas conserva na mente, nos gestos e no olhar a sua maneira cultural, filosófica e sociológica de vislumbrar o mundo.

– Outro dia uma de nossas colegas, dentro da visão direitista, fez um verdadeiro libelo contra a corrupção sem que ninguém a interrompesse. Quando ela terminou, calmamente, o nosso professor de história lhe disse: Você que tanto brada contra a corrupção sabe que 500 bilhões de reais são surrupiados dos cofres públicos por ano no Brasil e que 75% dos desvios acontecem nos municípios? O cidadão mora no município (e não no Estado ou no Governo Federal) e precisa conscientizar-se disso, fiscalizando ou ajudando a cuidar da sociedade em que vive. – Recordou-se Verônica.

– Já vamos almoçar Alaíde, mas antes vou lhe contar o final de um debate no meu tempo de estudante em que baixou um santo de conceitos radicais sobre um co-

lega e ele deitou falação, execrando as camadas mais pobres da população, às quais ele culpava pelas dificuldades enfrentadas pela nação brasileira. Falou o que bem quis e se viu obrigado a ouvir tapa de luvas do professor de filosofia: Se na sua ideologia, seja ela qual for, não houver espaço para medidas de proteção e apoio aos segmentos mais pobres da população, certamente não haverá possibilidade de convivência nem amizade entre nós. – Decantou Miguel o assunto, sob o aplauso das meninas.

Todos almoçaram. Alaíde se mandou rapidamente, pois tinha o compromisso de ir para a loja de aviamentos do pai; Verônica saiu com a finalidade de fazer trabalho de escola em casa de amiga. E enquanto Enilda lavava o vasilhame, Miguel e Raquel ficaram na cozinha a conversar.

– Ao que parece a igreja demolida foi soerguida para sempre na memória e no coração dessas meninas. – Pregou Raquel.

– Quem vê a Verônica do jeito que hoje está, nem imagina a menina peralta que ela foi. – Rememorou Miguel.

– Não me esqueço daquele circo que passou pela cidade e o palhaço saía pela rua chamando a meninada para ajudá-lo na propaganda do espetáculo. A Verônica fazia absoluta questão de marcar presença; era o palhaço passar na rua e ela logo a lhe acompanhar! – Disse Enilda entre sorrisos.

– Eu lembro bem desse fato. Tivemos até que arrumar um garoto mais velho para ficar de olho em nossa andarilha, que como os demais meninos e meninas

eram seduzidos pelo circo. Ainda mais com o sorteio de ingressos entre a garotada que acompanhava a andança do palhaço pela cidade afora. – Interveio Raquel.

– Então teve um dia em que Verônica não foi contemplada no sorteio do ingresso, mas não desistiu de ir ao circo. Entretanto, em vez de pedir-nos dinheiro para comprar o ingresso, resolveu cometer uma travessura. Explicando em miúdos: optou por passar por debaixo da lona do circo, conforme observou muito menino e até adulto fazer. – Pormenorizou Miguel.

– Assim planejou e assim executou. Verônica passou por debaixo do pano e toda vaidosa pela esperteza assentou-se junto aos coleguinhas. Ocorre que, no intervalo, quando as pessoas saíam pela porta apresentando a metade do ingresso picotado, ela não tinha como fazê-lo. Espertamente, recorreu ao porteiro dizendo que havia perdido o papel, mas para a sua surpresa e vergonha o porteiro lhe disse: “Não tem problema não; é só você sair pelo mesmo lugar em que você entrou!” – Disse Raquel às gargalhadas.

– Coitada, saiu apressada por debaixo da lona e chegou em casa aos prantos! – Lembrou Miguel.

– Criança faz mesmo estripulia e é coisa natural, pois elas estão sopitando vida por todos os lados. Certa vez pedi à minha Sara, que tem praticamente a mesma idade da Verônica para comprar uma dúzia de laranjas, num mercadinho próximo de minha casa. Chuviscava e ela levou a sombrinha. Lá chegando, ela foi à banca de laranjas e, ao invés de 12, ela pegou 13, saindo apres-

sadamente, como é comum nesses casos. Porém, como todo malfeito costuma ser castigado, Sara se deparou com forte chuva ao chegar à porta do mercadinho. Aflita, retornou à banca, mas na borda do balcão das laranjas o guarda-chuva já não estava. Teve então que caminhar debaixo de chuva, ensopando-se toda. Nem ralhei com ela, pois já tinha enfrentado a sova de uma grande lição que ela guardou para a vida toda. Até hoje ela se lembra do fato e de vez em quando fala nele; sorri, mas em seguida fecha o semblante. –Relembrou Enilda.

Estavam a rir das reminiscências, quando entrou Verônica, sob o saudável vendaval próprio dos adolescentes, com um quadro enorme nas mãos, onde se via um belo desenho do rosto de Cristina, acompanhado de uma frase.

– Que quadro é esse, minha filha?! – Indagou Raquel.

– É o desenho do rosto da minha mãe e fui eu quem fez. Graças às aulas de artes pude desenvolver o meu talento para desenhar. Se viva estivesse, hoje seria aniversário de minha mãe e eu estou dando um presente duplo, tanto para mim quanto para ela. – Revelou Verônica, com a voz trêmula.

– Leia a frase para nós, Verônica! – Afobou-se Miguel, sob a mais intensa emoção.

– Tudo o que sei é que, nesta vida, precisamos ter para perder e que a dor da perda nunca pode ser maior que a alegria de ter tido.



CAPÍTULO 5

IMÃ DE GELADEIRA

*Tento ganhar alguma importância
Meiga constância no coração de quem amo
Por isso tramo ser um simulacro de apelo
Simple selo com imã anunciando serviço
Compromisso firmado em porta de geladeira
Garantindo prazenteira e sublime premissa
Servida em fatias de saborosa pizza
Sem qualquer choramingo ou açoitado de dor
Num fim de noite fechando o domingo*

Carlos Lúcio Gontijo

Quando vivemos uma grande história, adjetivamos a experiência de inesquecível. Num primeiro momento, lembramo-nos de tudo e a nossa versão é bastante fidedigna aos fatos. Todavia, com o passar do tempo, contamos a mesma história em prazo mais curto e com menos riqueza de detalhes, ressaltando apenas o núcleo central, que passa a ser o que interessa e que, por isso mesmo, permanece fixado na memória, que acaba desprezando os pequenos detalhes, promovendo um esquecimento natural.

Dentro dessa peculiaridade da mente humana, podemos afirmar que a história oral é a expressão máxima da essência das tradições e experiências vivenciadas pelos povos, sem a colocação de cores na narrativa, que somente perdura por causa dessa singular liberdade em que opera o nosso cérebro, que certamente perderia sua prodigiosa capacidade de arquivamento, se não pudesse gerar espaços vazios ou lapsos de memória, concentrando-se no núcleo dos fatos.

Concretamente, ao falarmos de liberdade no âmbito da sociedade humana, devemos nos remeter à nossa mente, que se prende ao fundamental das questões. Ou seja, não quer nem pretende acumular ou reter tudo, indicando-nos que a liberdade no campo democrático da convivência humana não será construída dentro de uma sociedade marcada pela ambição de todos quererem, egoisticamente, tudo e, ao mesmo tempo, muito de tudo, como se felicidade fosse sinônimo de dispensa cheia, à custa da fome e miséria de muitos.

Lamentavelmente, a liberdade de consumo vem se tornando em protótipo, exemplo e símbolo de liberdade, a ponto de o ser humano detido em alguma prisão não se sentir aprisionado, quando o sistema prisional, por má administração ou corrupção, permite a comercialização de determinados produtos no interior do presídio.

Por isso, dissertar sobre liberdade não é uma missão das mais fáceis, pois para o cidadão desfrutar de confortável poder de consumo (e acesso garantido às ofertas das vitrines iluminadas) ele é capaz de festejar e conviver com regime político de cruel ditadura, com pelourinho, escravidão e execuções em praça pública. Definitivamente então, não podemos nos esquecer de que as aparências enganam, possibilitando às flores mortas formarem lindos buquês!

Ao elaborar e dependurar o desenho da mãe Cristina na parede de seu quarto, Verônica dava sinais de superação do tétrico dia em que assistiu ao suicídio da mãe. Incrivelmente, o gesto da jovem não traduzia apenas lembrança maternal, mas também o salutar e benigno esquecimento, fenômeno ao qual a mente se dá ao direito, sob a exclusiva razão de que a vida deve (e tem) que continuar – como o sol que esquece as desgraças humanas, em cotidiano processo de “desmemória”, para manter a incidência benfazeja de seus raios por sobre o planeta Terra.

– Vovó, eu estou indo ao Hotel Alvorada Bragança, para ver se está tudo acertado em relação à hospede-

dagem do professor Ayres Bueno, que fará uma palestra sobre liberdade para a nossa comunidade escolar, fechando o ano letivo. – Anunciou Verônica, toda animada.

– Bem pensado, Verônica! Essas coisas a gente deve acompanhar de perto. Receber bem as pessoas é sempre muito importante. Ainda mais um renomado filósofo como o Ayres Bueno, que é mundialmente conhecido. – Corroborou Raquel.

– Além do mais ele vem sem nos cobrar um tostão. Ele vai chegar à noite e apenas pernoitará no hotel, pois logo após a palestra marcada para as 10h da manhã, o professor seguirá para Belo Horizonte e, de lá, se dirigirá a São Paulo, onde mora. A única coisa que estamos pagando é a hospedagem no hotel. – Revelou Verônica.

– Por que será que ele não irá cobrar nada pela palestra, minha filha? Indagou Raquel.

– Uai vovó, não se lembra de que, em nome de todos os alunos formandos do ensino médio, enviamos uma carta ao professor contando sobre a demolição de nossa igreja matriz? Nossa dolorosa experiência comoveu o velho professor, que tanto tem lutado país afora pelo incremento de uma sociedade moldada no respeito às suas tradições e crenças, tornando-se capaz de construir o novo sem desprezar os alicerces do patrimônio cultural do passado. – Emoldurou Verônica o cenário da situação.

– E ele tem toda razão. Sem o verdadeiro senti-

mento de nação, povo algum obtém autodeterminação nem alcança autossuficiência econômica, uma vez que não crê em si mesmo, fazendo do servilismo e da subserviência a meta de sua existência. – Politizou Raquel.

– Deus meu, que correria é essa Verônica! – Exclamou Miguel.

– Vou ao hotel, meu avô. – Respondeu Verônica, sem conter os passos em disparada.

– Aonde vai Verônica? – Indagou Miguel à espressa.

– Ela lhe disse Miguel. Vai ao Hotel Alvorada Bragança. – Respondeu Raquel.

– Sim, mas fazer o quê? – Insistiu Miguel.

– Ver se está tudo certo com a hospedagem do filósofo que vem fazer palestra de fim de ano letivo. – Explicou Raquel.

– Gente, Verônica já vai concluir o ensino médio. Como o tempo passa! – Intrometeu-se Enilda na conversa.

– Pois é! Não vai ser fácil ficar sem ela em casa, quando se iniciarem as aulas no ano que vem. – Reclamou Raquel.

– No ano que vem a minha Sara também termina o ensino médio. Nem sei como vai ser e estou muito preocupada, pois ela quer fazer curso técnico de enfermagem em Belo Horizonte. São apenas 18 meses, mas eu não tenho como sustentá-la. – Lastimou-se Enilda.

– Pare de amofinar-se, Enilda! – Ralhou Miguel.

– Primeiro você não vai ficar com a casa vazia

como acontecerá conosco, uma vez que você tem o Brasilino e os outros dois filhos, o Mauro e o Maurício e, além do mais, nós já lhe dissemos que Sara poderá ficar no mesmo apartamento em que a Verônica vai morar. Penso que será ótimo para as duas, pois uma fará companhia à outra. – Ponderou Raquel.

– Quando Sara for para Belo Horizonte, Verônica já terá um ano de morada na capital e, assim, ela poderá ajudar sua filha a se dirigir até a escola de enfermagem. – Projetou Miguel.

– É, eu sei. Tem aquele problema de pegar ônibus, por exemplo. – Ratificou Enilda, toda emocionada com o carinho de seus amigos e patrões.

– Então pode ficar tranquila e sem preocupação em relação ao futuro, que chegara de qualquer forma; de um jeito ou de outro! – Brincou Raquel.

– Eu também vou sair ligeiro que nem a Verônica. Tenho umas pendências para resolver com o gerente de minha conta no banco. – Avisou Miguel, girando a maçaneta da porta da sala.

– Dona Raquel, já que o povo se mandou pra rua, venha me fazer companhia na cozinha enquanto eu faço almoço. – Gritou Enilda, que já mexia as panelas.

– Por favor, Enilda, pegue para mim a cadernetinha de anotações com imã, que está na geladeira! Nem sei o que seria de mim se não fossem essas anotações, pois sempre tive dificuldade de guardar datas. Enquanto vou dando uma olhada, nós vamos conversando. –

Disse Raquel.

– Eu fico muito contente com a oferta de vocês no tocante à ida da Sara para Belo Horizonte. Mas por outro lado, sem querer entrar na vida financeira de vocês, eu sei que o seu Miguel é aposentado pelo famigerado INSS e a senhora recebe pelo governo do Estado, como enfermeira aposentada. Em ambos os casos, não se trata de muito dinheiro, o que me leva a achar que estou lhes impondo sacrifício, ao aceitar ajuda para Sara. – Colocou-se Enilda.

– Você teria toda razão Enilda, caso dependêssemos exclusivamente de nossas aposentadorias. Mas acontece que o Miguel foi dono de três grandes farmácias, localizadas em áreas nobres de Belo Horizonte. Trabalhou muito e se tornou proprietário dos três enormes cômodos comerciais nos quais elas até hoje se acham instaladas. Ele não é mais dono das farmácias, mas continua proprietário dos cômodos, que lhes rendem um bom dinheiro mensal. Miguel poderia até acrescentar algum rendimento como farmacêutico responsável por algumas farmácias, mas ele nunca aceitou a ideia de receber sem estar presente no local e apenas preenchendo uma formalidade exigida em lei aos donos de farmácia. E quanto ao apartamento em que as meninas vão ficar, é bom que saiba que ele nos pertence, implicando ausência de despesa com aluguel. Como vê, a ajuda que lhe estamos ofertando não nos imporá sacrifício e damos graças a Deus por termos condições de ajudar uma grande amiga como você. –

Situou-se Raquel.

– Dona Raquel, eu nem sei como lhe agradecer!

– Emocionou-se Enilda.

– Que agradecer que nada, Enilda! Você é merecedora de nossa ajuda e pronto. Nada de chorar. Vou até lhe contar um caso verdadeiro, mas que parece piada. – Prontificou-se Raquel, que logo deu início à narrativa:

“Eu conheci o Miguel em Belo Horizonte, época em que eu cursava enfermagem e ele fazia farmácia. Meus pais moravam em Cláudio, município do centro-oeste de Minas Gerais, que não fica muito distante de Santo Antônio do Monte. Não demorou muito para Miguel descobrir que todo mundo em Cláudio tinha apelido. Eu era “Vareta”, por ser magra e alta; minha mãe, Maria Rosa, “Dona Redonda”, por ser gorda, e assim por diante. Meu pai, Edson, era marceneiro e dono de loja de móveis. Carrancudo e sério, ele adorava recuperar móveis antigos, sendo muito procurado por gente de todo lugar. Apesar de irmos muitas vezes a Cláudio, poucas vezes conversávamos de forma mais demorada com ele, que estava sempre ocupado no barracão em que funcionava a sua marcenaria. Miguel queria porque queria descobrir o apelido do futuro sogro. Contudo, na semana do noivado, eu fui para Cláudio antes do Miguel, que só deixou Belo Horizonte no sábado, no dia marcado para o pedido oficial. Em sua viagem o carro do Miguel furou um pneu e ao trocá-lo, em estrada de chão empoeirado, sua roupa ficou em

petição de miséria. Ou seja, ele ficou pra lá de sujo! Quando chegou à casa de meus pais, ao descer do carro, ele logo avistou minha mãe, que estava toda compenetrada lavando a varanda de acesso à residência. Miguel foi logo gritando: Boa-tarde dona Maria Rosa, cadê o senhor Edson?! Minha mãe descuidada e espontaneamente, sem reconhecer o Miguel naquela sujeira toda, respondeu de pronto: Pode entrar, o “Botão” está lá nos fundos cortando o cabelo com o Joaquim “Tosa”. Miguel então deu aquela sonora gargalhada, emendando com um grito retumbante: até que enfim descobri, o apelido é “Botão”! Minha mãe ficou muita sem graça e brava; meu pai ainda mais sem graça e muito mais bravo. Sem ação e sem saber como proceder, o jovem Miguel entrou no carro e retornou a Belo Horizonte, só retornando depois que os ânimos se acalmaram, com o tempo jogando água fria na memória e o nosso amor falando mais forte que o insólito incidente humorístico.”

– Não tem como deixar de rir, Raquel. Essa história é engraçada demais, nem parece acontecimento verdadeiro! – Expôs Enilda, sob os atropelos de riso solto.

– Mãe, o seu Tenente, vizinho da fazendinha do papai acabou de ligar. Disse que o papai levou um tiro no ombro. – Era Sara, que entrou correndo pela sala, despetalando a flora de gargalhadas que Enilda acabara de abrir, mas que ficaria na lembrança ao feitio de imã de geladeira.



CAPÍTULO 6

ABISMOS

*Das esperanças acesas nascem os abismos
Os algarismos somam e subtraem
Homens e mulheres amam e traem
O trem da vida se deixa deslizar nos trilhos
Mas teme a falta de brilho na noite escura!*

Carlos Lúcio Gontijo

Vivemos um tempo de abismos abertos pela ausência de diálogo e muita agressividade gratuita e inócua, revigorada pela educação desatrelada da cultura, que segue promovendo estragos sociais. Técnica e didaticamente a educação tem por objetivo passar conteúdo, ensinando quanto dá, por exemplo, a soma de dois mais dois. Contudo é a cultura (por meio da sensibilização e inteligência emocional) que possibilita ao ser humano efetuar a divisão dos pães de acordo com as mais variadas necessidades e situações. E tem mais, um dia o conhecimento adquirido na formação escolar poderá perder-se por doenças da memória, mas a maneira de olhar as pessoas, de tratá-las e relacionar-se permanecerá – e isto é cultura!

Há em nossos dias certa opção pela propagação do caos, da violência, da maldade, como se o objetivo fosse manter a pessoa acuada, na defensiva. A busca pelas sombras humanas é projetada bem acima da procura pelas luzes que habitam as pessoas e tanto agem nesse sentido que, ao que parece, a meta é estabelecer o pensamento de que a raça humana não passa de um estranho equívoco do Criador, que por seu turno passa a ser entidade superior nem tão suprema assim.

Por outro lado, as religiões têm buscado propagar com todo o esmero as hecatombes do apocalipse, pinçando sempre os trechos mais tenebrosos, esquecendo-se de que a Bíblia é, sobretudo, o livro da esperança erguida sobre os alicerces da vida eterna. Há 826 passagens bíblicas falando sobre a alegria e a comemoração da graça da existência humana, mas os que cuidam de anunciar a palavra de Deus são sempre tomados pelo vezo de apresentar aos fiéis

um Senhor sempre munido de chicote e disposição para a aplicação de impiedosos e apocalípticos castigos.

Em meio aos cipoais da crença e da descrença, com excessos fundamentalistas em ambos os casos, chegamos à eclosão da sociedade dos super-homens, para os quais Deus jamais existiu e, se existiu, está morto. A tese do super-homem sobrepõe ao ateísmo, que apenas não crê na existência de Deus, enquanto a presunção de grandeza do moderno “superbicho” homem trabalha com a possibilidade de existência de uma entidade divina, tendo como meta (a partir daí) desbancá-la, seguindo os moldes da cultura milenar da civilização humana, pela qual a conquista de espaço só é efetivamente alcançada com a eliminação de quem o ocupa. Ou seja, se Deus não existe articulam inventá-lo e, se Ele existe, a ordem uníssona é tramar a sua morte, para então tomar as rédeas do apocalipse bíblico, curtido na propagação da violência generalizada e do banho diário de sangue, numa batalha sem fim contra Deus, da qual sairemos todos perdedores, independentemente de estarmos ou não envolvidos no projeto suicida engendrado pelos super-homens que, incapazes de semear o bem, especializaram-se em espargir o mal. Ou seja, queriam tomar o lugar de Deus e se nos apresentam à imagem e semelhança do Diabo.

- E o seu irmão Maurício, você tem notícias dele?
- Indagou Enilda em desespero.
- Não tenho não, mas se o seu Tenente não fez referência a ele é porque ele está bem. – Previu Sara.
- Estou ouvindo tudo aqui do quarto. Estou com

a chave do carro nas mãos, para levá-las à fazendinha. – Prontificou-se Miguel.

– Não é preciso, senhor Miguel. O Tenente já está trazendo o meu pai para a Santa Casa. Acho até que eles já chegaram! – Entrecortou Sara.

– Mas então eu as levarei até a Santa Casa! – Aquiesceu Miguel.

– Se Deus quiser nada de muito grave aconteceu ao Brasilino, querida Enilda! – Desejou Raquel, consolando Enilda.

– Coitado do Brasilino, que é homem e cidadão da paz. Entretanto, querendo ou não, estamos todos envolvidos com a violência que graça Brasil e mundo afora. – Protestou Enilda, direcionando-se à porta de saída e entrando apressadamente no carro, no qual já a aguardavam Miguel, Sara e outro dos filhos, Mauro, que estudava à noite e durante o dia trabalhava numa oficina mecânica.

– Meu filho, ainda bem que você está são e salvo! – Alegrou-se Enilda ao descer do carro e ver o filho Maurício, que era o auxiliar do pai na fazendinha.

– Eu estava distante da casa, limpando o córrego, quando ouvi os tiros, mas me escondi, pois, além de não poder fazer nada, correria o risco de eles atirarem em mim ou me sequestrarem, para obrigar o meu pai a sair de dentro da casa.

– Agiu bem, garoto. – Elogiou Miguel.

– E como se deu o negócio do tiro que acertou seu pai, Maurício? – Indagou Enilda, com enorme aflição.

– Papai limpava o curral quando viu dois moto-

queiros descendo a estradinha que leva ao nosso sítio. Como havia notícia de que motoqueiros agiam na região, meu pai logo correu para o interior da casa, fechando janelas e portas. Os dois marginais perceberam sua corrida, cercaram a casa e deram vários tiros na porta e nas janelas. Um desses tiros conseguiu perfurar a porta, acertando o meu pai levemente no ombro, uma vez que, apesar de ter pequena espessura, a madeira da porta diminuiu a velocidade da bala. – Contou Maurício, em narrativa ofegante.

– Mas por que eles desistiram e saíram correndo?
– Perguntou Mauro, ardendo de curiosidade.

– Primeiro o papai deu um tiro de espingarda e depois, desesperado, foi ao quarto e pegou uma caixa de fogos de artifício, daqueles foguetes tiro de ganhão. Foi à fresta da janela e catapum... O estrondo pôde ser ouvido à distância e a bicharada aprontou aquela barulhada medonha, chamando a atenção do seu Tenente, nosso vizinho mais próximo, que por acaso é o único que tem um daqueles telefones de manivela. Ligou lá em casa e a Sara recebeu a notícia. – Destrinchou Maurício.

– E os bandidos, que fim levaram? – Indagou Miguel.

– Uai, senhor Miguel, os bandidos devem estar correndo até agora e imaginando que tipo de arsenal poderoso o meu pai tem em casa! – Brincou aliviado o adolescente Maurício.

– Podem ficar todos tranquilos; o Brasilino está sendo atendido e vai embora ainda hoje. O médico disse que a bala alojou-se superficialmente e sairá sem dificul-

dades. De mais grave mesmo somente o susto, que deve ter sido muito maior por parte dos dois motoqueiros criminosos. – Chegou o seu Tenente, procurando tranquilizar a todos.

– Este meu Brasilino é mesmo da pá virada; imagina se soubesse ler! – Desferiu Enilda, provocando risada na turma.

– Já que entre mortos e feridos ninguém morreu e se assustaram os malfeitores, deixem-me ir embora e levar as boas notícias para a Raquel. – Interpôs Miguel, navegando na onda da brincadeira em que desaguou o incidente, que entraria para a história como “o dia em que Brasilino foi salvo por fogos de artifício”.

– E aí Miguel, como está o Brasilino? – Foi logo gritando afobada Raquel, que estava à espera, debruçada na janela.

– Calma mulher, deixe ao menos eu colocar o carro na garagem! – Solicitou Miguel, que floreu tanto o caso a ponto de Raquel quase passar mal de tanto rir.

– Pois é, enquanto as autoridades do país se engalfinham em luta pelo poder, a violência come solta. Até parece que deixar o povo ao deus-dará em matéria de segurança pública é uma forma de manter o povo prisioneiro em casa e descrente de tudo, pois qualquer pessoa submetida ao medo constante se torna apoplética e incapaz de qualquer reação. – Disse Raquel já recomposta das gargalhadas.

– Verônica, já está sabendo do que aconteceu com o marido da Enilda? – Indagou Miguel à bisneta que acabava de chegar da rua.

– Mas é claro! Estão até sugerindo uma campanha para diminuir o número de roubos na cidade: “Contra bandido, fogos de artifício!” – Revelou Verônica, trazendo a manchete extraída da voz das ruas.

– Infelizmente, é o cidadão comum, honesto e trabalhador quem tem que tomar cuidado, pois vivemos tempos sombrios. – Diagnosticou Raquel.

– Ainda hoje ouvi uma entrevista dada a uma rádio pelo professor Ayres Bueno, que amanhã nos brindará com uma palestra sobre liberdade, que vem a calhar neste momento em que o Brasilino, pessoa tão próxima de nós, é vítima de violência, mesmo se tratando de pessoa sem poder econômico nem qualquer demonstração de ostentação material. Disse o professor que vivemos num tempo em que ser honesto e levar a vida com dignidade é predicado que pode gerar problemas ao indivíduo, por fugir da regra de perversidade imposta pelos malfeitores, cada vez mais audaciosos e destemidos. Segundo ele, tudo é permitido ou plausível de aceitação nos momentos em que ordem é sinônimo de progresso; e progresso é o mesmo que silêncio inane e doentio, como ocorre nos cemitérios, onde todos os dias, silenciosamente, sob o rigor da lei, o progresso se materializa com o sepultamento de mais um e mais um, ininterruptamente, sempre mais um. Enfim, quando a Justiça se transforma em instrumento de tomada de poder pela classe política, dispensam-se as provas e qualquer ato é passível de criminalização. – Dissertou Verônica, sob o entusiasmo e a expectativa de assistir, no dia seguinte, à esperada palestra do famoso e renomado professor Ayres Bueno, sob o tema Liberdade.



CAPÍTULO 7

CLARIDADE VÃ

*Todos os caminhos se encontram nas esquinas
Numa mesma menina o sonho de todas as meninas
No mesmo horizonte a sina de toda luz
Na tarde que cai vai-se o sol de todo dia
Tudo o que nos irradia é claridade vã
Que porfia no afã de nos iluminar...*

Carlos Lúcio Gontijo

Apesar da concessão do livre-arbítrio pelo Criador, muita gente pobre de espírito insiste em agir ao feitio dos insetos, em torno da luz divina, como se o miraculoso facho de fogo fosse uma simples lâmpada, negando-se a ser responsável por seus atos, enquanto se põe no papel de crítico da vida alheia e se entrega, por falta de fé verdadeira, ao fanatismo religioso – refúgio de seus medos (e incapacidade) de navegar pelos mares tenebrosos da existência terrena, onde são muitos os cabos da boa esperança e da felicidade.

Não interessa a ninguém sua crença religiosa, sua opção sexual ou sua ideologia política. Assim como também a ninguém interessa a sua total descrença na existência de alguma entidade mais alta a nos guiar, pois se houver amor verdadeiro em sua decisão (seja ela qual for), você pode considerar-se um homem de fé naquilo que pratica e, se houver geração de paz e bem em suas ações, com toda certeza você estará exercitando uma espécie de oração, advinda do amor e do respeito pelo próximo, que nada tem a ver com crença religiosa, mas com procedimento, comportamento, integridade e correção nos ambientes em que se desenvolvem as relações humanas de convivência.

Indubitavelmente, liberdade digna do nome não pode ser catapultada nem levantar voo sem o alicerce sólido de uma sociedade fraterna, da qual

brote em abundância o licoroso combustível do amor, única fonte de energia com autossuficiência para manter aberta sobre nós as asas da liberdade, da qual provém o código de barra identificador de cada um de nós. Ou seja, a civilização avançou com a chegada da informatização, mas ainda temos que ser marcados, como se gado fôssemos, para termos tanto a liberdade de existir, quanto de ir e vir.

De concreto mesmo é que sem passaporte ninguém atravessa fronteiras legalmente: pássaros e aviões têm que cessar a viagem em algum momento, em nome da autonomia de voo de que dispõem. Igualmente, é a liberdade, que precisa de regras e normas para não se perder no ópio de ser livre e, ao mesmo tempo, suster-se acima das ambições que regem mentes conturbadas, as quais cogitam voar sem plano de voo, em nome de sonhos indelineáveis na prancheta da realidade, colocando em risco a sobrevivência da poesia dos moinhos de vento, que espera sempre por bons ventos capazes de propiciar movimento a seus versos fugidios, repetindo a sabedoria do passarinho que somente voa quando o desejo de voar lhe invade o coração, antes de lhe chegar às asas.

– Bom-dia, Verônica! É hoje o grande dia da palestra do professor Ayres Bueno. – Cumprimen-
tou Raquel a neta, que chegava à cozinha com sorriso mais aberto que janela diante de bela paisagem.

– Aproveite este dia de hoje minha neta, pois não existe momento mais bonito que aquele pelo qual aguardamos. E, para completar, amanhã é dia de sua formatura no ensino médio, reservando-lhe mais emoções ainda. – Delineou Miguel, sentado à mesa e tomando vagarosamente o seu café.

– Vovó e vovô, eu estou mesmo muito contente. Vocês têm toda razão; não há nada melhor que o dia esperado. Ele está dentro da gente e amanhece ensolarado ainda que nuvens no céu encubram o sol. – Festejou Verônica, com a cachorra Kika nos braços.

– E por falar nisso, o dia está pra chuva! – Entrecortou Enilda.

– Nossa, é mesmo; o céu está todo nublado, como é comum ocorrer no mês de dezembro. Todavia, não faz mal, pois dentro de mim impera céu-de-brigadeiro! – Proclamou Verônica, olhando o tempo pela porta da cozinha que dava para o quintal.

– Vamos nos arrumar, Miguel! A palestra é às 10 horas, mas eu não quero chegar em cima da hora ao auditório da escola, porque se pegar os últimos lugares terei dificuldades para ouvir o professor Ayres Bueno, uma vez que ando com problemas de audição. – Disse Raquel.

– E você ponha essa cachorra no chão, Verônica, pois acabará ficando com o uniforme escolar

todo sujo de pelo. – Ordenou Miguel.

– Já vou largar a Kika, mas é que só de pensar que vou para Belo Horizonte em fevereiro do ano que vem, deixando-a aqui, me dá um aperto no coração. – Choramingou Verônica.

– Mas você não tem com que se preocupar, pois nós cuidaremos dela e, além do mais, você estará sempre vindo aos finais de semana. – Prometeu Enilda.

– Tenha mais paciência e compreensão das coisas, Verônica. Nada neste mundo é para sempre, a gente vai perdendo um punhado de coisas com o passar dos anos. Toda luz que nos alumia porfia, vai perdendo a luminosidade, entretanto o que conta mesmo é que ela consegue clarear a nossa caminhada terrestre até o fim de nossos dias na face da terra. Ainda que não passe de simples abajur, lá estará a luz que tem a incumbência de iluminar o horizonte de nossa existência terrestre. – Filosou Raquel.

Um auditório superlotado recebeu o professor Ayres Bueno, que descortinou ao público presente ideal de liberdade tão singelo e repleto de luz, que os horizontes que habitam os olhos e a mente dos seres humanos se entregaram, em silenciosa reverência, àquele debulhar de sábias palavras, como se estivessem diante do amanhecer de nova era de conhecimento.

^=é~äÉëíê~=Çç=éêçÑÉëëçê=^óêÉë=_ìÉâç

Aqui estou para falar sobre LIBERDADE, que é um processo em construção: quanto mais honesta e cumpridora de seus deveres mais livre a pessoa é. O pássaro é livre, não porque sabe voar, mas porque a vontade de voar bate asas (primeiro) em seu coração. O ser humano é um pássaro com asas pelo lado de dentro, seu voo depende do tamanho da LIBERDADE que ele, através de suas obras e ações, constrói em sua mente e no seu coração.

Talvez a primeira noção de LIBERDADE esteja na ideia de “Paraíso”, que nos é dada pela Bíblia Sagrada, inclusive com a noção de que o preço da liberdade é a eterna vigilância. Todos conhecem a história que nos assinala que Adão e Eva viviam felizes e tinham tudo de que precisavam no Paraíso. Todavia Deus lhes exigiu determinadas normas de conduta e se pôs vigilante. Então os observou em deslize, retirando-lhes a LIBERDADE espontânea, que foi substituída pelo livre-arbítrio: vocês fazem o que bem entender neste plano existencial e depois Eu os levo para o Paraíso, onde voltarão a viver sob a LIBERDADE divina, que só pode ser experimentada pelo espírito e não pela matéria, pelo corpo físico.

Ainda nos ensina o texto bíblico que a LIBERDADE não é fenômeno que se experimenta sozinho.

Ou seja, você precisa do outro para vivenciá-la, pois até a solidão necessita do solitário para existir. Daí então surgiu Eva na vida de Adão e o tempo cuidou de nos ensinar que a LIBERDADE é alimentada pelo voo irmanado das pessoas, pela coletividade construindo a convivência alicerçada no respeito e regras de senso comum, onde o direito de um termina quando começa o direito do outro, o que nos permite viver em comunidade e tornar pública cada rua, cada avenida, cada praça.

A liberdade em comunidade não impede que exerçamos nossas individualidades, por isso sejamos nós mesmos, pois todos os outros já existem. Com toda a certeza, a maior riqueza da humanidade é a diversidade de pensamento. Uma vez que nos respeitemos uns aos outros, não cometeremos o equívoco de avaliar o outro pelo que somos ou idealizamos que ele seja. Metaforicamente, devemos avaliar um peixe pela sua capacidade de nadar e não por sua cabal incapacidade de subir em árvores como os macacos, por exemplo.

Depois do divino texto bíblico, temos os sábios ensinamentos que nos foram repassados Grécia antiga, onde mais uma vez a LIBERDADE se nos apresentou como fator cujo florescimento cobra união e luta das pessoas, quando Clistenes, para evitar que Atenas fosse dominada por Esparta, liderou uma revolta popular pelo direito de todos os cida-

dãos participarem das decisões do governo, o que levou o filósofo Platão a tratar do assunto em seus escritos, incutindo-nos a importância do ambiente democrático (em grego “demo” é povo e “crato” significa regra e poder) para o pleno exercício da LIBERDADE.

Num terceiro momento, deparamo-nos com a “Queda da Bastilha”, que foi evento decisivo para o início da Revolução Francesa e a afirmação definitiva dos ideais de LIBERDADE, pelos quais a humanidade tanto procura quanto luta, desde a sua chegada ao planeta Terra.

Bastilha era uma velha fortaleza construída em 1370, utilizada pela monarquia francesa como prisão de criminosos comuns e depois, com o aumento das atrocidades do regime, passou-se a utilizar o local como prisão de intelectuais e nobres que se opunham ao autoritarismo monárquico e ao poder da religião católica.

A fortaleza foi invadida em 14 de julho de 1789, transformando-se em marco da Revolução Francesa e, mundialmente, uma referência quando se fala em LIBERDADE no campo coletivo. Ou seja, a LIBERDADE de todos.

Desse paradigma libertário foi aprovada, em 25 de agosto de 1789, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, documento de inspiração iluminista (movimento global, que defendia o uso

da razão como o melhor caminho para alcançar a LIBERDADE, a autonomia e a emancipação. Em síntese, era preciso levar a educação ao povo).

Germinaram assim, sob o lema iluminista dos revolucionários – “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” –, os preceitos que nos conduziram a exigências fundamentais e básicas como o direito à LIBERDADE, à igualdade perante a lei, inviolabilidade da propriedade privada e resistência a qualquer tipo de opressão.

No transcorrer da ação revolucionária, grande parte da nobreza deixou a França, porém a família real foi capturada. O rei Luís XVI e sua esposa Maria Antonieta terminaram guilhotinados, enquanto os bens da Igreja foram confiscados.

Todavia, apesar da luminosidade dos faróis da LIBERDADE por que se fazia guiar a Revolução Francesa, o episódio histórico é lembrado desavisadamente por muitos pela violência fatal da guilhotina, da qual não escapou nem Robespierre, que conduziu com mão-de-ferro a implantação de uma política de terror, provando-nos que o exercício do poder costuma nos revelar o vilão e que o preço da LIBERDADE é realmente a eterna vigilância.



CAPÍTULO 8

CARDÁPIO

*Não canto para quem perdeu a fé
Nem tento consolar gente magoada
A vida independentemente de tudo é o que é
Ninguém transforma em presente vida passada
Não há felicidade no tudo e muito menos no nada
A madrugada é o abajur diáfano da natureza
Berço de encontro da escuridão com a luz
Que se entregam sem qualquer pus de tristeza
Como se mistura casual legitimasse sobremesa
Após dia servido à mesa de destino sem cardápio*

Carlos Lúcio Gontijo

Festa de amor é mão em outra mão, corpo em outro corpo. Festa de jardim é a plantação em flor. Festa de horizonte é florada de luz. Festa de passarada é gorjeio ao alvorecer. Festa de criança é marca de glacê na face. Festa de oração é terço na mão de fiel. Festa de adolescente é troca de hormônios no olhar por todo canto, num encantamento de puro encanto, pois a vida lhes aflora em múltiplos cardápios de flora e aromas naturais.

Pela manhã a solenidade de entrega dos diplomas; à noite o baile no Glória Clube, onde mesmo com as meninas trajando vestidos longos e os rapazes vestindo, em muitos casos, o primeiro terno, parecia que eles ainda estavam de uniforme escolar, tal a alegria e desenvoltura de passos e olhares, que somente eram quebrados quando as sombras da distância e dos distanciamentos lhes sobrevinham à mente, que previa a dura separação que lhes preencheria os dias seguintes, ensinando-lhes que a flor da despedida floresce no jardim dos passos de quem parte, regada pelo olhar lacrimoso de quem fica.

Contudo, sombra alguma de tristeza detinha o poder de roubar o brilho do contentamento dos formandos que, ao lado de familiares e amigos, comemoravam uma de suas primeiras sensações de realização, ou dever cumprido, de suas vidas.

Aprenderiam com o passar dos anos que

sombras e luzes apagadas fazem parte do mesmo cardápio e constroem a obscura luminosidade da penumbra em que os inimigos do povo brilham sem acender clareira social alguma.

Muitas serão as oportunidades em que batalharão para conquistar proximidade com gente que lhes valerá a pena, ao passo que celebrarão o distanciamento de muitas pessoas que se lhes revelarão perigosas e falsas.

Descobrirão que não existe nada pior que gente do tipo acende e apaga, bipolarmente, à maneira de farol de trânsito e segundo suas necessidades sempre superiores e imediatistas, sem jamais pensar coletivamente nos outros.

Sentirão, em muitos casos, por parte dos políticos e autoridades constituídas que, em vez de investimento em cultura, a prioridade é despejar recursos públicos em policiamento e construção de presídios para conter o contingente populacional alijado do acesso à benéfica ação do ensino escolar sobre o intelecto e o espírito do ser humano.

Observarão que, muitas vezes, o iluminado farol seguido pela maioria não passa de opção coletiva pela escuridão. Ver-se-ão, por diversas vezes, irrequietos e deprimidos perante a realidade. Constatarão que a opressão do Estado e a doutrinação das igrejas são quase sempre acompanhadas pela manipulação da mídia, que tira proveito do baixo

poder de mobilização da população, que passivamente aceita ser, programática e intencionalmente, submetida a ensino de qualidade inferior, à desinformação e à atração cotidiana para questões menores, superficiais e fúteis.

Entenderão que sempre deverão avaliar, transparentemente, os imbróglios e decidir sobre eles, pois um homem sem lado nem posicionamento político-social cria tanto inimigos quanto falsos amigos. E, por fim, descobrirão por própria conta (e risco) que perder a elegância de vez em quando é a única maneira de se preservar a compostura.

– Verônica, que bela ideia da comissão organizadora de prestigiar os talentos locais, os artistas da terra, que ficaram responsáveis pelo som do baile. – Elogiou Miguel.

– O senhor tem razão. Todo mundo está gostando e o interessante é que, mesmo a cidade sendo pequena, muitos deles não eram conhecidos, provando quanto a cultura tem dificuldade em ser divulgada, apoiada e valorizada. Todos eles são talentosos e humildes; o líder desse grupo que agora se apresenta, fazendo os casais irem para a pista de dança, disse-me uma frase que está grudada em minha memória. – Disse Verônica.

– Que frase é essa, minha menina? – Indagou Raquel.

– Vivo o que faço e, pelo que faço, vivo. É esta a frase, vovó! – Revelou Verônica.

– Bonita frase. Não é à toa que você a guardou na memória. – Concordou Miguel.

– Uma pena a Enilda não ter vindo. Porém, temos que entender que o Brasilino ainda está com o braço na tipoia por causa do tiro que levou no ombro e, além do mais, ele detesta esse tipo de festa. – Lamentou Raquel.

– Entretanto os filhos vieram: estão aí a Sara, que se formará no próximo ano, o Maurício e o Mauro. – Interveio Miguel.

– Vejo também o Gustavo e a Alaíde. O Gustavo está se formando no ensino médio e, também, na próxima semana, receberá o diploma de auxiliar técnico em veterinária. É um menino muito esforçado. – Apontou Raquel.

– Que bela festa, hein Miguel! – Exclamou o farmacêutico Ageo, puxando uma cadeira para sentar.

– Vou deixar você dois, farmacêuticos, conversando e vou dar uma passeada pelo salão. – Anunciou Raquel, que foi logo saindo.

– E pensar que tem gente que cultiva tamanha aversão por festa que, se houvesse nascido pavão, tentaria livrar-se do rabo! Acomode-se Ageo e tome um copo, a cerveja está no ponto. – Interpôs o solícito Miguel.

– Que boa bebida é a cerveja. E por mais que seja inacreditável, o precioso líquido foi descoberto por acaso. Conta-nos a história que coletores de sementes descobriram, na base do sem querer, que sementes colocadas num vasilhame com água fermentavam. Isso se deu quando eles haviam colocado sementes numa vasilha de cerâmica e foram caçar. Naquele dia choveu e a água que, acidentalmente, encheu os vasilhames provocou a fermentação que redundou na descoberta da bebida mais antiga do mundo: a cerveja. – Dissertou Ageo com o copo na mão.

– Eis aí a maravilha da química, alicerce de nossa profissão. Sem ela não haveria a indústria farmacêutica e, por consequência, não existiria o farmacêutico e nem teríamos a farmácia. – Brincou Miguel.

– Mas haveria o raizeiro, indicando as ervas e raízes com poder de cura. E com toda certeza, seguindo a vocação que nos conduziu ao curso de farmácia, nós seríamos dois raizeiros a mais neste mundo. – Emendou Ageo, que retornou à mesa na qual estavam os seus familiares.

– Eis aqui a Sara trazendo-nos novidades. Diz ela que amanhã chega dos Estados Unidos um afilhado de batismo da Enilda que ela não vê há muitos anos. Não é, Sara?!

– É sim dona Raquel e senhor Miguel. Ma-

mãe está muito preocupada, pois o moço é doutor em química, sendo alto funcionário de uma importante indústria da área de produtos químicos nos Estados Unidos. Virá para ficar uma semana e mamãe não o conhece direito, pois ela foi madrinha dele ainda solteira. Apenas sabe que os pais dele morreram muito cedo e ele, assim que completou maioridade, se mandou para tentar a sorte em solo norte-americano. – Revelou Sara, que se mandou para o meio do salão.

– Mas a Enilda não tem o porquê se preocupar. – Conjeturou Miguel.

– O problema todo é que o Afonso é homossexual e você sabe como é a língua do nosso povo. Por aqui tudo é pequeno, menos a língua das pessoas! – Especulou Raquel.

– E o Brasilino, como está se situando na história? – Indagou Miguel.

– É aí que a porca torce o rabo. O marido da Enilda é cheio de reservas quanto aos gays. E para completar o rapaz quer ficar lá no sítio, pois os pais dele possuíram um pequeno terreno na região, que foi vendido quando eles se mudaram para Governador Valadares, onde moravam parentes do pai. Todavia, ele manteve por toda a vida contato por carta com alguns dos companheiros de infância e pré-adolescência. Depois que os pais morreram, vitimados por uma epide-

mia de estranha febre que ceifou a vida de muita gente no Norte de Minas, ele foi morar com um tio, lá mesmo em Governador Valadares. – Passou a limpo Raquel.

– Então está explicado, é muito comum as pessoas do Norte de Minas Gerais partirem para os Estados Unidos em busca de melhor sorte. Só nos resta esperarmos pela chegada do tal Afonso, para assistirmos ao desnovelar de mais essa história. – Concluiu Miguel.

– Mas o que está escrito nesse guardanapo de papel, que você tanto lê, querido Miguel? – Inquiriu Raquel, destilando toda a sua curiosidade feminina.

– Não é nada não. É que vendo essa quantidade de jovens felizes e irradiando vida diante de mim eu fiquei a pensar em minha, em nossa existência, e no quanto o tempo passa depressa. Então, tomei-me de uma caneta, o papel que tinha à mão e escrevi este poeminha. Leia-o para nós, Raquel.

– Venha aqui Ageo, vou apresentar em primeira audição um poema do meu amado Miguel. E se entregou à leitura:

MELHOR IDADE

*Quem me vê em constante lentidão
Não sabe a pressão da minha artéria
Com o meu coração não tem miséria
Ele não dá bola a nenhuma medicação
Palpita ao ouvir o som de viola sonora
Inquieta-se e chora ao batuque de samba dolente
Desejoso de morrer contente entre amigos a festejar
Pregando que pra viver é preciso vida de gente levar.*





CAPÍTULO 9

PREDESTINAÇÃO

*José semeava formas na madeira
Engenho de tecedeira magia natural
Mal sabia da chegada do filho celestial
Que nasceria do colo angelical de sua Maria
Predestinado a plasmar a alma humana
No chão da palma das mãos do Criador*

Carlos Lúcio Gontijo

Observa-se sempre na sociedade, para glória e eternização dos exploradores, certa admiração por quem detém o controle dos chicotes e dos pelourinhos. Se verdade é que a força física fez o primeiro escravo, não menos verdadeira a afirmação de que letargia combinada com a desunião e covardia dos escravizados perpetua a existência dos senhores de engenho, canaviais e gente.

A chegada do ainda jovem Dr. Afonso mexeu com toda a cidade, que se encheu de mãos dispostas a lhes estender tapetes e deferências especiais. A subserviência é o combustível de todo autoritarismo, que certamente não viçaria em ambiente de contestação.

Reconhecidamente, a matéria-prima para a produção de um único cidadão rico é a miséria de muitos seres humanos. Convivemos pacificamente com os pantagruélicos sociais, os tais muito importantes, que ao invés de direitos reivindicam privilégios, os que tudo podem e tudo consomem em prejuízo da maioria.

Detectamos determinada loucura no exercício do individualismo desenfreado que conduz a humanidade a fazer do espelho o seu parâmetro narcisista de vida, elevando o próprio umbigo a simulacro de área central do universo, no qual aprisiona e atrela o seu espírito aos grilhões das ilusões terrenas.

O horizonte concreto de tudo isso é que toda escravidão vem da submissão como moeda de troca pelo recebimento de ração mínima. Ou seja, toda vida rica em falhas se entrega à pobreza maltrapilha das migalhas.

Talvez, com a chegada do visitante ilustre, a popu-

lação daquela cidade perdida entre montanhas pudesse aprender que, em ambiente desprovido de ódio e preconceito, as diferenças não corroem o alicerce da igualdade que nos rege.

– Como vai, meu afilhado? Há quanto tempo não o vejo, pois você deixou Santo Antônio do Monte ainda menino de colo! – Exclamou Enilda, ao abraçar o afilhado Afonso.

– É, minha madrinha, a vida às vezes une e às vezes separa, mas ainda bem que estou aqui, podendo conhecê-la de maneira efetiva e não por fotografias já amareladas, no álbum de família herdado de meus saudosos pai e mãe. – Enfatizou Afonso.

– Este aqui é o meu esposo Brasilino e estes os meus três filhos. – Disse Enilda, fazendo a apresentação da família.

– Quando vamos para a fazendinha, onde pretendo passar uns dias? – Foi logo perguntando Afonso.

– Vamos deixar para ir mais à tarde, pois hoje quero apresentá-lo aos meus patrões, Raquel e Miguel. – Respondeu Enilda.

– Assim que terminarmos o almoço já poderemos ir, pois firmei o compromisso de ir à Santa Casa de Misericórdia, a fim de conhecer e fazer uma doação em nome de meus pais, que em vida lutaram muito pela angariação de fundos em prol de sua construção. Foi uma pena eles não terem vivido tempo suficiente para assistir à sua inauguração. – Anunciou Afonso, surpreendendo

positivamente os anfitriões.

– Pode colocar sua bagagem neste quarto ao lado do banheiro! – Apontou Brasilino.

– Por falar em banheiro, gostaria de usá-lo! – Entrecortou Afonso.

– Pois não, esteja à vontade. – Respondeu Brasilino.

– Nossa, ele não tem nenhuma afetação ou trejeitos de gay! – Cochichou Sara aos ouvidos da mãe.

– Deixe de ser boba, Sara. Você estava esperando alguém como o Clô da cabeleireira Dina, que tem pouco de Clodoaldo e anda de colar, brincos e maquiagem por todo o tempo? – Replicou Enilda.

– Depois sou eu quem leva a fama de preconceituoso. Podem parar com o assunto; ele é nosso hóspede e cabe-nos respeitá-lo. – Determinou Brasilino.

– Não vou poder ficar para o almoço, pois tenho que matar um porco para entregar a antigo freguês, que não fica de jeito nenhum sem carne conservada na gordura. – Revelou Brasilino, assim que Afonso saiu do banheiro.

– Enquanto eu termino o almoço Sara vai lhe fazer companhia, afilhado Afonso. – Entrecortou Enilda.

– E aí Sara, fiquei sabendo que você, ao terminar o ensino médio, vai fazer um curso técnico de enfermagem, tendo que morar durante 18 meses em Belo Horizonte!

– Vou sim e estou muito animada. Vou morar com a filha dos patrões de minha mãe, que se chama

Verônica. Creio que tudo vai dar certo! – Previu Sara.

– Estudar é a única maneira das pessoas vencerem as barreiras da miséria material e, também, da pobreza intelectual, que considero mais grave, pois é ela que eterniza as desigualdades sociais, uma vez que os espiritualmente pobres são dados a aceitar a sua condição infeliz. – Indicou Afonso.

– Tem toda a razão Dr. Afonso. – Concordou Sara.

– Nada de me chamar de doutor. Sou apenas o Afonso. Lembre-se sempre de que sob o sol derrete-se a cera e enrijece-se o barro. Todavia, não nos serve nem aquilo que é incapaz de resistir ao calor e muito menos o que se perde em rigidez ao receber o cálido afago da luz. Nada que se dissolve ou se torna instantaneamente rijo serve à construção de uma humanidade melhor. – Filosofou Afonso.

– O almoço está pronto, gente! – Anunciou Enilda.

A cada minuto, Afonso ia ampliando a boa impressão e jogando para longe a resistência antecipada e o preconceito malfadado criado ao sabor da fértil imaginação das pessoas do lugar.

– Apresento aos diretores da Santa Casa de Misericórdia, em especial ao seu idealizador, o padre Paulo Michla, o alemão mais brasileiro que por obra do acaso aportou-se em nossa Santo Antônio do Monte, o meu querido afilhado Dr. Afonso, que fez a mais absoluta questão de conhecer a nossa instituição de saúde (e caridade), pela qual seus pais prestaram relevantes

serviços, há muitos anos, lutando para que o sonho de nossa população em ter um hospital se transformasse em realidade, movidos tanto pela fé quanto pela consciência social, sentimentos plenamente compensados com a vinda do médico Wilmar de Oliveira, que chegou à cidade e abraçou a causa com toda a luz de sua competência e idealismo. – Discursou rapidamente Enilda, trêmula de emoção.

– Boa-tarde, meus amigos. Estou aqui como o cidadão Afonso, que muito admira o relevante trabalho desenvolvido em torno da saúde, pela Santa Casa de Misericórdia, numa reluzente prova de amor ao próximo. Assistimos a recrudescimento do radicalismo político sem precedentes, com muita gente jogando os ensinamentos da história na lata de lixo e colocando-se como atávico defensor do retrocesso em áreas fundamentais como educação e saúde. E em alguns casos, têm ousado apresentar-nos o pelourinho e as masmorras como se fossem novos projetos de luz e libertação democrática. Não há, na atual conjuntura, qualquer possibilidade de estabelecimento de diálogo, pois todos abraçaram a surdez que se apropria dos donos da verdade, que não estão nem aí para a necessidade de abertura de espaço em suas trincheiras de luta fundamentalista, ao recebimento de opiniões contrárias, que segundo pensam devem ser totalmente eliminadas. Mais que lhes doar este cheque (como apoio financeiro), deixo aqui o meu coração e o meu aplauso a todos que contribuem para que a Santa Casa de Misericórdia continue amenizando

as agruras de tanta gente, que muitas vezes não têm com quem contar nos momentos de doença e dor. – Dissertou Afonso, sob os aplausos do público presente.

– Estes são os meus patrões. – Apresentou Enilda, arrastando Afonso pela mão no meio das pessoas.

– É um prazer conhecê-los. A Enilda está sempre falando em Raquel e Miguel desde a minha chegada.

– Bondade dela, que é uma grande amiga. – Contrapôs Miguel.

– Gostei muito de sua fala. – Declarou Raquel.

– Acompanho dos Estados Unidos os acontecimentos no Brasil. E lamentavelmente, quando falamos em corrupção política, somos obrigados a nos remeter à sociedade, que é de onde saem os nossos representantes, que uma vez eleitos repetem, no exercício de seus mandatos, as mesmas ilicitudes e os mesmos “jeitinhos” inseridos no cotidiano entre os cidadãos, onde todos querem levar vantagem em tudo, pouco se importando com o avanço de uma sociedade em que é natural o mais capaz ser substituído pelo mais sagaz, confundindo inteligência com a malandragem da esperteza. – Elucidou Afonso.

– Tudo que foge à lógica se transforma, logicamente, em algo ilógico, aprendi com um professor universitário. Porém, nos dias de hoje, o ilógico costuma acontecer e ser adotado pela sociedade como fenômeno lógico. – Disse Miguel em tom jocoso.

– É isso mesmo; sob o auspício do exagerado culto à imagem gerou-se o inócuo comportamento mental

de cara de paisagem, um punhado de “maria-vai-com-as-outras”! – Assinalou Afonso.

– As pessoas não dão valor às pequenas coisas, mas (no entanto) são as pedrinhas e não as montanhas do caminho, que nos derrubam. Por isso, é preciso ter muito cuidado com gente sem grandeza, apesar de se nos apresentar com toda pompa e circunstância. – Alertou Raquel.

– Você tem toda razão. Tem gente com sentimento de despeito e inveja tão aguçados que nunca lhes devemos chegar com bacia cheia, pois somente a eles cabe a tudo encher ou preencher com a sua sopitante vaidade. – Descreveu Miguel.

– O que interessa mesmo é que temos que trabalhar (e muito) para garantir as liberdades individuais, pois elas são a semente e o alicerce da liberdade coletiva. – Afirmou Afonso.

– Então vamos para o sítio. O Miguel é quem vai nos levar até lá. – Convocou Enilda toda animada e sem qualquer sombra dos temores que andaram lhe povoando a mente.

– Já está caindo o entardecer, mas eu cuidei das coisas. – Foi logo dizendo Brasilino, assim que eles adentraram a varanda da casa, na qual se podia ler numa placa: Bem-vindo à FAZENDINHA: Este lar é sempre grato àquele que o alegra com o calor de sua visita.

– Papai, não se esqueça de que eu o ajudei na arumação. – Protestou Maurício.

– Viva o Afonso! Viva o Afonso! Viva o Afonso!

so! – Era a gritaria festiva de cinco amigos de infância do visitante, que apareceram do nada, expandindo seu contentamento.

– Qual de vocês é o Rogério? – Indagou Afonso.

– Sou eu aqui. – Apresentou-se Rogério.

– Sabia que você nasceu no mesmo dia em que minha irmã Elvira? Mas, infelizmente, ela morreu no parto; ao passo que sua mãe, Rogério, faleceu minutos após você nascer. – Discorreu Afonso com semblante embrenhado em tristeza.

– Não, eu não sabia. – Garantiu Rogério.

– Nossos pais eram muito amigos e, como a casa de vocês possuía mais conforto e instalações mais adequadas, sua mãe achou por bem chamar minha mãe para ter a criança na casa dela, pois assim as duas seriam atendidas pela mesma parteira, a Dona Luzia, que por causa dos partos recebeu o apelido de Dona da Luz. – Historiou Afonso, atraindo a atenção de todos.

– Está bem, mas vamos continuar as apresentações. – Interveio Enilda, tentando quebrar o clima de surpresa, perplexidade e tristeza.

– Oh, desculpem-me, eu me prendi ao Rogério e me esqueci dos demais amigos. – Aquiesceu Afonso.

– Eu sou o Arnaldo. E dentre nós, reparando bem, o Rogério é a sua cara; tem até a mesma covinha no queixo! Talvez por isso você, que somente nos conhece por velhas fotos, pois nos separamos na pré-adolescência, tenha-se fixado, involuntariamente, no Rogério. – Contemporizou o amigo, praticamente em nome

dos demais.

– Quero abraçar e guardar lembrança de todo mundo. Vamos, bata uma foto Maurício. – Solicitou Afonso, ao filho de Enilda e Brasilino.

– Tudo bem e ótimo. Já estou sentindo o cheiro de carne assando na churrasqueira, mas eu e a Raquel não podemos ficar. A nossa bisneta Verônica chega agorinha mesmo da aula de reforço e aprimoramento de datilografia, com a mesma Dona Georgina que lhe deu o curso. E nós não queremos deixá-la sozinha em casa.

– Coisa estranha, você percebeu?! – Foi logo dizendo Miguel, assim que bateu a porta do carro e tomou a estrada.

– Estranhíssimo, ao que me pareceu o Rogério é o único motivo de ele ter vindo à nossa cidade. – Corroborou Raquel.

– O Rogério é neto único do saudoso coronel Odorico, que se transformou em filho, pois a filha Ziná, mãe do Rogério, não resistiu ao parto. – Destrinchou Miguel.

– Mas então, em um só dia, morreu no parto a irmã do Afonso e a filha do coronel Odorico?! – Espan-tou-se Raquel, que não havia entendido muito bem a narrativa do Afonso.

– Foi isto mesmo: uma mãe perdeu a filha; e um filho (o Rogério) perdeu a mãe ao nascer. À época o drama deixou a cidade em convulsão e grande consternação. – Reafirmou Miguel.

– Coitada da parteira, deve ter vivido momentos

terríveis! – Condoeu-se Raquel.

– Num primeiro instante, Dona da Luz quase foi linchada. Recebeu uma série de acusações, mas até médicos da região apareceram para inocentá-la, uma vez que a experiente parteira contabilizava centenas de partos benfeitos, numa cidade que não tinha hospital, ajudando muitas mulheres darem à luz seus bebês. – Esclareceu Miguel.

– Ela continuou fazendo partos na cidade?

– Apesar de ter sido isentada de culpa por médicos que estudaram o caso, Dona da Luz (não se sabe o porquê) deixou a cidade e foi para a distante Salvador, sua terra natal, na Bahia.

– Mas por que o Rogério pouco sabe da tragédia?
– Arguiu Raquel.

– Uai Raquel, por ser uma tragédia, ninguém ficou enchendo a cabeça do menino, que mal, mal, sabe que a mãe morreu ao lhe dar à luz. E, além do mais, quem teria coragem de ficar dando informação e contando pormenores do nebuloso incidente ao neto do temido coronel Odorico? – Aferiu Miguel.

– Mas aí tem coisa e, seja lá o que for, é o motivo do Afonso ter-se arrancado dos Estados Unidos até Santo Antônio do Monte! – Expressou-se Raquel, mal se contendo de curiosidade pelo desfiar de emaranhado guardado no sótão da memória familiar de Afonso, dono de proficiência em matéria de conhecimento químico, mas completamente perdido na lida com a química da vida, no chão da palma das mãos do Criador.



91

CAPÍTULO 10

INTEIREZA

*Quem dorme sabe a cama
A prece é de quem reza
Vive o amor aquele que ama
A vez valoriza a quem reveza
Toda poesia é pólen da palavra
Não existe lavra sem semeio
Cheio está quem ao meio se divide!*

Carlos Lúcio Gontijo

A ação e o envolvimento com a sociedade, por intermédio da convivência com os nossos irmãos na grande praça pública da vida em comunidade, têm o poder de dar inteireza à nossa existência terrestre. Viver, na acepção da palavra, é sinônimo de doação, pois não existe lavra sem semeio e cheio está quem ao meio se divide.

Muita gente se gaba de não se meter em discussão e jamais opinar sobre coisa alguma, mas um dia, em algum momento, terá que assumir sua culpa de pessoa que ocupou a cômoda condição de isento e indolente amante da paz, que em muitos casos favoreceu (e favorece) os algozes opressores da sociedade.

Desde o dia em que nascemos a sensibilidade perante os horizontes de luz da vida que nos rodeiam nos faz abençoados por alguma poesia acolhedora em forma de energia, que nos salva das nossas angústias, descrenças e incertezas cotidianas.

Nos livros que lemos nos deparamos com a imensa dádiva experimentada pelos poetas e escritores que caminham sob o sol, carregando o dom de debulhar palavras sobre o branco do papel, que as recebe como se elas fossem uma parte pertencente a ele mesmo (o papel), que por alguma razão inexplicável esteve dele apartada. Vivem os poetas a fluírem entre papéis e versos; não têm forma nem cor – são poetas!

Nosso espírito tem a cultura e a absorção de conhecimento como o seu principal alimento. Precisamos então lutar contra o advento da indústria do entretenimento em substituição à cultura verdadeira, que nos

conduz à reflexão e sensibilização de nosso espírito, arre-fecendo o bicho raivoso que habita cada um de nós.

Ainda que o sol e a claridade sejam o nosso ideal de vida, é preciso haver tempestade e escuridão em nos-sa caminhada, ensinando-nos que tudo passa tão rapi-damente que promover o desencontro é comportamento desnecessário, pois o desenlace virá espontaneamente, mais cedo ou mais tarde.

Somos dados a lamentar as perdas antes do en-cerramento dos capítulos que narram a nossa existência, apesar de constantemente nos defrontarmos com provas irrefutáveis de que quase tudo que perdemos na estrada da vida deve ser visto (e aceito) como livramento provi-dencial do Criador. Ademais, a experiência nos leva à fi-losofia de que quem muito fala de seus empreendimentos termina obrigado a dar bom-dia ao cavalo selvagem da inveja.

Afonso estava em busca da inteireza de sua exis-tência como ser humano, sem a qual ele jamais se senti-ria psicológica e emocionalmente completo. Sabia ele que os livros, encontros, alianças e revoluções são frutos da intensa troca de palavras, arrastando outras palavras até a construção do entendimento (ou desentendimento) fi-nal. Ele não queria sair de Santo Antônio do Monte sem compor no coração os pilares de sustentação espiritual, que têm sua fundação mais profunda na alma daqueles a quem amamos e queremos bem. As dúvidas e incertezas dificultam e inibem os nossos passos nos serpenteantes caminhos de nossa breve passagem pelo planeta Terra,

no transcorrer da qual aprendemos que em toda meia-verdade, há sempre uma mentira inteira.

– Ponha a radiola a funcionar, Arnaldo! – Pediu o então eufórico Afonso.

– Já vai um Vicente Celestino, que tocava no alto-falante do velho cinema da cidade! Lembra-se?! – Respondeu Arnaldo.

– Animem-se Rogério, Afrânio, Nestor e Magela! – Conclamou Afonso.

– Não adianta não, Afonso. Aqui somente eu gosto da noite para divertir, farrear, ler e refletir, ao som de uma boa música como trilha sonora. – Relatou Rogério.

– Veja como você tem razão: três estão estirados nas redes e outro já foi pro quarto. – Observou Afonso.

– Então vamos caminhar até o lago, aproveitando o clarão deste luar de lua cheia. – Convidou Rogério.

– Mas não seria bom avisarmos ao Brasilino? – Sugeriu Afonso.

– Que nada, o Brasilino tem que pegar no batente da roça às cinco da madrugada. Daqui podemos ouvir o ronco dele! – Ponderou Rogério, já com uma sacola cheia de cervejas e uma boa pinga, para bebericarem à beira do lago.

– Eu vou pegar um pouco de carne assada para a gente levar como tira-gosto. – Providenciou Afonso.

– Depois daquela sua fala, ainda estou a pensar no meu nascimento e morte de minha mãe Ziná. – Abriu conversa Rogério.

– Pois é, meu amigo, que drama! Num mesmo

dia, morreram a sua mãe e a minha irmã que iria chamar-se Elvira. – Emendou Afonso.

– O que verdadeiramente você sabe sobre aquele dia? Conte-me tudo, pois eu tenho o direito de saber. Já sou grandinho e tenho minha esposa Cláudia e três filhos, duas meninas e um menino, para sustentar. – Brincou Rogério.

– É até bom você me dar a liberdade de lhe contar tudo o que sei, pois foi exatamente por isso (e para isso) que eu vim a Santo Antônio do Monte. – Asseverou Afonso.

– Então a coisa deve ser mesmo importante (e feia) para ter feito você enfrentar viagem dos Estados Unidos até aqui! – Exclamou Rogério, sob o fogaçu de extrema curiosidade.

– Sem delongar muito, iniciarei minha narrativa a partir da morte de meu tio Osvaldo, que cuidou de mim em Governador Valadares após o falecimento de meus pais. No dia em que se deu a morte de tio Osvaldo, devido a enfisema pulmonar em elevado estágio, ele me deu as chaves de um pequeno baú. – Contou Afonso.

– E o que tinha nesse baú? – Inquiriu Rogério.

– Calma que eu já vou abri-lo! Dentro do baú havia uma carta da parteira Dona da Luz, contando tudo o que se passou. Aliás, a carta está em minha carteira, aqui no meu bolso e eu vou cuidar de lê-la para você, pois se trata de um documento superior à minha fala a respeito do assunto.

Prezado Sr. Osvaldo.

Antes que a morte me pegue aqui em Salvador, na Bahia, onde agora moro, levando-me deste plano, eu tenho que contar a alguém sobre o que se passou no dia em que morreram a filha do coronel Odorico, que se chamava Ziná e deixou o filho Rogério, criado pelo coronel, pois o coitado do pai (Henrique) vivia as expensas do sogro; e a menina da Márcia, casada com Marcelo, que se chamaria Elvira e seria irmã do Afonso.

Acontece, Sr. Osvaldo, que os acontecimentos não foram bem assim, pois o coronel Odorico me forçou a mentir e eu aceitei receber dele até o cala boca de uma grande quantia em dinheiro. Ao bem da verdade ele nem precisava me dar nada, diante do medo que ele me provocou deliberadamente, com seu rosto pálido de contrariedade, decepção, braveza e ódio.

Foi assim, acovardada, que eu entrei em cena. A Ziná (esposa do Henrique e filha única do coronel Odorico) morreu junto com a menina que nasceu morta. Enquanto a Márcia, casada com o Marcelo, deu à luz um menino saudável e forte, que seria irmão do Afonso. Então eu fiz a troca diabólica, intrometendo nos desígnios de Deus, ou no destino, para os que não creem.

Não peço perdão porque quem me pode perdoar é apenas Deus; não existe perdão pra mim na lei dos homens. Meu abominável procedimento se transformou em minha aflição e castigo. Quando soube da morte precoce do casal

Márcia e Marcelo, quase morri junto, pois o menino Afonso, que ficou órfão, poderia ter seu sofrimento diminuído se tivesse a companhia do irmão, que eu transformei em neto do coronel, recebendo o nome de Rogério Odorico.

O tormento no qual eu passei a viver tirou-me a condição de exercer a profissão de parteira. Os médicos da região chegaram à conclusão de que eu não errei nos partos e que tudo não passou de uma fatalidade. Porém, a minha consciência não me deu mais sossego.

Sob o mais intenso sentimento de culpa, despeço-me.

*Luzia parteira, a Dona da Luz.
Salvador, 31 de março de 1954.*

– Meu Deus, que horror insuportável! Meu avô, suposto avô, agiu como um crápula desprezível. A parreira foi apenas covarde, como costuma suceder com a gente humilde brasileira, que tanto teme quanto respeita e até admira os poderosos, endinheirados. Quanta safadeza! – Rogério foi assim lamuriando-se e, ao mesmo tempo, adentrando a passos trôpegos pelo interior da mata aos redores do lago.

– Volte Rogério, por favor! Aonde você vai? – Indagava Afonso em aflição, pois apesar da noite enluarada ele não conseguia acompanhar Rogério mata adentro, uma vez que ele não conhecia o local.

– Senhor Brasilino, senhor Brasilino, senhor Brasilino!... – Era Afonso clamando aos gritos por socorro.

– O que foi, gente?! O que está acontecendo? – Acordou Brasilino e, em seguida, todos da casa.

Em rápidas palavras Afonso relatou o episódio...

– Maurício, meu filho, vá com os rapazes pela parte de cima da mata que eu e o Afonso iremos pela parte de baixo, que é mata muito fechada e perigosa. Eu vou levar até a minha espingarda, pois se precisar posso atirar. Depois que fui baleado por bandidos assaltantes, fiz longo treinamento de tiro, usando como alvo garrafas e latas, próximo a uma pedreira. – Explicou Brasilino, ao notar os olhos catatônicos do Afonso.

Rogério, Rogério, Rogério... Saiu a gritar a “milícia” improvisada, à procura do paradeiro do desatinado. E passadas umas duas horas de busca, lá pelas cinco da manhã, Afonso e Brasilino avistaram (numa clareira

distante, bem no meio da mata) a figura de um homem jogando uma corda sobre galho de árvore.

– Por Deus, é o Rogério e está prestes a cometer uma derradeira bobagem! – Previu Afonso.

– Ele conhece o lugar e deve ter passado numa casinha de madeira que fica no meio da mata, na qual guardo alguns apetrechos e ferramentas. Lá tem cordas, para o caso de alguém precisar laçar e amarrar gado com o objetivo de processar algum tratamento. – Avaliou Brasilino.

– Mas e agora, o que fazer?! Não tem a menor condição de chegarmos a tempo de salvá-lo! – Apavorou-se Afonso.

– A única coisa a fazer é atirar nas pernas dele, impossibilitando-o de dar cabo à sua pretensão suicida. – Ponderou Brasilino, sem demonstrar ou esboçar confiança no sucesso da empreitada.

– Vamos Brasilino, você não se gabou instantes atrás de ter treinado tiro ao alvo? Agora é hora de você provar a competência adquirida no treinamento. Inspire-se nos heróis do passado, atice a memória do Dilico, que é cantado em verso e prosa como um dos maiores atiradores que nossa região já teve. – Incentivou Afonso.

– Você tem razão e, afinal, o alvo de mira é bem maior que latinhas e garrafas. Vou atirar... – Preparou-se e, resoluta e determinadamente, puxou o gatilho da espingarda.



CAPÍTULO 11

MILAGRE ANÔNIMO

*Cela que perde o preso
Barco que perde a vela
Flecha distante do arco
Porta que não se fecha
Horta em que nada cresce
Prece que aos céus não chega
Chapéus em cabeças confusas
Peças difusas que não se encaixam
Enquanto Deus inventa o acaso
Um milagre escondido em sinônimo
Para quando deseja ficar anônimo*

Carlos Lúcio Gontijo

A vida nos ensina a não tomarmos a parte pelo todo nem confundir segmento com seguidores. O invisível sempre age em nossa caminhada terrena, mesmo quando não acreditamos nem percebemos a presença de luzes espirituais benfazejas entre nós, preparando-nos para o término da precária e breve existência material.

Quando não conseguimos acessar nossa consciência, navegamos de maneira involuntária pelos mares da vida, debitando nossa infelicidade ao destino, como costumamos chamar o conjunto de atos derivados de nossa inconsciência, que dependura ferraduras atrás da porta em nome da sorte e da felicidade, apesar de todos os azares do cavalo. A experiência do passado nos indica que, ao invés de dar tempo ao tempo, devemos dedicar todo o nosso tempo à vida.

Compreender os nossos limites e limitações tem a ver com a visão daquilo que realmente somos e não com o arrefecimento da luta pela realização de nossos sonhos. Reconhecidamente, ninguém encontra facilidades a todo instante nesta vida e, como o mundo é redondo, não é fácil encontrar o doce sossego em canto qualquer, uma vez que a paz só existe em lugares mergulhados em amor e amizade, construindo momentos em que a gente toma cerveja gelada, uma taça de vinho, aquele café quentinho e se entrega de corpo e alma àquele bate-papo descontraído, do qual o nosso espírito sorve elevadas doses de luz.

Compete-nos sempre confiar desconfiando, pois o mundo está cheio de caçadores de lobos maus que, ao final, se nos apresentam com a mesma face de maldade das feras às quais diziam combater. Lobo em pele de cordeiro não é história nem enredo retirado de fábulas, pois na realidade marca presença efetiva no cotidiano de todos nós.

Todo o exuberante complexo da natureza à nossa volta é resultado do ininterrupto milagre da vida, levando-nos a duvidar da simples coincidência e casualidade, que existem sim, mas tão-somente pelo fato de o Criador (em determinados momentos) não fazer questão alguma de assinar sua obra, bastando-Lhe o debuxar do embevecimento e a admiração do nosso espírito ao respirar, por exemplo, o vital oxigênio, esta invisível seiva que mantém acesa a chama da vida.

– Que tiro certo; vamos depressa socorrê-lo! – Comemorou, euforicamente, Afonso.

– Confesso que não acreditava que seria capaz, mas a necessidade faz o sapo pular e o homem (com uma espingarda na mão) atirar, em caso de precisão. – Aferiu Brasilino.

– O que aconteceu, meu pai? Ouvimos um estampido lá de longe! – Chegou esbaforido Maurício.

– Atirei no Rogério e vamos lá embaixo prestar-lhe socorro! – Respondeu Brasilino, sem dar explicações.

– Se é para ir, então vamos! – Conclamou Afonso.

E assim saíram todos em desabalada carreira. Afonso, que não tinha experiência sequer em andar no meio mato, levou muitos tombos e arranhões ao descer, em disparada, a ladeira coberta de árvores, troncos, galhos, arbustos e pedras.

– Seus loucos, malucos, vocês me mandaram bala! – Reclamou Rogério aos gritos, assim que se viu rodeado pelos amigos ofegantes e em polvorosa.

– Sem juízo é você que estava amarrando uma corda no galho da árvore, para se matar. – Respondeu Afonso.

– Como você não pensou em sua mulher e nos três filhos! – Condenou Brasilino.

– Que papelão, Rogério! – Desferiu Arnaldo.

– Chega de xingamentos, pessoal! Não estão vendo que não é nada disso? Ainda estou com a corda na minha mão e, por favor, observem bem! – Implorou Rogério.

– Uai, na ponta da corda, atrás daquela moita, tem um belo potrinho, todo branco como neve. – Surpreendeu-se Brasilino.

– Este potrinho é resultado do cruzamento da minha égua “Crinalda” com um cavalo premiado do Tenente, nosso vizinho. O cavalo foi campeão em várias apresentações em exposições agropecuárias. Há dias que eu estava à procura dele e, inesperada-

mente, o encontrei aqui na mata. – Elucidou Rogério, já amparado por Afonso.

– Onde pegou o tiro? – Indagou o amigo Arnaldo.

– Bem aqui na perna direita, um pouco acima do joelho. – Respondeu Rogério.

– Ainda bem que o tiro veio de muito longe e a bala perdeu a força. – Avaliou Maurício.

– Mas por que você estava dependurando a corda no galho da árvore? – Arguiu Afonso.

– Eu não estava dependurando corda coisíssima alguma. Por obra do acaso, a corda estava no galho da árvore e, como precisava dela para laçar o potrinho, eu a peguei. – Justificou-se Rogério.

– Você me desculpe, mas do jeito que você se afastou da beira do lago, demonstrando aflição e transtorno, eu imaginei que você seria capaz de atentar contra a própria vida. – Desculpou-se Afonso.

– Vocês nem viram o potrinho na ponta da corda, preso por um laço? Resmungou Rogério.

– Mas como poderíamos ver?! Sob o clarão da lua e na distância em estávamos, esse potrinho (que de tão branco está mais para animal albino) era figura invisível. – Alegou Brasilino, não escondendo o sentimento de culpa.

– É, mais a mim vocês puderam enxergar e mandar chumbo! – Brincou Rogério, tentando descontraí-lo o ambiente.

– Vamos à Santa Casa de Misericórdia tirar o projétil e fazer um curativo. – Ofereceu-se Afrânio, que rapidamente colocou o carro à disposição.

– A bala está bem na superfície da pele. – Diagnosticou Afonso, ao examinar o ferimento.

– Louvado seja Deus! – Suspirou Brasilino.

– Eu faço questão de acompanhá-los. – Pronunciou-se Afonso, junto a Rogério e Afrânio.

– Não é preciso, meu irmão. Você veio aqui para tudo, menos para esse tipo de coisa. – Disse Rogério.

– Não há problema algum. Aliás, será bom rever o pessoal da Santa Casa de Misericórdia, à qual pretendo sempre enviar uma doação anual. Ademais gostei muito daquele “João Enfermeiro” (que pelo que pude apurar é bastante querido pela população) e gostaria de revê-lo – Contrapôs Afonso.

– E você achando que eu seria capaz de cometer suicídio, por descobrir a verdade sobre a minha origem de vida. Ainda mais com revelações que redundaram na descoberta de que tenho um irmão de sangue, meu legítimo irmão Afonso. – Completou Rogério.

– Afrânio, faça-me o favor de telefonar para a Enilda, que nesta hora ainda deve estar em casa, e contar sobre o incidente. A cidade é pequena e, com toda a certeza, alguém cuidará de lhe enredar aumentando alguns pontos, inclusive na coxa do Ro-

gério. – Recomendou Brasilino, passando o número do telefone de sua casa para Afrânio.

– Nem tudo é perfeito nesta vida, mas tudo termina se encaminhando, se não rumo à perfeição, pelo menos para o ponto de alcançar alguma realidade palpável. Neste devido momento, meu irmão Rogério, começa a germinar em nós o tempo da devida compreensão. Sem dúvida, no incidente de hoje eu poderia ter contribuído até para a sua morte, pois levado pelas aparências e pelo prejulgamento optei por alvejá-lo (juntamente com o Brasilino), correndo o risco de a bala acertar (e penetrar) uma região vital de seu corpo. – Ponderou Afonso.

– Para mim, o que fica de todo esse encontro e desencontro é que jamais nos devemos guiar pelas aparências, pois como nos ensina o velho e repetido ditado popular, as aparências enganam. – Entrecorreu Rogério.

– A carta, na qual Dona da Luz confessa a farsa que tanto modificou e influiu em nossas vidas, provocou danos irreversíveis na vida de nossos pais, Marcelo e Márcia, que morreram sem saber que você era filho deles. – Discorreu Afonso, com os olhos cheios d'água.

– O importante para mim agora é que eu a passei a ter recordações plurais e uma singular saudade, pois que lastreada na falta de convivência com a mãe que tive sem efetivamente ter. – Proferiu Rogério.

– A parteira Dona da Luz é uma prova inequívoca de que quem age contra si mesmo não merece compaixão, pois sabe o castigo que deseja. – Desabafou Afonso.

– Olha, ali está a Santa Casa! Vou deixá-los aos cuidados do médico e me dirigir à casa do Brasilino, pois penso ser melhor explicar tudo pessoalmente.

Assim propôs e assim realizou Afrânio.

– Bom-dia, dona Enilda! – Cumprimentou Afrânio.

– O que o traz aqui? Quase que você não me encontra em casa, pois já estou de saída para o trabalho. – Revelou Enilda.

Afrânio então narrou tudo resumidamente...

– Quanta novidade e que história espantosa! Bem que o meu coração me pediu para ficar por lá ontem. Mas logo que o Miguel e a Raquel saíram da fazendinha apareceu o nosso vizinho Tenente, que vinha à cidade. Então pensei bem e resolvi lhe pedir uma carona. Não fosse isso, eu teria vivido de perto as emoções do desenrolar desse episódio, que entrará para a história do município, com o meu Brasilino no papel de anti-herói ou herói bandido. – Analisou Enilda, em tom de brincadeira, sob o semblante aturdido.

– Que anti-herói que nada! De uma maneira ou de outra, aquele tiro certo lhe valerá a fama! – Previu Afrânio, arrancando gargalhada de Enilda.

Afrânio cumpriu ao pé da letra a missão recomendada por Brasilino e retornou à Santa Casa de Misericórdia, onde Rogério (já atendido e medicado) e Afonso o aguardavam.

– Não foi nada não; está tudo bem! O Rogério está novinho em folha. – Afonso foi logo anunciando.

– Deus seja louvado! – Respondeu Afrânio.

– Mas nunca me senti tão abalado! – Galhofou Rogério.

– Que trocadilho mais previsível e infame! – Ironizou Afrânio.

– Viu, meu irmão, até o “João enfermeiro”, pessoa muito querida e respeitada na comunidade, estava elogiando a sua simplicidade. Todos estão comentando e tecendo loas à sua humildade, apesar de ser pessoa bem-sucedida na vida. – Regozijou-se Rogério.

– Da vida nada se leva, a não ser o conteúdo da troca de energia acumulado no transcorrer de nossa trajetória. Considero pobre espiritual, miserável mesmo, quem se eleva perante os demais, pelo fato de possuir riqueza material. Meu saudoso tio Osvaldo gostava de contar um caso, segundo ele ocorrido pelas bandas do Norte de Minas Gerais, onde ir morar nos Estados Unidos é tão comum para a população quanto ir à esquina comprar pão. Vamos ao caso. – Disse Afonso.

Um cidadão de nome João morou muitos anos nos Estados Unidos, onde passou temporadas e mais temporadas lavando pratos e limpando o chão e fugindo de todo e qualquer momento de lazer, até que acumulou dólares suficientes para ter uma boa vida no Brasil. Retornou, então, ao lugarejo em que nasceu e passou toda a infância e juventude, pensando em ali viver pelo resto da vida.

Todavia, sabe-se lá o porquê de tão estranho vezo de vaidade, João tanto insistia em ser chamado de John quanto em falar apenas em inglês, que segundo ele era língua de gente.

Pois bem, e assim passaram-se os dias, até que em determinada ocasião ele saiu para pescar com os amigos num perigoso local, conhecido como Lago sem Fundo.

Dessa pescaria voltaram os amigos do João, que eram pessoas simples e de baixa escolaridade, que mal, mal falavam português ruim. Estavam todos assustados e repetindo a mesma versão: “Oia, o João tava cum nós e de repente tomô chá de surmiço. Procuremo por tudo qui lugá e fumo ficando cumedo, porque era um grito de repe, repe sem parar”.

E para terminar tio Osvaldo assinalava, com ar de sabedoria: “Moral da história, quem muito aparece, desaparece!”

– Ou morre como vítima da própria ar-

rogância... – Complementou Afrânio, às gargalhadas.

– Eis aí a maior verdade: o lado bom do idiota é a idiotice que dele nos separa. – Emendou Rogério, sem pestanejar.

Dessa maneira, como se fosse viajante de outro plano, Afonso deixou brilho por onde passou, derramando a cada passo uma espécie de mágico alvejante invisível, mas que era invisivelmente percebido. Pelo restante de sua vida ele constantemente retornaria a Santo Antônio do Monte, para rever a sua família – representada especialmente na figura do irmão Rogério – e os amigos queridos, que juntos com ele cavalgam no dorso daquele potrinho albino, branco como a neve, nas verdejantes planícies do sempre, que geograficamente se localizam na eternidade do afeto verdadeiro.



CAPÍTULO 12

NOVA RODA

*O calor das casas é fenômeno virtual
Na sociedade atual vem do computador
O mundo em desamor me mete medo
Com esse profundo arremedo de vida
Onde cada um existe pelo que consome
O nome é registrado no rodapé da roupa
Numa reluzente etiqueta à mostra
Toda gente segue a vinheta da tevê
Ai de quem não acompanha a moda
A publicidade é a invenção de nova roda
Enquanto os pais buscam os filhos na escola
Apressados e cheios de empecilhos
Loucos por chegar antes que a porta se feche
Aprisionando sua criança cheirando a creche!*

Carlos Lúcio Gontijo

Saber aonde não ir é um bom começo para se chegar ao lugar certo. Viver é descobrir nas incertezas as dúvidas com as quais podemos conviver. Podemos evitar um ignorante ou outro, mas a realidade é que a ignorância está sempre (e coletivamente) próxima de nós.

A todo o momento somos sobressaltados por algum desapontamento, seja no lar, no trabalho ou nos espaços de convivência em sociedade. Entretanto, essa é a única maneira de germinarem as individualidades, as particularidades e a separação do joio do trigo, na lavoura em carne e osso, na qual se dá a colheita dos seres humanos capazes de contribuir para o florescimento de um mundo novo.

É cada vez mais difícil encontrar pessoas ouvindo canção verdadeiramente revolucionária e convidando a marchar na direção contrária ao velho comando do ordinário, marche! Acostumamos à caminhada sem ter pra onde, como se ausência de destino fosse sinônimo de liberdade.

No consumismo alçado ao patamar de fator de justificativa (e razão) para a existência da humanidade, assistimos à formação de exércitos acéfalos e desprovidos de patentes, nos quais as pessoas vão se inscrevendo à medida que atendam aos anúncios publicitários, adentrem uma loja qualquer e adquiram o uniforme da moda.

Desse inaudito exército não escapam sequer as crianças, que desde a mais tenra idade (e cada vez mais cedo) são deixadas nas creches pelos pais que têm que trabalhar pelo pão de cada dia e, assim, atingir condição financeira, ou pode aquisitivo, para comprar os tais uniformes da moda, subliminamente anunciados como ordem do dia aos que pretendem entrar na disputada marcha a caminho da felicidade, na qual

os adultos repetem as mensagens dos anúncios publicitários e institucionais, através dos quais lhes são impingidas regras e normas comportamentais, ao passo que suas crianças cheiram a creche, sem se diferenciar pelo aroma de suas casas, pois todos usam os mesmos produtos padronizados pelo modismo.

Lar é tradução materializada da emoção e da alegria de estarmos juntos às pessoas que amamos. Indubitavelmente, as pessoas são responsáveis pela transformação da convivência numa calorosa festa de encontros. É por isso que as famílias que moram de aluguel (e constantemente são obrigadas a mudar de endereço) não se esfacelam, pois não dependem do lugar em que habitam para subsistir enquanto núcleo familiar, uma vez que lar e família são sentimentos semeados no coração, que é a sua moradia fixa.

– Puxa vida, como você anda sumida, Verônica! – Reclamou Alaíde.

– Amiga querida, tenho ido constantemente a Belo Horizonte, dando uma ajeitada no apartamento onde vou morar. Minha família o tinha como ponto de apoio para ficar uns dias, quando íamos à capital, mas agora é diferente! – Explicou Verônica.

– Eu entendo, mas você praticamente desapareceu. – Insistiu Alaíde.

– Além do mais estou enfiando a cara nos estudos, pois pretendo tentar a sorte no vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais. – Revelou Verônica.

– Mas sem fazer cursinho? Quanto a mim já me decidi, vou ficar ajudando meu velho pai na loja de aviamento que, com minha disponibilidade de tempo após conclusão do ensino médio, será ampliada. – Expôs Alaíde.

– Fico contente com sua decisão, pois seu pai precisa de apoio para continuar tocando o negócio. Agora, quanto ao fato de eu tentar vestibular não tem nada de excepcional. Conheço muita gente que terminou o ensino médio aqui na cidade e se deu bem no vestibular logo em seguida. – Justificou Verônica.

– Tomara que você passe no curso de Veterinária, com o qual você tanto sonha. – Desejou Sara, que havia chegado e ouviu o final da conversa.

– E é bem capaz de você passar mesmo, Verônica, pois você foi uma das melhores alunas de nossa sala. – Avalizou Alaíde.

– Que tal a gente reunir todo mundo lá na fazendinha, no final do ano, como forma de nos despedirmos? Olha, a gente convida a dona Raquel, o senhor Miguel, os pais da Alaíde, o nosso amigo Gustavo... – Propôs Sara às duas amigas, Verônica e Alaíde.

– Por mim tudo bem, mas você tem que ver se a Enilda e o Brasilino, seus pais, concordam com essa festa. – Alertou Verônica.

– Então vamos resolver agora... Ô mãe, dá um pulinho até aqui! – Gritou Sara, chamando a mãe que estava no batente, assando biscoitos para o lanche da tarde.

– Que foi, minha filha?! – Apareceu rapidamente Enilda, que ouviu a proposta e, alegremente, acolheu o pedido da filha.

– Que foi, gente?! Que vozerio é esse? – Indagou Raquel.

– As meninas querem comemorar o fim de ano lá na fazendinha e eu me coloquei favorável à ideia. – Esclareceu

Enilda.

– Que ótima proposição! Assim poderemos reunir nossas famílias. – Corroborou Raquel.

– Vai ser muito bom mesmo, vovó! – Festejou Verônica.

– Que pena o Afonso ter ido embora e não poder estar com a gente! – Lamentou Enilda.

– É mesmo, eu também gostei muito dele. Estava próximo dele quando o Brasilino se desculpou pela simplicidade das acomodações da fazendinha e ele respondeu que o principal ornamento de uma casa é a luz emanada do coração daqueles que a habitam. E ainda completou: casa é como se fosse um portal sagrado para dar passagem aos amigos verdadeiros.

– Por falar em casa, vovó querida, comprei alguns livros novos para a biblioteca do nosso apartamento em Belo Horizonte, pois como minha professora de português, Dona Olímpia, gosta de dizer, não existe nada mais triste que chegar numa casa e perceber que ali não existe livro algum – nem mesmo uma simples folha solta para aliviar os momentos de elevação da febre de ignorância. – Revelou Verônica.

– Muito bem, Verônica. A leitura é indispensável para a evolução e conscientização da mente humana. Talvez quando a leitura se transformar em gosto natural e inerente à maioria das pessoas, todo cidadão perceba que neste mundo de espertos e desprovidos de qualquer pudor, ter vergonha na cara é o mesmo que possuir um tesouro. – Avaliou Raquel.

– Com toda a certeza, vergonha na cara é tudo! – Concordou Enilda.

Como os dias não perdem a mania de passar, a noite

de réveillon chegou, e a fazendinha se encheu de gente: Enilda, Brasilino e os filhos (Sara, Maurício e Mauro); Alaíde com os pais; Rogério com a esposa Cláudia e três filhos; Raquel, Miguel e Verônica; Gustavo...

Miguel, o mais velho entre os presentes, tomou a palavra quando faltavam quinze minutos para a meia-noite, sob as luzes de uma grande árvore de natal, que ainda não tinha sido desarmada, à espera da data de 6 de janeiro, Dia de Reis, conforme manda a tradição.

- Família é fenômeno construído por homem e mulher (ou qualquer outro tipo de união), que por amor juntam suas diferenças para se complementarem como seres humanos. Por isso, quem deseja ver-se no outro ao qual tenta mudar, deveria contentar-se com a sua própria imagem diante do espelho e jamais buscar união matrimonial, para a qual não tem vocação alguma.

Temos aqui a presença de muitos jovens e, especialmente a eles, eu afirmo que, depois da escola, da faculdade, da profissão, da conta bancária, do namoro, do casamento, da compra da casa, do nascimento dos filhos, da família criada, da chegada dos netos, eis que nos vem uma nova visão de mundo e, com ela, o estabelecimento de que a verdadeira felicidade se resume em não estar enfermo e, se acaso alguma doença aparecer, que não seja nada grave, movendo sofrimento e angústia para toda a família.

Todavia o suprassumo da realização, o que nos faz sentir no ar que respiramos o hálito de Deus, é sempre contar e ter alguém que nos ame e esteja, ansiosamente, à nossa espera cada vez que saímos e retornamos ao ninho que alimenta de horizontes os nossos passos e sonhos, ao qual chamamos de

lar.

Tudo na vida é questão de ponto de vista. Há quem tenha os pássaros como símbolo maior da liberdade. Todavia, outros afirmam que “o pássaro não é livre para voar; na realidade, ele é escravo do voo”.

Assim (e belamente) discursou Miguel, emocionando os amigos, que sob o badalar da meia-noite deram início aos abraços e votos de feliz ano-novo. Estavam todas as pessoas presentes se encaminhando à mesa cheia de guloseimas e bebidas quando Rogério surgiu com um envelope de cor esverdeada, que lhe foi enviado por seu irmão Afonso, mas endereçado a Brasilino, sob a expressa recomendação de que o mesmo fosse aberto pelo destinatário quando acompanhado apenas de sua família.

– Se é assim, como homem obediente que sou, cumprirei à risca as ordens do amigo Afonso. Entretanto, sinto-me embriagado de tanta curiosidade, à qual tentarei rebater com essa farta mesa à nossa disposição. – Disse Brasilino.

– Então me passe o envelope, para que eu o guarde para você. – Solicitou Enilda.

– Nada de preocupação Brasilino, pois vindo do Afonso só pode ser coisa boa e, além do mais, toda caminhada se dá sob a dimensão do próprio caminhante – nem mais nem menos! – Ponderou Miguel, que correu até o final da varanda em que estava...

Ao longe se ouvia o som de uma sanfona bem tocada, que se foi aproximando, aproximando, até adentrar o ambiente. Era o maestro Otaviano Coimbra, convidado em segredo por Brasilino, para festejar e saudar o primeiro dia de um novo ano.



CAPÍTULO 13

RIO DA VIDA

*Muitas são as sombras dos assombros
Em meus ombros o peso do mundo
Mas não me vergo ao sobrepeso
Enxergo o fio de luz de um riso
E sob o corte preciso da dor sorrio
Ciente de que há sempre leito preparado
Onde somos abrigados feito peixe em rio*

Carlos Lúcio Gontijo

Vivemos do invisível ainda que não queiramos admitir. As pessoas partem, mas ficam na gente, ao feitio de tatuagem quente queimando-nos o peito e a alma. Nos quartos dos casais, o amor está sempre exposto na cama, invisivelmente ateando fogo, mantendo acesa a chama.

Não importa a fonte de claridade, se luz própria do sol ou reflexo da luz, tudo que o amor deseja é alguém que o faça instrumento de luzidia corda labial, de teclados corporais digitais entregues ao toque dos amantes.

Quem exacerba e expulsa de casa o filho ou a filha por preconceito em relação à sua opção sexual, como se estivesse livrando a sociedade da perversão está, na realidade, destruindo a sua família, o núcleo do átomo da felicidade possível neste planeta Terra de tantos desterrados.

Ao censurar a opção e a maneira de amar de determinadas pessoas está-se, em verdade, querendo dar voz às paredes e ousando abrir as cortinas das alcovas, onde tudo o que se passa é questão de foro íntimo e que a ninguém interessa. Geralmente o moralismo é pregado por imorais que trazem ao âmbito das discussões as suas próprias frustrações, numa tentativa inglória de esconder o seu triste fadário de eternas larvas, que jamais atingem o estágio de borboletas borboleteando sobre o jardim (aberto em flor) do corpo amado.

– Vamos logo abrir este envelope, Brasilino! –
Reivindicou Enilda.

– Calma, Enilda! Primeiro chame os nossos filhos, pois quero cumprir o ritual que me foi recomendado pelo amigo Afonso. – Condicionou Brasilino.

– Sara, Mauro e Maurício, venham até aqui! Vamos abrir o envelope enviado a seu pai pelo Afonso.
– Gritou Enilda, batendo na porta do quarto de cada um dos filhos, que ainda se refaziam dos exageros do réveillon.

– Então leia a carta, Enilda, pois infelizmente sou desletrado, ou seja, como você sabe, eu não sei ler. – Solicitou Brasilino, sem esconder o acanhamento.

Assim nos diz o Dr. Afonso, descortina Enilda, ao iniciar a leitura da carta retirada do misterioso envelope esverdeado...

Caro amigo Brasilino, que minhas palavras o encontrem desfrutando saúde e paz junto à sua família. Em respeito à sua condição de analfabeto, que é desconhecida ou por muitas pessoas até esquecida, principalmente por parte dos amigos, não quis que minha carta fosse aberta em público, durante comemoração de chegada de novo ano em nossas vidas.

Reconheço em você um mestre no que faz, cuidando como ninguém de seus afazeres na fazendinha. Contudo, pude observar que sua desenvoltura e inteligência são bastante prejudicadas devido ao fato de você não poder sequer fazer um cheque ou avaliar o teor de um documento, tendo sempre que recorrer à sua esposa Enilda ou aos filhos, que o auxiliam com carinho e compreensão, de forma a não menosprezá-lo ou melindrar os seus sentimentos.

Aprendi, em poucos dias de convivência, a admirar a sua maneira de correta de usar as palavras, que aninham com natural espontaneidade em sua mente e se entregam à sensibilidade de seu coração. Contudo, acho e tenho certeza que você tanto merece quanto pode muito mais.

Aprender a ler e a escrever não lhe será tarefa difícil, pois basta que você se aplique na causa com a mesma determinação desprendida no treinamento de tiro ao alvo, que o levou a ser capaz de agir de maneira tão magnífica (e histórica) quando do caso do meu irmão Rogério, acertando um tiro de longa distante, ao qual nem atiradores de elite arriscariam.

Acompanha esta carta o comprovante de depósito

em seu nome, na agência do Banco Nacional de Santo Antônio do Monte, no valor correspondente ao de um carro médio zero-quilômetro, como prêmio antecipado à alfabetização que você conquistará, após frequentar aulas noturnas abertas por programa governamental visando à diminuição do número de analfabetos no país, entre os quais você em breve não mais estará.

Ciente de sua capacidade, eu cuidei de deixar por escrito à gerência do banco a exigência de que o dinheiro só pode ser retirado com sua assinatura, feita de próprio punho por você, meu querido amigo, ao qual espero rever em breve, curtindo o prazer de conviver com os novos horizontes de luz que lhe serão abertos pelo domínio da palavra escrita, servindo-lhe de berço à ampliação de sua cultura e poder de mobilização em prol de um mundo com mais mão se encontrando e estreitamento de laços de amor e amizade.

*Com extremado apreço e imensa amizade,
Afonso.*

– Querido, que gesto maravilhoso! – Emocionou-se Enilda.

– Com tamanha demonstração de amizade e confiança, só me resta enfrentar os bancos da sala de aula!

– Balbuciu Brasilino entre lágrimas.

– Pode ficar tranquilo papai, pois todos nós vamos ajudá-lo. – Prometeu Sara.

– Não se preocupe com a fazendinha. Pode deixar que, bem cedinho, estarei por lá cuidando de tudo, pois como as aulas serão à noite o senhor ficará muito cansado. – Propôs Maurício.

– E tem que ser assim mesmo, porque senão o seu aprendizado será prejudicado. Os especialistas em educação afirmam que aluno cansado tem dificuldade na absorção do que lhe é ensinado. – Esclareceu Mauro.

– Estou feliz e radiante. Vou correr à casa da Raquel. Hoje é feriado de 1º de janeiro e ela deve estar por lá, curtindo a ressaca dos festejos do réveillon. – Disse Enilda, já saindo saltitante como beija-flor na primavera.

– Raquel de Deus! O Afonso nos pregou uma prazerosa peça de fim de ano, dando-nos uma prova incontestante de amizade. – Relatou Enilda, ofegantemente à patroa, ainda de camisola.

– Que tinha, afinal, no tal envelope, que ontem deixou todos nós morrendo de curiosidade? – Indagou Raquel.

– É o seguinte... – E assim Enilda debulhou tudo para a Raquel, que depois repetiu para Miguel, que repassou para a bisneta Verônica, que contou ao amigo

Gustavo... E não mais que de repente toda a cidade tomou conhecimento da novidade.

– Como a vida é perita em nos providenciar lições de fontes tão inesperadas e improváveis! – Exclamou Miguel.

– Sobre o que você está falando?

– Desse gesto do Afonso.

– Como assim?!

– De certa maneira, a grande maioria das pessoas o aguardava sob o velado preconceito, pelo simples fato dele ser gay. Porém, acabaram se esquecendo de sua opção sexual ao descobrir nele um excepcional ser humano. E afinal, o que nos interessa saber o que acontece entre quatro paredes! Não importa o perfil dos casais, o que temos certeza é que se desfaz a cama, mas o amor nela invisivelmente permanece latente, consciente de que sempre haverá leito preparado e disposto a abrigar os casais como se eles fossem peixes em rio. – Filosoficamente receitou o farmacêutico Miguel.

– Acredito que, ao aceitar a sugestão de frequentar as aulas noturnas de alfabetização, Brasilino acabará influenciando muitas outras pessoas a fazerem o mesmo. – Previu Raquel.

– Com certeza, minha querida! O Brasilino é cidadão muito conhecido e estimado por todos. – Concordou Miguel.

– Aposto que ele poderá estimular não apenas os analfabetos a procurarem a escola, pois muitos jovens que deixaram os estudos se sentirão movidos pelo desejo de retornar a ela. – Concluiu Raquel.

– Por falar em escola, a nossa Verônica fará vestibular na próxima semana. – Lembrou Miguel.

– Eu já até conversei com ela, alertando-a em relação às dificuldades, pois no caso de não ser aprovada ela não pode desacreditar em sua capacidade, sentindo-se fracassada ou desestimulada. – Descreveu Raquel.

– Fez bem, porque são poucos os alunos que saem direto do ensino médio e, sem se preparar nos famigerados cursinhos, galgam o nível universitário. Todavia, aprovada ou não, ela irá morar em Belo Horizonte a partir do mês de fevereiro. – Definiu Miguel.

– Nem quero pensar no vazio em que ficará nossa casa sem a alegria dos joviais passos de nossa Verônica. – Disse Raquel, sem conseguir disfarçar a voz embargada.

– Não será mesmo fácil, mas devemos incentivá-la e não lhe demonstrar a tristeza que ficará em nós como umidade de beira de rio, à qual o sol não pôde enxugar. – Rebateu Miguel, em tom lacrimoso.

– Temos que ser fortes e aceitar nossa missão de conduzir nossa bisneta à vida. Em breve, nos sentiremos felizes ao vê-la independente, provando-nos plena capacidade de tomar conta de seu próprio destino. – Remou Raquel, na canoa da indispensável compreensão.

– Você tem razão, pois já somos pessoas idosas e não estaremos por aqui para sempre. Dar-lhe confiança e asas faz parte de nossa responsabilidade como bisavós e, por excepcional circunstância devido à morte de nossa neta Cristina, pais. Creio que para a nossa felicidade espiritual, à medida que incentivamos (a duras

penas) o voo solo de Verônica, distante de nós e do nosso lar (nosso ninho), mais estaremos guardados em seu coração quando partirmos deste plano, onde todos os encontros têm desencontros marcados. – Lancetou Miguel, com a cruel lâmina da realidade.

No calendário, como ocorre em todos os anos, no milharal da vida os dias seguiram debulhados, feito espiga de milho, na bacia do tempo. De repente, Raquel e Miguel estavam à espera do jornal de domingo, no qual veriam a lista de alunos aprovados no disputadíssimo vestibular da Universidade Federal do Estado de Minas Gerais.



CAPÍTULO 14

REDIVIVO

*As eternidades são momentos que vêm e vão
Tudo é grão cumprindo promessa de semente
Gente é espírito preso ao corpo
Espírito é porto de aprendizado
Aprendizado é lição contínua e etérea
Atada ao desconforto das amarras da matéria
Coisa sem valor que ao morto redivivo não serve*

Carlos Lúcio Gontijo

Aos que fingem estar dormindo, não há como despertar. Se a carta de Afonso levou Brasilino à escola é porque ele precisava apenas de estímulo sincero, pois também não adianta estender a mão a quem não quer ou tem preguiça de andar.

Tudo nos indica que, sem a mudança de jeito, nos ajeitamos sempre do mesmo jeito. A viração que alimenta as caravelas no alto-mar da vida é o sopro da vontade de quem as veleja. Sem desejos e sonhos nada se move neste mundo, por isso quem é pobre de vontade e vazio de utopia não chega a lugar algum. São as emoções permanentes em nosso coração que dão boas-vindas aos novos sentimentos e conquistas.

Viver requer cuidados, amor e respeito ao próximo, numa atenção determinada e constante, uma vez que tanto o cristal quebrado quanto as amizades maculados não se recompõem com pedidos de desculpas, ainda que sinceros. Na falta de zelo tudo se perde. Não é a distância que contribui para o fim da amizade e do amor, mas a frieza do distanciamento.

A busca de mais conhecimento pela jovem Verônica no ensino superior e a matrícula de Brasilino, em curso acelerado de alfabetização, possuem pesos idênticos, pois têm o poder de fazê-los subir degraus na escadaria da absorção de conhecimento, transformando suas mentes e dando a cada um deles a oportunidade de contribuir com a sua cota em prol de uma sociedade menos marcada pelo veneno inebriante da ganância sociopata, na qual não há espaço para o outro, ao qual não está reservado lugar algum, a não ser o de desprezi-

vel escravo.

Não existe nada nesta vida que não exija dedicação e persistência para germinar e prosperar. Quando travamos conhecimento com uma pessoa, fica sempre em nossas mãos construir, levar ou não para frente uma nova amizade. Para tanto, precisamos estar dispostos a nos doar, a descobrir (no outro) qualidades que justifiquem ou contraponham aos seus defeitos e imperfeições, fenômenos inerentes a todos os seres humanos e, assim, providenciar o cultivo da aproximação, em meio a diálogos, pão de queijo, café quente, churrasco, cerveja gelada e alguma trilha sonora, semeando dessa forma alguma eternidade em nossa memória, que somente alcança frutificação, avança e caminha no chão de nossa alma se alimentada pelo combustível da verdadeira amizade.

A todo grão compete cumprir o dever de semente, que é germinar e florescer, ao passo que a nós (seres humanos) cabe o discernimento de que o aprendizado é lição contínua etérea, acompanhando-nos no plano físico e nos mistérios da espiritualidade.

Educação, no sentido máximo da palavra, tem que se preocupar com a sensibilização do intelecto e não apenas com o simples ministrar de conteúdo, pois o mundo precisa de pessoas solidárias e especializadas em gente. Daí a necessidade de valorização das manifestações culturais no âmbito da estrutura didático-pedagógica dos programas educacionais.

– Hoje sai o resultado do vestibular. Nem vejo

a hora do jornal chegar. – Disse Miguel à esposa, ao despertar.

– Eu também estou na expectativa e à espera do jornal deste domingo. – Confessou Raquel.

– Mas seja lá qual for o resultado, o certo mesmo é que nossa querida Verônica tem uma longa caminhada pela frente. – Avaliou Miguel.

– Nos últimos dias ela tem ficado mais em casa, como estivesse a aproveitar os últimos dias de uma convivência ininterrupta e sem qualquer momento de separação. – Observou Raquel.

– Você tem toda razão. Vejo-a sempre no quintal, a brincar com Kika ou tomando banho de sol à beira da piscina. Verônica é muito jovem e sua ida para Belo Horizonte está mexendo com a cabeça dela. – Acrescentou Miguel.

– Na realidade, toda mudança mexe com a nossa cabeça em qualquer tempo, independentemente da idade. Porém, é claro que, devido à inexperiência, os jovens sofrem mais. – Ponderou Raquel.

– Talvez a dificuldade pela qual os jovens passam diante das mudanças em suas vidas sejam compensadas pela esperança que lhes envolve o coração. – Acentuou Miguel.

– Claro que sim; e desde o aparecimento dos primeiros pelos pubianos! Se lhes falta experiência, os jovens têm esperança de sobra. Penso, inclusive, que nós mais velhos não devemos cometer o erro de lhes tirar a esperança, revelando-lhes os nossos tropeços, pois cada um tem o seu jeito de caminhar e, muitas vezes,

as pessoas são felizes ao passar pelo mesmo caminho no qual outros caminhantes fracassaram. – Alinhavou Raquel.

– Lamentavelmente, em muitos casos, ao enfiar a colher de pau da experiência no banquete da esperança alheia a gente corre o risco de erguer barreiras ao futuro da pessoa, à qual transferimos nossos medos e equívocos cometidos dentro de conjuntura completamente diferente, ainda que em ambiente parecido. – Projetou Miguel.

– Os caminhos da vida não são um mar de rosas, muito pelo contrário, parecem mais com um campo minado. Por isso, uns têm o azar de dar o passo exatamente sobre a armadilha fatal, enquanto outros, fortuitamente, seguem adiante ilesos, saltitantes e felizes! – Descortinou Raquel.

– Uns se prendem às pedras do caminho, enquanto outros se entregam à beleza da paisagem. Tudo, enfim, é questão de visão de mundo. – Arrematou Miguel.

– Olha, lá vem o jornaleiro! – Festejou Raquel, que olhava pela janela da sala com uma caneca de café na mão.

– Abra logo o jornal, Raquel! – Solicitou Miguel.

– Calma, homem, o resultado vem num caderno separado! Deixe-me localizá-lo. – Entrecortou, com a relação dos aprovados já em mãos... E gritou: Aprovada!!!

– Contenha-se, não vamos acordar a Verônica. Deixemo-la dormir até tarde. Corra até a casa da Enil-

da e a traga com os familiares... – Propôs Miguel, em plano espontâneo.

– Mas o que você pretende?! – Indagou Raquel.

– Vamos fazer uma grande surpresa para a Verônica. Reuniremos alguns amigos dela para um almoço de comemoração. – Definiu Miguel.

– Se é assim, vou acrescentar à lista de convidados o Gustavo e a Alaíde, que são os seus colegas preferidos. – Propôs Raquel.

– Está bem, mas ajamos em silêncio para não acordar nossa menina universitária. – Alertou Miguel, fechando a porta da sala vagarosamente.

Embebido em licorosa felicidade, Miguel se refestelou no sofá, onde se entregou à leitura de artigo relativo à importância da cultura: “A administração dos destinos da cultura é para quem é de cultura, independentemente de credo, cor, ideologia política e poder econômico. E toda vez que a gestão de mecanismos culturais cai na mão de curiosos ou de gente que dela se aproxima sob a intenção de ganhar notoriedade intelectual, assistimos à instalação de enormes prejuízos, pois ocorre grave supervalorização da indústria de entretenimento, diminuindo-se os espaços reservados à cultura de raiz, que é ferramenta indispensável à preservação do patrimônio artístico-cultural, no qual encontramos a fonte de sensibilização do ser humano, ainda que não atraia grande público”.

– Devagar, Enilda! Não queremos que a Verônica acorde. – Recomendou Raquel.

– Que bom que vocês chegaram! – Foi logo di-

zendo Miguel.

– Eu e Enilda vamos preparar o almoço. A Sara ficou encarregada de convidar o Gustavo e a Alaíde.

– Se é assim, vou continuar a leitura do jornal de domingo. – Despreocupou-se Miguel.

E foi assim que, ao retomar a leitura, Miguel se deparou com notícia sem grande destaque, sobre a possibilidade de construção de barragem hídrica por companhia hidrelétrica, nas imediações de Santo Antônio do Monte. Na nota se dizia que os donos de terras já estavam recebendo aviso por carta, convocando-os para uma reunião a respeito das primeiras tratativas sobre o pagamento de indenizações.

– O almoço já está quase pronto. Assim que a mesa estiver posta, chamaremos a nossa Verônica. – Convocou Raquel, em voz baixa, a Miguel, entretido na leitura.

– Vamos Verônica, sua dorminhoca, acorde! – Puseram-se todos a gritar à porta do quarto.

– O que é isso, gente! – Exclamou Verônica com a porta entreaberta.

– Uai, você foi aprovada no vestibular! – Gritou Miguel, brandindo a folha do jornal...

Daí pra frente foi festa que não acabava mais, com todas as lembranças tristes entrando em providencial área de esquecimento, para que a felicidade recebesse toda luz sem qualquer ponto de escuridão a lhe empanar a claridade.

– Uma coisa é certa, chega um tempo em nossas vidas no qual não nos importa o fruto e, como se nos

alimentássemos de luzes, basta-nos que a árvore exista. – Filosofou Miguel.

– Você tem toda razão, Miguel. Na fazendinha tem pé de manga que jamais floresceu, nunca deu uma manga sequer, mas é uma enorme e frondosa árvore, dando-nos uma sombra inigualável. Colocamos até bancos debaixo dela, onde passamos horas a conversar. – Interpôs Brasilino, exemplificando materialmente o intangível derramado na fala de Miguel.

– Verônica está prestes a ir para Belo Horizonte, a fim de dar continuidade aos seus estudos. Será uma mudança bastante significativa na vida dela e também em nossas vidas. Eu e Raquel sentiremos muito a sua falta. – Lamentou-se Miguel.

– Mas sobreviveremos, meu querido Miguel. Na realidade, estamos sempre viajando, mas só percebemos os deslocamentos quando a passagem nos é, monetária e materialmente, cobrada. – Poetizou Raquel.

– Nossa, meu pai! Na gaveta da minha penteadeira está uma correspondência registrada, que ontem recebi pelo senhor e me esqueci de lhe entregar. – Intrometeu-se Sara, sem mais nem menos, na conversa.

– E agora o Brasilino já começou a ler. Está lendo muito bem, apesar de alguma dificuldade na escrita, o que é normal para quem tem tão pouco tempo de aula. – Revelou Enilda.

– Que bom! Então, em breve, você pode ir ao Banco Nacional retirar o dinheiro que o Afonso depositou em seu nome. – Apontou Miguel.

– Ainda não. Só vou ao banco quando eu achar

que cheguei a um bom nível de alfabetização, sabendo realmente ler e escrever. Ademais, preciso antes tirar a carteira, pois o dinheiro é para eu comprar um carro. Uma caminhonete para me ajudar nos serviços da roça. – Respondeu Brasilino, com o brilho de estrela nova que mora no olhar de todo sonhador.

– Olha gente, para que ninguém fique pensando que eu sou mesmo uma dorminhoca, eis aqui a razão de eu ter me levando tão tarde. Fiquei lendo este livro de poesia do poeta Bueno de Rivera, o maior entre todos os seres humanos nascidos em Santo Antônio do Monte. Vou ler para vocês os versos de um poema publicado em seu livro “Mundo Submerso”, ao qual fiquei lendo até às 3h da madrugada: “Virá o tempo em que as mães repudiarão os frutos/ porque os vícios turvarão a sua ternura./ Nas janelas abertas não haverá mais risos/ nem as crianças cantarão com os olhos cheios de lua./ Os lares estarão vazios; as flores murcharão nas jarras”.

Todos aplaudiram os belos versos de Bueno de Rivera e se foram. Raquel e Verônica recolheram-se ao leito, mas Miguel tinha a mente contida (e detida) na notícia sobre a construção de grande barragem nos arredores da cidade. Qual seria o conteúdo da carta enviada pela companhia de energia elétrica ao amigo Brasilino? Estaria a fazendinha entre as propriedades que seriam atingidas, transformando todas as lembranças, esperanças, amores, paixões, bichos e plantas no mundo submerso preconizado por Rivera?



CAPÍTULO 15

PÓ DE CHUVA

*Estou tão absolutamente só
Em solidão de estrada em pó
Como se fosse simples enchente
Ouço os meus pingos de gente
O mundo sem fim se move
Enquanto em mim tudo chove!*

Carlos Lúcio Gontijo

A paisagem que nos rodeia dá cor, cheiro e luz à formação de nosso caráter, permeando e permitindo tangibilidade à nossa alma, que assim ganha norte, lugar e perfil geográfico. Por isso quando, por alguma intervenção humana ou acidente natural, cidades ou regiões deixam de existir, as pessoas que habitavam a localidade atingida pela catástrofe perdem a referência, enquanto a espiritualidade fica sem o registro fotográfico “três por quatro” da luz emanada e refletida por aquele conjunto em especial, onde a maneira de o sol incidir claridade e calor é única, não se repetindo em parte alguma do mundo.

É esse enraizamento entre as pessoas e a região em que nascem ou vivem o fator responsável por cota significativa da diferenciação emocional, psicológica e cultural entre os seres humanos, que são tão livres quanto mais profundas forem o seu enraizamento e interação com a terra de origem, emitindo profusas ondas de energia geradoras de autonomia e confiança em alçar os mais distantes voos.

Nunca é fácil para uma pessoa assistir à destruição de sua casa, de sua rua, de sua cidade ou de sua região, pois o conjunto arquitetônico somado aos aspectos da natureza é o espelho da pessoa, no qual temos a face da alma do indivíduo em meio a horizontes, árvores, flores, pássaros, animais, fontes, regatos e rios, formando uma floresta de coisas, pela qual se embrenha o nosso espírito absolutamente consciente

de que o seu verdadeiro lugar é onde canta o sonoro sabiá particular, ao qual apenas o nosso ouvido é capaz de captar e, ao mesmo tempo, dar-lhe vida, recebendo o sopro e o voo de existência em troca e gratidão pelo simbiótico inter-relacionamento.

Sob a visão material do capitalismo, uma paisagem é apenas uma unidade de valor que a qualquer momento pode ser esboroada, terraplenada e transformada em lavoura produtora de grãos, independentemente dos incalculáveis prejuízos naturais, incluindo-se aí a natureza humana.

Infelizmente, se há os que se encantam com a beleza de uma árvore, também há os que se incomodam com as folhas que caem no inverno e, não querendo ter o trabalho de recolhê-las ou pagar pela limpeza, simplesmente optam por cortar a árvore, abrindo espaço ao surgimento dos loucos varridos (perdidos na amplidão árida e deserta, em meio à solidão da chuva de pranto sem fim, sob o calor de um sol inclemente) que enchem os consultórios de psiquiatras e psicólogos, exatamente por terem assistido à extração executada a fórceps da paisagem na qual ouviam o gorjeio de seu sabiá emocional, que cantava lá longe, naquela floresta, no alto daquela árvore que não existe mais.

– Santo Deus, o que será de mim! Exclamou Brasilino, ao ler a carta enviada pela companhia de energia elétrica.

– De que se trata? Que aflição é essa Brasilino?
– Indagou Enilda, sob o domínio de grande preocupação.

– Pelo que pude entender, nossa fazendinha vai ficar submersa sob um enorme volume d’água! – Lamuriou Brasilino.

– Não é possível uma coisa desta, deixe-me ler esta carta! – Interveio Enilda.

– Tome a carta. A bem da verdade, preferia não ter aprendido a ler e não ser flechado por palavras tão cruéis, abrindo feridas em meu peito e fazendo sangrar a minh’alma. – Disse Brasilino, repassando a carta à esposa.

– Inacreditável! Como podem, sem mais nem menos, enviarem uma correspondência com tal teor? – Avaliou Enilda, que ao levantar os olhos viu Brasilino passando mal, com o rosto lívido, trêmulo e com a mão no peito.

Enilda, em desespero, pôs-se a gritar. A primeira a chegar foi Sara, que diante da cena logo percebeu que o pai precisava de socorro médico urgente. Correu à casa do vizinho Olímpio, um prestativo aposentado (que àquela hora da noite, com certeza, estava em casa), que logo se dispôs a levar Brasilino à Santa Casa de Misericórdia, onde recebeu os primeiros cuidados médicos, sendo logo transferido, com urgência, para hospital em Belo Horizonte. Nesse ínterim, Enilda telefonou para a casa de seus patrões, onde encon-

trou Miguel ainda deglutindo a notícia sobre a repressão que seria feita na região. Porém, mesmo prevendo o que estava por vir, ele ficou estarrecido, ainda mais ao saber o que havia ocorrido com o amigo Brasilino.

– Eu já estou indo para aí. – Indicou Miguel.

– Não é preciso. O Brasilino já está a caminho de hospital em Belo Horizonte. Arrumaram vaga na Santa Casa da capital. – Expôs Enilda.

– Mas então quem foi acompanhando o meu amigo? – Arguiu Miguel.

– O meu vizinho, senhor Olímpio, foi com ele, mas amanhã tem que ir alguém, pois o Olímpio tem que voltar. – Revelou Enilda.

– Mas o Olímpio não é aposentado? – Indagou Miguel.

– Sim, ele é aposentado. Contudo, padece de problemas cardíacos e tem consulta marcada em Divinópolis, depois de amanhã. – Afirmou Enilda.

– Então fique tranquila, pois a Raquel poderá se incumbir dessa tarefa. Coincidentemente, ela tem mesmo que ir a Belo Horizonte amanhã para levar a Verônica, pois o ano letivo tem início nesta semana. Brasilino estará bem acompanhado, pois Raquel foi enfermeira e tem muita experiência no tocante a tratamentos intensivos. – Ofereceu Miguel.

– Que bom que tenha havido esta providencial coincidência. Não resta a menor dúvida de que,

acompanhado por dona Raquel, ele estará em boas mãos. Eu sei muito bem da grande enfermeira que foi! – Contentou-se Enilda, com alívio na voz.

– Quanto ao problema da barragem, eu quero que você me entregue a carta, pois vou dar andamento nas providências legais. Num primeiro momento, encaminharei correspondência ao Afonso, usando como portador o Augusto (filho do meu amigo Ageo), que mora nos Estados Unidos, mas está por aqui em férias. Assim o Afonso, sem os percalços do correio, ficará informado sobre o grave e inesperado problema da represa e, com toda a certeza, terá o maior interesse em nos ajudar.

– O que é que você tanto conversa ao telefone, Miguel? Inquiriu Raquel, que se levantou bocejando.

Miguel contou tudo tintim por tintim à esposa e, também, à bisneta que apareceu para ver o que estava acontecendo. E os dois (com certeza, igualmente a Verônica) demoraram a dormir, naufragados nas águas de uma barragem que estava por vir, mas já fazia as suas vítimas...

– Ageo, eu lhe passo esta correspondência para que seu filho Otávio a leve até o Afonso, nos Estados Unidos. – Apresentou-se Miguel, logo pela manhã, na casa do amigo Ageo.

– Pode deixar a carta comigo. Eu a repassarei para ele, que está em um sítio com alguns amigos.

O Otávio retorna ao exterior nesta quinta-feira. Então a correspondência em breve chegará às mãos do Afonso. – Prometeu Ageo que, em seguida, ficou inteirado de todo o problema.

– Pois é, não precisamos nem procurar para ter imbróglis na vida! – Cravou Miguel.

– E o duro da questão é que essas companhias de energia elétrica e distribuição de água têm até ações em bolsa, como se na realidade tivessem algum lucro ou dividendo para repassar a acionistas! – Esconjurou Ageo.

– Você tem toda razão, pois tudo o que arrecadam não faz frente às necessidades de reinvestimento e muito menos ao enorme passivo ambiental que possuem. – Corroborou Miguel.

– Estou à disposição para ajudar no que puder! Predispôs-se Ageo.

– Agradeço-lhe muito. Vou-me embora, pois tenho que me despedir da Raquel e da Verônica. Elas partem agora à tarde para Belo Horizonte. – Disse Miguel, saindo apressado.

– Tiau vovô! – Disse Verônica aos prantos, molhando a camisa de Miguel.

– Não chore minha bisneta, minha filha querida, porque nós estaremos sempre nos vendo. E além do mais, há os feriados, os recessos escolares, as férias e os fins de semana, nos quais eu e sua bisavó poderemos ir à capital para visitá-la.

– Ande Verônica, pare de chorar e pegue a Kika que entrou no carro achando que vai também.

– Interveio Raquel.

– Telefone-me assim que chegar e tiver notícias do Brasilino. – Solicitou Miguel.

– Você sabe que as ligações são difíceis, mas eu vou tentar lhe manter bem-informado sobre tudo o que estiver acontecendo por lá. – Garantiu Raquel.

– Espera aí gente, eu também quero me despedir de vocês! – Apareceu Enilda.

– Quanta saudade eu vou sentir, Enilda! Vai ser muito difícil para mim, mas tenho que me acostumar, pois a vida é mesmo assim. – Choraminguou Verônica, mais uma vez em copioso pranto.

– Tiau vovô, tia Enilda, tia Kika!!! – Pôde-se ouvir a voz de Verônica de dentro do carro, que sumia na virada da esquina.

– Aqui estamos nós digladiando com as agruras da vida, mais uma vez. – Puxou assunto Miguel.

– E os problemas da vida começam e terminam em papéis, como estes que estão aqui em minha bolsa e que eu trouxe para passar às suas mãos, pois constituem a documentação da fazendinha. Agradeço-lhe por sua disposição em mexer por nós com os descaminhos da burocracia, que é um tedioso descaminho com promessa de caminho. – Visualizou Enilda.

– Amanhã nos veremos. Trabalhe apenas na

parte da tarde, uma vez que você terá que ajudar seu filho Maurício no afazeres da roça pela manhã. – Propôs Miguel.

– Boa ideia! Agradeço-lhe muito pela compreensão. Estou pra lá de desnorçada com o caso da fazendinha e o grave problema de saúde do Brasilino. Graças a Deus eu tenho com quem contar! – Expôs Enilda.

– Não se amofine, porque tudo passará dentro do que é natural nesta vida. Ou seja, ao final tudo se ajustará em prol de nossa sobrevivência. – Consolou Miguel.

– Tomara, pois o meu filho Maurício está muito afetado psicologicamente com a notícia de que a nossa fazendinha ficará submersa. Anda falando em ir para bem longe, lá para a região do pantanal no Mato Grosso, onde um dia teve oferta de trabalho. Diz ele que para quem teve a vida alagada, nada melhor que os alagados mato-grossenses. – Enfatizou Enilda, com o coração de mãe inundado de temor.

Enilda foi-se embora para casa. E Miguel, com a alma aturdida com a partida da bisneta para os estudos de veterinária na capital, também entrou para o vazio de sua morada, onde tinha apenas a companhia da cachorra Kika, que dele não se afastava de maneira alguma, com um quê de solidão no olhar, como se gente fosse.

Miguel se pôs a verificar a documentação da fazendinha, enquanto pela cabeça girafa a preocupação com o estado de saúde de Brasilino. Por muitas vezes interrompeu a leitura da papelada para atender ao telefonema de amigos e até colegas de escola do Brasilino querendo saber como estavam as coisas. Foi assim que tomou conhecimento de que no curso de alfabetização todos o chamavam, carinhosamente, de “Brás”.

Em meio à papelada cartorial deixada pela Enilda, Miguel encontrou um poema, com o qual ficou horas e horas nas mãos, absorto e encasulado pela oportuna temática tão entrelaçada com o presente experimentado pelo amigo Brasilino (o Brás) e sua família.

DESALMADOS

*O frágil barraco foi jogado ao chão
Feito pão-dormido na chapa quente
Por senhorio desentendido de gente
Que somente resolveu ir-se embora
Quando João pôs a alma pra fora
Enxotando os desalmados do bota-fora!*



CAPÍTULO 16

FEIÇÃO

*O sol ardente do seu olhar
É anzol livre que me prende
A gente não é o que sente
Nossa verdadeira feição é semente
Que desprende do fruto do coração*

Carlos Lúcio Gontijo

O país burocrático das leis e roupas de gala desconhece a nação, a senzala nua, em que habitam as camadas menos favorecidas da população. Toda aproximação do país à nação se faz sob o propósito de empobrecê-la moral e culturalmente, porque fica mais fácil o exercício do domínio (ou a subjugação), quando as pessoas são atraídas para o culto ao imprestável e distante de agregar valor, tanto ao comportamento quanto ao próprio espírito humano.

O país gerido pelos poderosos é useiro e vezeiro em provocar enchentes sobre os que constituem a alma da nação – o povo –, que assiste impotente ao naufrágio de seus sonhos em nome da manutenção dos princípios dos que dirigem o país e se sentem acima da nação, onde os cidadãos têm a dor como experiência e oportunidade de crescimento, a ponto de surpreender a casa grande, central de gerência administrativa do país, que não entende o porquê de haver tanta festa na nação à qual impõem a longa fila da inanição.

Verônica, que tinha na sua ida para Belo Horizonte a fim de estudar um cadafalso de dor, percebeu rapidamente que seu sofrimento não era nada diante os problemas pelos quais passava a família da querida Enilda, gente humilde da nação, que não é levada em conta pelo país, que somente pensa em cobrança de impostos e estabelecimento de normas e leis que lhes garantam benesses principescas à custa de uma nação jogada ao império da penúria da maioria.

Dessa maneira, envolvida com o drama inespe-

rado do Brasilino e os primeiros dias de aluna de curso superior de Veterinária, a adaptação de Verônica com a vida na capital se deu rápida e naturalmente, uma vez que o seu dia tinha agenda sem folga para momentos de banzo, oferecendo-lhe o aprendizado de que quanto maior a dificuldade, maior o valor da conquista e que é olhando para si mesmo, como se estivesse vendo o outro, que se obtém a verdadeira compreensão do que seja amar e respeitar o próximo como a si mesmo.

Amando o próximo é a melhor forma de descobrirmos a nos mesmos, caminhando ao encontra de nossa feição real, reflexo de nossa imagem nos espelhos do coração e nos olhos de quem nos vê, colhendo com as mãos de sua retina o extrato do que resta dos nossos “eus”, depois de todas as somas, diminuições, divisões e multiplicações pela vida afora.

– E aí, como está o Brasilino? – Indagou Verônica à bisavó na sala de espera da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, reservada aos familiares de pacientes em tratamento médico intensivo.

– Seu estado é estável. Ele sofreu um derrame, mas os médicos não sabem dizer a extensão dos prováveis danos colaterais, que certamente só não serão mais graves graças aos primeiros socorros recebidos em Santo Antônio do Monte. – Enfatizou Raquel.

– Já deu notícias ao vovô Miguel?

– Liguei, mas o telefone estava muito ruim.

Porém, o senhor Olímpio irá embora amanhã cedo, podendo informar a todos. – Disse Raquel.

– Para o vovô não ficar muitos dias sozinho, a senhora pode retornar a hora que quiser a Santo Antônio do Monte. Eu me comprometo a ir todos os dias ao hospital. – Sugeriu a bisneta Verônica.

– Vou aceitar a sua oferta, pois seu bisavô não pode mesmo ficar sozinho. Eu me aproximo dos 75 anos e ele já tem 88. – Aquiesceu Raquel, contabilizando o inexorável passar do tempo.

– Pois então está combinado. Não há dúvidas de que, se minha mãe Cristina estivesse viva, proporia a mesma coisa à senhora, minha vovó querida! – Projetou Verônica.

– Vovó não, bisavó! Mas você tem razão, tanto minha doce e saudosa filha Manoela, quanto sua mãe Cristina, minha neta, estariam na linha de frente, fazendo de tudo para me aliviar a carga. – Concordou Raquel.

– Vó, no primeiro dia de aula me encontrei, casualmente, com um rapaz encantador no refeitório da universidade. Seu nome é Jofre. – Revelou Verônica.

– Da sua idade? Que curso ele faz? – Foi longo perguntando Raquel.

– Ele tem 31 anos e está fazendo pós-graduação em Sociologia. Já é formado em Economia e administra a transportadora que herdou do pai. – Descreveu a bisneta, com os olhos irradiando brilho de

primeiro amor sobre os horizontes da retina.

– Mas ele é muito mais velho que você, minha Verônica! – Exclamou a bisavó, com ares de preocupação.

– Ah, vovó, isto não é problema, pois se trata da mesma diferença da sua idade com a do meu bisavô Miguel! Ou seja, somos separados (ou unidos) por 13 anos. – Retrucou Verônica.

– Com uma diferença fundamental, Verônica: eu não estava iniciando o primeiro ano de ensino universitário e tinha 22 anos, em vez dos 18 incompletos. Casei-me aos 24 e Manoela nasceu quando eu tinha 25 anos. – Contrapôs, didaticamente, Raquel.

– Contudo, não há razão para a senhora se preocupar; eu apenas o conheci. Não sei nem onde ele mora nem qual o seu horário de aula na universidade. – Desconversou a bisneta.

– E desde quando isto é empecilho: quem tem boca vai a Roma e também encontra quem quiser encontrar! – Brincou a bisavó com a situação.

– Mas não é o meu caso! – Desconsiderou Verônica.

– Não venha com conversa, minha bisneta. Envelheci, mas continuo mulher e sei muito bem fazer a leitura de um olhar banhado em encantamento. Tanto sei o que estou falando que até guardei o nome do rapaz. É Jofre, não é? No mais, não se esqueça de que a mãe de sua mãe Cristina, a minha filha Manoela, engravidou-se com 15 para 16 anos, ainda com o

corpo em formação, e não resistiu ao parto. – Alerrou Raquel.

– Sei de tudo isso! Mas o que importa é que estou me adaptando bem e percebendo que só não tem olhos para a dificuldade alheia quem sempre vive sob o signo das facilidades. – Descreveu Verônica, tentando desviar o assunto.

– E é assim mesmo. Na universidade federal você observará que a maioria dos alunos é proveniente das classes mais abastadas, com acesso às melhores escolas de ensino fundamental e ensino médio e, depois, ainda frequentam bons cursinhos preparatórios para concorrer ao vestibular. – Apontou Raquel.

– Já deu para eu perceber toda essa desigualdade. Estranhamente, são os remediados que enfrentam as caras mensalidades das faculdades particulares. – Interveio Verônica.

– Seja pessoa sempre prestativa e leal às suas amizades. A toda boa ação algum bem correspondente de igual teor surge no horizonte e, apesar dos que fazem questão de atirar pedra no solo de nosso caminho, energias protetoras nos providenciam escudos contra a maldade alheia. Entramos e vamos sair deste mundo sem entender, por exemplo, o sentimento de inveja por que muitas pessoas se permitem nortear, uma vez que tudo o que desejam é ocupar o lugar do outro sem passar pelas dificuldades que levaram a pessoa alvo de seu irado e inconfessável “encantamento” a ser o que é. – Dissertou Raquel.

– Um dos meus professores disse que o vazio só acontece quando damos muito valor a fatos ou pessoas que nada valem. E acrescentou: em regime democrático, lidar com quem não tem lado (mas velado propósito de busca de vantagens e privilégios) é muito pior que lidar com ditador. – Disse Verônica.

– A língua das pessoas é um perigo. Muita gente só não fala mal das montanhas que a cercam, pelo simples fato de as montanhas não lhe virarem as costas. – Ironizou Raquel.

– Meu professor de química afirmou que o combustível do espírito é uma combinação de trabalho intelectual com a sensibilidade de doação ao próximo e à coletividade, numa sublime e fluida composição entre a emoção, a razão e a ação. – Entrecortou Verônica.

– Esta fala até faz lembrarmo-nos daquela palestra do professor Ayres Bueno em Santo Antônio do Monte. Os livros de literatura e poesia são construtores de pontes, unindo o conhecimento à indispensável luz da sensibilidade cultural, que é determinante para a boa utilização prática do aprendizado adquirido por intermédio do conteúdo didático-educacional. – Expôs a bisavó.

– Como gosta de dizer o vovô Miguel, todos os sinais que recebemos no transcorrer de nossa vida apontam para o sentido contrário no que diz respeito à construção de carácter sobre o alicerce do egoísmo, da arrogância, do individualismo acerbado e da vai-

dade. Personalidades erigidas dentro desse prisma podem até obter algum sucesso no tempo presente, mas certamente não perpetuarão seu nome na história, uma vez que não terão seus retratos dependurados na sala de estar do coração das pessoas. – Emendou, sem pestanejar, a bisneta.

– Precisamos ter a cultura como fator fundamental no combate à violência. Com certeza quem acaba de ler um poema se enche de sensibilidade suficiente para não cometer um assassinato frio no primeiro dobrar de esquina. A filosofia nos ensina que, mental e psicologicamente, estamos em constante construção. Daí a necessidade de permanente acesso às ferramentas culturais, a fim de que continuemos à procura do aperfeiçoamento de nosso espírito. Se os meios de comunicação, por exemplo, optam por propagar a violência, passando a impressão de que nada de bom esteja acontecendo na imensidão do planeta Terra, corremos o risco de assistir ao recrudescimento da disseminação do desrespeito à vida, com o conseqüente levantamento de barreiras à prática do amor ao próximo, que é o insumo exponencial ao fortalecimento da convivência pacífica em sociedade. – Alinhavou Raquel, em único e disparado fôlego.

– Emocionou-se, hein minha vó! Mas é assim que deve ser. Ou seja, devemos ter compromisso com nossos pensamentos e causas. Necessitamos tomar a cultura como ponto de luz e tentar entender-lhe a

fiação dos horizontes de nossas ações, sob a crença de que não se pode jamais perder a esperança, que precisa ser sempre semeada, ainda que seja duro e castigado o chão da caminhada. – Lavrou a bisneta.

– Infelizmente, o comportamento colonizado leva as pessoas a menosprezarem a proximidade, visualizando-a com os olhos radicais na busca de defeitos, ao passo que estendem tapetes bordados (sem mais nem menos e serviçalmente) para tudo que vem de longe, de além-mar, sem perceber que em muitos casos a verdadeira especiaria está na sua terra, bem ao seu lado, no quintal do vizinho, ao qual nunca deu um bom-dia ou um boa-noite. – Aferiu Raquel.

– É como diz o ditado: santo de casa não faz milagre, para sorte dos homens injustos que nos governam, pois ao não darmos valor às nossas coisas, incluindo-se aí cultura, arte, folclore e história, somos acometidos de toda a espécie de danos por não termos identidade definida, imergindo-nos tanto de falta de lideranças quanto enfrentamos dificuldades em mobilizar os cidadãos contra as atrocidades que nos infligem. E tome destruição e enchentes provocadas pelas autoridades constituídas que nos governam, em constante autoritarismo; seja pela força descomunal de um golpe qualquer, seja pela unção das urnas democráticas, das quais também costumam sair os algozes escolhidos por nós mesmos. – Ilustrou Verônica.

– Somos uma gente de pouca leitura, meca-

nismo de libertação de todo e qualquer povo. Quem recorre aos livros, vê o mundo com os olhos livres. – Sentenciou Raquel.

– A ignorância e a desinformação têm o poder de dividir uma nação, facilitando a sementeira da injustiça social, que é aceita letárgica e passivamente pela população, tornando verdadeiro o texto bíblico: “Não há profeta sem honra, a não ser na sua pátria e na sua casa” (Mateus 13:57). – Pontificou Verônica.

– Verdade verdadeira. Governantes sem honra governam entronizados no medo e não no respeito de sua gente honrada, à qual deseja manter sob a eterna égide colonizadora. – Finalizou Raquel, perante a chegada do médico para dar notícias recentes sobre a saúde de Brasilino.

– Olha dona Raquel, o estado dele permanece estável, com pequena melhora gradativa. Temos muita esperança de que o senhor Brasilino sairá bem dessa. Porém, não temos como prever em quantos dias ocorrerá a sua recuperação e a consecutiva alta para ele voltar ao convívio com os seus familiares e amigos. – Disse Dr. João, passando o boletim médico do dia.

– Obrigada Dr. João! – Agradeceu Raquel.

– Se é assim, vovó, a senhora não tem mesmo que ficar por aqui apenas com o objetivo de receber, no período da tarde, notícia sobre o estado de saúde do Brasilino, que está em centro de tratamento intensivo e, portanto, sem poder receber visitas. Desta

forma, a senhora pode retornar pra casa, pois o vovô está muito sozinho por lá, em completa solidão naquele casarão vazio, a ouvir apenas os seus próprios passos e os latidos da Kika. – Situou a bisneta.

– Você tem toda a razão. Amanhã cedo pego estrada e retorno à nossa Santo Antônio do Monte. E por favor, faça chuva, faça sol, não deixe de vir ao hospital no período da tarde para receber o boletim médico, representando a família e os amigos de Brasilino, que estão orando e torcendo por sua total recuperação. E se Deus quiser, sem qualquer sequela capaz de lhe tirar a possibilidade de levar uma vida normal, apesar de este desejo ser muito difícil de ser alcançado, devido à grande mão governamental estar sobre a fazendinha, gerando um imbróglio sinistro que envolve o destino de muitas pessoas. Por mais que queiramos construir ambiente de fraternidade e paz, as mãos invisíveis da sádica administração pública (que balançam o berço da nação) estão sempre imaginando a articulação de algum sobressalto, algum desassossego, como se o masoquismo fosse o alimento de nossa alma de deserdados. Tais agentes públicos são a prova inarredável de que tem gente que gosta de paisagem triste e age como estraga-prazeres, como se estivesse a cobrar de todos à sua volta experimentação da mesma dose de tristeza que ele carrega no coração.



CAPÍTULO 17

DOCE PAIXÃO

*Nas ondas tépidas da minha mão
Navega o coração do meu amor
Protegido pela ternura de carícias iluminadas
Propiciadas pelas fadas da arte da procura
Dispostas a servirem-me porções de loucura
Programadas pela doçura da paixão*

Carlos Lúcio Gontijo

O relativismo iguala a luz à escuridão, substituindo a realidade pela retórica, numa explícita evidência de que onde se pratica a injustiça todos os dias, ser injusto se transforma em demonstração de princípio de justiça.

Não há quem neste mundo não se sinta, uma vez ou outra, afogado no ceticismo niilista, negando qualquer perspectiva (ou convicção) da existência de alguma possibilidade de avanço dentro dos ditames religiosos, políticos e sociais que nos regem, levando-nos a um vácuo perfeito, como se o nada fosse lugar adequado para fincar moradia, onde (deitados no berço esplêndido de uma rede) degustamos a abrangente ausência de tudo que nos é prometido pelo todo.

Num ambiente assim, encontrar e viver um grande amor é mais que um achado, no qual ao feitio da boa erva homem e mulher se entregam ao pasto, sem se incomodar com o inevitável desgaste do tempo, que a tudo consome e leva.

O amor surgia para Verônica e Jofre como harmonia, tecendo notas musicais no coração, transformando-os em canção corporal, em meio a cheiro de primavera no ar. No amor verdadeiro, descobre-se que toda prisão é um incentivo à fuga. Ou seja, nada nos acorrenta mais que a vida em liberdade, que a paixão fiando laços de luz com a saliva dos beijos trocados entre os amantes.

O amor é questão de tempo, vivência e convivência, com muita compreensão em meio a elevadas doses de perdão. Verônica descobriu que quem ama, ganha alma alada, valsando na cumeeira do amor e enchendo de libido o horizonte do olhar.

Antes de entregarem seus corpos um ao outro, os amantes semeiam no peito pedaços de lua cheia, numa dádiva que faz dos amantes seres enluarados, que se desnudam com a naturalidade de uma noite de luar que estende o clarão de sua língua e, libidinosamente, vai lambendo montanhas, planícies, árvores, flores, veredas, rios, riachos e grotões que se nos revelam no meio da noite.

Mergulhado física e espiritualmente no corpo de Verônica, Jofre percebeu que mulher é sempre luz, ainda que esteja na escuridão, entre quatro paredes... E poeticamente balbuciou: Em todo fim de tarde, as mulheres, como se fossem horizontes, se preparam para ser a luz da noite que virá, conscientes de que amar é uma forma de preparar o leito do coração para acolher o outro.

Os amores (e as amizades sinceras) têm muito a ver com as porcelanas, pois se quebrados podem ser colados – mas é o fim da perfeição e da inteireza! Invisivelmente, o amor está no ar e qualquer bem que nos venha por bem, contido em iluminados frascos de ternura, se transforma em bem eterno a bem no nosso coração.

– Que coisa estranha! O meu vestido estampado com flores e borboletas, parece estar todo branco. As rosas e borboletas rodopiam pelo quarto, entre os pontos de luz que vêm da vidraça. – Apontou Verônica, como se estivesse assistindo a um milagre.

– Já observei esse fenômeno; é como se tivéssemos nos transformado em canteiro de carne e osso, um jardim abençoado com a presença de rosas e borboletas fazendo festa em louvor ao nosso amor, sob as cores

de seu vestido de menina-moça, liberando céu, flores e borboletas, que são símbolo da simbiose e da transformação, sinalizando-nos uma união frutífera, ao som do bailado de luzes ao nosso redor. – Complementou Jofre.

– Que assim seja! – Orou Verônica, com lágrimas lhe molhando a face, como as contas de um terço de pérolas.

– Não chore, meu amor! – Consolou-a Jofre, carinhosamente.

– Meu pranto não é de tristeza, mas de alegria diante da vida, que é feita de esperança. São os esperançados que cultivam sonhos, que tanto nos movem quanto nos servem de caminho. Há esperança na mão que acaricia o corpo amado; há esperança no passo do amigo que caminha solidário ao lado do amigo, como agora acontece em Santo Antônio do Monte, onde todos os amigos do Brasilino e da Enilda tecem laços de abraços em torno de uma família em momento de aflição. – Entoou Verônica.

– E como está o Brasilino? – Indagou Jofre.

– Hoje, às 8h, os médicos vão me passar boletim mais detalhado sobre a sua situação real. Inclusive, com a previsão de sua saída do hospital. – Respondeu Verônica

– Mas não é à tarde o horário dos boletins? – Entrecortou Jofre.

– Durante a semana é à tarde, porém aos sábados é pela manhã... Minha nossa, já são mais de 7 horas, tenho que sair correndo para não perder as informações, às quais os meus bisavós estão a aguardar! – Alardeou

Verônica, saindo da cama a um só pulo.

– Calma, eu a levarei ao hospital!

– Eu lhe agradeço, pois não posso deixar de estar lá. Meus amigos, em Santo Antônio do Monte, estão à espera de notícias.

Verônica chegou em cima da hora ao hospital onde recebeu informações sobre o estado de saúde de Brasilino, que iria deixar a unidade de tratamento intensivo mas ficaria por mais quatro semanas recebendo tratamento médico e, também, sessões de fisioterapia para melhorar os movimentos do braço esquerdo, única sequela derivada do derrame e que era tida como um verdadeiro milagre segundo os médicos.

Como Jofre tinha que ir à empresa de transporte da qual era proprietário, ele ligou para a sua irmã por parte de pai, Zélia, que era mais velha que ele, antes de sair do apartamento, solicitando-lhe que se incumbisse de levar Verônica para casa, pois sabia que, assim que recebesse notícias de Brasilino, ela ficaria aflita para telefonar aos bisavós, em Santo Antônio do Monte.

– Quem é Verônica aqui? – Indagou Zélia, despachadamente, assim que entrou na sala de espera reservada aos familiares de parentes de pacientes em tratamento intensivo.

– Sou eu!

– Muito prazer. Eu sou a irmã bastarda do Jofre. O pai dele teve um caso com minha mãe na adolescência e eu só fui reconhecida a poucos dias de sua morte, junto com a esposa, em acidente automobilístico. Meu nome é Zélia.

– Uai, eu pensava que ele era filho único, pois ele me disse que era dono de empresa de transporte herdada do pai! – Surpreendeu-se Verônica.

– E ele não lhe mentiu menina, por que eu sou irmã dele pela metade e ele é realmente o dono da empresa. Meu pai passou a empresa para ele ainda em vida, fazendo um testamento benfeito no tocante aos demais bens. Eu fiquei com um belo apartamento, que está alugado. Sou professora, solteirona e vou levando a minha vida. – Descarrilou Zélia, que não era mesmo de meias-palavras.

– Então você não teve muita convivência com o Jofre? – Interpôs Verônica.

– Realmente, não tive! Porém, o que sei é o suficiente para lhe avisar que Jofre é uma boa pessoa, mas padece do mesmo problema do nosso falecido pai...

– Que problema Zélia?

– Namorador demais. Em outras palavras, mulherengo! Tanto assim que, mesmo sendo o dono da empresa de transporte, adora bater volante, agindo como os marinheiros...

– Como marinheiro?

– Uai menina, em cada porto, uma namorada! Mas não desanime não, quem sabe com você ele aja diferente; pra tudo na vida há uma última vez. – Emendou Zélia, sempre na base do sem mais nem menos.

– Vire a próxima esquina à direita e já é a rua em que moro. A vida se resume na arte de aprender o tempo todo em qualquer lugar ou situação. Meu bisavô gosta de dizer que escritor que dorme cedo, não acolhe a pala-

vra que lhe chega tarde. – Expôs Verônica.

– Sábio homem esse seu bisavô. A vida, apesar dos pesares, nos cobra correr riscos, ter coragem. O verdadeiro amor ao próximo nos cobra o esquecimento de nós mesmos. Quando fazemos regime de paixão, o que emagrece é a vida. Precisamos sempre fazer amizades sem medir custo benefício ou as conveniências, como se fôssemos escravos do preenchimento de cadastro. Que todo o tecnicismo cuide de decifrar as máquinas e que o ser humano continue apenas ser humano (nitidamente) revelado e descoberto pelo horizonte iluminado do encontro e, claro, alguns desencontros. – Disparou Zélia.

– Na vida não basta ser instruído ou entender de tudo, muitas vezes nem é preciso. O que importa é a sensibilidade, a emoção: saber entregar-se ao amor como horizonte aberto ao crescimento do ser amado, pois ninguém é de ninguém e é em liberdade, com a carta de alforria nas mãos, que mais se prende e se tem a quem se ama. – Ponderou Verônica.

– Todavia, menina Verônica, precisamos nos cercar de cuidados, pois fórmulas e pílulas são sempre dou-radas, tanto pelos que as apresentam quanto por quem as vende! – Alertou

– Você dá aula de que matéria? Interveio Verônica.

– Do maltratado português. Sou professora de ensino médio e está cada vez mais difícil mexer com os jovens, aos quais tento passar, numa linguagem direta, alguma sensibilização e consciência em relação ao respeito e amor ao próximo. Toda semana cuido de levar

uma fábula, um poema, um recorte de revista ou jornal, com temática em torno da realidade humana. Na semana que passou coloquei para os meus alunos que o pássaro, guiado pelo instinto de sobrevivência, se alimenta de formiga, que também (por divina determinação superior) se alimenta do pássaro quando este morre. Registrar a história, com o intuito de preservação, é ciência que se materializa quando a persistente (e programada) observação capacita o ser humano a captar o exato momento em que o pássaro e a formiga, caminhando ou voando, se encontram vivos – posto que, constatar a morte e emitir atestado de óbito, é sempre o lado mais fácil de todas as questões!

– Chegamos. Vamos subir! – Entrecortou Verônica.

– Não, obrigada Verônica! Sei que você tem os seus afazeres e deve estar aflita para telefonar aos seus bisavós no interior. Enquanto eu estou com hora marcada em salão. Hoje é dia de sair para tomar uma cervejinha, dançar e (como irmã de peixe, ainda que pela metade, “peixinha” é) também namorar. – Disse a descontraída Zélia.

No elevador, ao procurar pelas chaves do apartamento em sua bolsa, Verônica encontrou um poema com a letra de seu amado Jofre, que ao certo ele ali cuidou de colocar sem que ela nada percebesse:

SIMPLES RIO

*Você me abraça estendida
Toda dor da vida logo passa
A natureza trama frio lá fora
Mas seu amor me chama
Em aberta flora me aquece
Eu tiro sem calafrio o pijama
Sem o vazio de promessa vã
E ainda que a gente negue
O amor é simples rio que segue*



CAPÍTULO 18

AMOR ESPONTÂNEO

*Deixe-me absolutamente só
Não quero ninguém ao meu redor
Nada pior que a tormenta de agradar
De ficar apagando fogo interminável
Ser amável perante o jogo da vida
Meu Deus que ferida mais doída
Queria alguém chegando por chegar
Que comigo espontaneamente ficasse
Que me amasse somente por me amar!*

Carlos Lúcio Gontijo

Quando a tarde cai, o amor que nos habita preenche os nossos vazios. A pessoa amada não precisa vir com explicações, pois ela só precisa existir para justificar a nossa entrega, o nosso querer bem, ensinando-nos que a pobreza mais grave (e pobre) é a da falta de afeto.

A vida nos cobra coerência o tempo todo, por isso devemos ter muito cuidado com os fanáticos e os radicais em todos os campos, do político ao religioso, que se perdem em si mesmos e tentam se achar nas metáforas do texto bíblico, ao qual interpretam segundo a cegueira de sua perdição e dentro dos princípios que lhes convêm.

Não é à toa que há os que veem alma no feto, mas espírito algum no menino. É a hipocrisia defendendo o multiplicai-vos sim! E o cresci-vos não! Gente que deixa de lado a sujeira em que vive e passa a oferecer-se impositivamente para fazer faxina na vida alheia.

Definitivamente, amar o próximo não é o mesmo que amar o outro. O próximo é aquele que vem ou que vier; o outro tem a ver com prejulgamento: o diferente, o estranho, o semelhante em que não nos reconhecemos. A recomendação máxima em todo e qualquer círculo de convivência é jamais entrarmos no inferno alheio, pois podemos não conseguir sair de lá, transformando-nos em lenha para o fogaréu de sua insanidade.

De uma maneira ou de outra somos levados ao esquecimento como forma de suportarmos os espaços vazios na mesa em festa ou os pontos escuros no hori-

zonte ensolarado de uma manhã de domingo.

– Alô vovó, quanta saudade! – Emocionou-se Verônica ao telefone.

– Eu também estou com muita saudade. E claro, seu bisavô Miguel também. – Respondeu Raquel.

– Mas neste fim de semana estarei por aí. É dia do meu aniversário, completarei 18 anos. – Orgulhou-se Verônica.

– Pensa que esquecemos?! Estamos aqui a lhe preparar uma festa, com a presença da Alaíde, do Gustavo, da Sara... – Alardeou Raquel.

– Ainda bem que o Brasilino melhorou e as notícias reveladas pelo boletim médico são ótimas. – Narrou Verônica, que cuidou de repassar tudo à bisavó, que por sua vez repassou tudo à Enilda, assim que a neta desligou o telefone.

– Pois é Enilda, é esta a situação. Estou tão animada que vou pedir à Verônica para contratar uma professora particular, a fim de dar aulas de reforço ao Brasilino, que não pode abandonar o seu processo de alfabetização. Ele precisa estar presente na solenidade de entrega de diplomas à sua turma de alfabetizados.

– Graças a Deus, as notícias não poderiam ser melhores! E quanto à possibilidade de ele ter aulas no hospital, a ideia é excelente. Mas será que os médicos concordarão?

– Creio que sim. Vou falar com o Dr. João, que

é o chefe da equipe médica responsável pelo seu caso. Como ele vai iniciar os trabalhos de fisioterapia para recuperar a totalidade dos movimentos do braço direito, ficando internado por conta de administração de medicamentos que precisam de acompanhamento especializado, não vejo obstáculo para que ele tenha uma hora de aula; talvez umas três vezes por semana. – Projetou Raquel, baseada em sua experiência de enfermeira aposentada.

– Então vamos ver como ficam as coisas. Amanhã o Afonso chega dos Estados Unidos e terá boas notícias a respeito do Brasilino. – Regozijou-se Enilda.

– O que ele vem fazer por aqui, minha amiga?
– Indagou Raquel.

– Na realidade, ele já está no Brasil. Porém, passou por Governador a fim de rever parentes. A intenção dele é fotografar quadro a quadro toda a fazendinha, num plano combinado entre ele e o irmão Rogério, na casa de quem ficará hospedado. Ao que parece, trata-se de coisa séria, pois vem acompanhado de um fotógrafo norte-americano. – Confidenciou Enilda, que mal se continha de tanta curiosidade sobre os planos de Afonso.

– Acalme-se Enilda, assim você pode até sofrer um troço qualquer e nem ver o dia de amanhã amanhecer. Lembre-se de que a vida não é o que é; a vida é o que a gente faz dela. – Ponderou Raquel, diante da aflição de Enilda.

– Você tem toda razão. Sejam lá quais forem os planos do Afonso, eu só vou sabê-los amanhã, quando ele chegar. – Aquiesceu Enilda.

– A gente tem que aprender a viver um dia de cada vez. Toda noite eu peço a Deus para me dar saúde e que eu saiba sempre colher (na árvore da vida) o fruto cotidiano que me ajude a viver. – Descortinou Raquel.

– Sem querer ser bisbilhoteira, mas simplesmente lastreada na amizade que temos, gostaria de saber em que deram os exames médicos realizados pelo senhor Miguel. Estou muito preocupada com ele. – Interveio Enilda, demonstrando afeto e amizade pelos patrões.

– As notícias não são nada boas, minha amiga. Não quis incomodá-la com minhas aflições, pois você estava vivendo o problema de saúde do Brasilino, além da repentina desapropriação da fazendinha pelo governo. Todavia, a pedido do Miguel, o seu estado de saúde somente será revelado depois da comemoração dos 18 anos da Verônica. – Justificou-se Raquel.

– Até nesta hora o senhor Miguel pensa no outro. Sei que ele não quer estragar a festa de nossa menina. – Lamuriou Enilda, sem esconder o seu sentimento de tristeza.

– Vou ficar algum tempo na biblioteca. Não estou pra ninguém, a não ser para o Miguel, que está na rua cuidando de negócios com o Ageo. Preciso de um pouco de solidão. Sinto-me cansada; cansaço

de bombeiro diante do interminável fogo do jogo da vida, que nos consome aos poucos, desde o dia em que nascemos. – Metaforizou Raquel, que a passos lentos se encaminhou à biblioteca.

Na manhã seguinte, em sua casa, Enilda recebe o esperado Afonso...

– Como vão as coisas, Enilda? Ah, antes de qualquer coisa, saiba que estou inteirado de tudo e penso em, pelo menos, tentar amenizar as coisas! – Apresentou-se Afonso, como se fosse soldado chegando a quartel.

– Amenizar como, meu Deus?! – Espantou-se Enilda.

– Aqui estou com o meu amigo fotógrafo Khaled. Ele tirará fotos de toda a fazendinha, quadro a quadro...

– Mas para que servirão centenas de fotos? Fazer com elas o quê?! – Entrecortou Enilda.

– Olha Enilda, o meu irmão Rogério tem muita terra. A parte que ele perderá com a inundação não lhe fará a menor falta. Há uma área do tamanho da fazendinha que ele está disposto a ceder ao Brasilino pelo mesmo valor indenizatório advindo da desapropriação, que é tão abaixo do mercado que jamais daria para comprar um bom terreno como a fazendinha. A área que o Rogério está disposto a ceder se parece demais com a topografia da fazendinha e a minha ideia

é tirar as fotos para facilitar a reconstituição, uma vez que a inundação se dará em 15 dias. – Revelou o bem-informado Afonso.

– Ainda bem que o Brasilino não estará aqui para assistir à cena. Graças a Deus, quando ele receber alta, a fazendinha já estará submersa. – Condoeu-se Enilda.

– E então Enilda, Maurício, Mauro e Sara, aceitam a minha ideia, ou melhor, a minha oferta? – Indagou Afonso, meio apreensivo, à família.

– Não nos resta outra saída. – Respondeu Enilda.

– Por mim, tudo bem. Acredito que o meu pai se dará por satisfeito. Todavia, para mim não serve. Não vou continuar trabalhando por aqui. Tenho proposta boa no Pantanal mato-grossense e vou pra lá, pois já está mais do que na hora de eu começar a fazer minha própria vida. – Interpôs Maurício, sem ficar contra a proposta.

– Eu o entendo, Maurício. Entretanto, como vocês todos compreendem, é a única saída plausível e podem ficar tranquilos, pois vou arcar com todos os custos da transformação. Faremos uma casa igual, o terreno oferecido pelo Rogério tem até uma mata, com lago bastante parecido com o da fazendinha. Arrancaremos e transplantaremos as principais árvores. Ou seja, o projeto tem por meta e objetivo fazer uma cópia da fazendinha. Até os vizinhos serão os mesmos: o Rogério, o Tenente, que também perderá um

bom pedaço de suas terras... E por falar no Tenente, acrescentei a instalação de uma linha telefônica, que já foi paga e será instalada nos próximos dias, assim que o plano estiver concretizado. Assim, vocês não ficarão mais dependentes do telefone do Tenente. – Engatilhou Afonso, em radiante felicidade.

– Não tenho nem como lhe agradecer. – Disse Enilda.

– Olha, minha madrinha, sinto-me no de dever de apoiá-los nesta hora de dificuldade. E além do mais dinheiro apenas serve, se justifica e se multiplica dessa maneira, com essas ações de solidariedade. Caixaõ não tem gaveta, como vocês gostam de dizer por aqui. – Emocionou-se Afonso.

– Nada disso estaria acontecendo se tivéssemos homens públicos na acepção da palavra. O comum nos dias de hoje é a mentalidade de voo de galinha. Gente que só sabe voar do chão para o poleiro e do poleiro para o chão. Tem a mente voltada para o próprio umbigo e a visão jamais ultrapassa os limites de seu quintal. A meta corriqueira é a acumulação de bens materiais em torno de si mesmo e que se danem as demais pessoas! – Revoltou-se Enilda.

– Ah, mãe, o problema todo é que a educação livra o homem da ignorância, mas não tira a ignorância do homem. – Irritou-se Sara.

– Se não fosse a bondade e a solidariedade cristã de pessoas como o Dr. Afonso, nem sei como as camadas mais pobres da população sobreviveriam, pois

onde mora a dura realidade social perante a indiferença do capital nossos políticos se nos apresentam inoperantes e incapazes de atuar. – Emendou Mauro, que trabalhava numa oficina e sonhava um dia ser engenheiro mecânico.

– Infelizmente, somos um país em que, segundo o Padre Antônio Vieira, “o verbo furtar conjuga-se em todos os tempos, em todos os modos e todas as pessoas”, desviando-se para o ralo insaciável engendrado pelas elites os recursos que democratizariam o acesso à saúde, à moradia, à educação e à cultura, que é o alimento da mente e da alma de todo ser humano banhado na divina luz do amor e respeito ao próximo. – Dissertou Afonso.

– Penso que, de resto e por fim, somente nos cabe manter viva a chama da crença ungida na esperança e orar aos céus pedindo a Deus que nos dê persistência, discernimento e sabedoria, para que exerçamos o nosso papel sem nos perdermos em meio à inútil papelada burocrática que nos rodeia e nos impede a caminhada rumo à prosperidade e ao encontro do povo com o país, que o trata como se estrangeiro indesejável fosse. – Estampou Enilda, ao feitio de águas de março fechando o verão e que não mais cairiam na velha fazendinha prestes a ser desapropriada e, oficialmente, inundada pelo poder público de uns poucos.





CAPÍTULO 19

NOVIÇO NO CÉU

*Tudo o que vejo está muito além
Sinto-me aquém dessa amplidão
Amém de oração não cabe agora
Fui embora da vida como tudo vai
Não sai de mim o toque material
Mas nesse festival de intensa luz
Jesus caminha em espírito sem cruz
Ferida alguma povoa meu pensamento
Nenhum tormento me invade a mente
Minha vaidade não encontra trela
Sou simples aprendiz de claridade:
Por enquanto, uma pequena vela!*

Carlos Lúcio Gontijo

Cada um de nós, como célula de ser humano exclusivo, é um bicho em extinção desde o nascimento. Somos sementes de luz espiritual semeadas no planeta Terra pelo Criador. E assim, à medida que, aos olhos do Senhor, nos apresentamos maduros, somos colhidos para auxiliá-Lo na conservação e luminosidade da verdadeira “Cidade Luz”: O PARAÍSO.

Movido a vento, o trem do tempo passa ligeiro, na medida certa da bitola de suas linhas invisíveis; nunca descarrila e vai deixando, na exata hora do destino, cada um de nós na estação final de nossas vidas, onde o que existe de fato é sempre o resultado materializado do que sentimos e pensamos nas profundezas de nossa mente.

Em todos os momentos de nossa vida, devemos diminuir a distância entre o Céu e a Terra, porque quanto mais nos agarrarmos às coisas terrenas mais nos afastaremos da sensibilidade e amor ao próximo, lastreando o caminho rumo à violência e à desvalorização da vida, que é dádiva divina concebida pelo Criador, dentro do princípio da evolução ou do criacionismo (não importa), cuja misericórdia faz da morte um processo de transformação, através do qual renascemos para o resplendor da vida eterna.

Talvez não haja nada mais político que colocar à mesa das discussões a questão da luz espiritual que nos habita como se fosse um sopro de Deus, que nos abastece, fornecendo o combustível que nos conduzirá até determinado ponto – uns mais cedo, outros mais tarde,

segundo a autonomia do motor de cada um –, no qual se dará a nossa morte, em conformidade com os desígnios do Senhor.

– Foi uma bela festa de aniversário, minha querida Verônica. – Avaliou Miguel.

– Realmente, tivemos uma bela festa, meu avô. Muito obrigado por receber tão bem o meu namorado Jofre, ao qual o senhor ainda não conhecia e que pela primeira vez vinha à nossa casa. – Agradeceu Verônica.

– Uai, minha bisneta, como não receber bem alguém escolhido por você? Estamos diante de um processo natural: você escolhe o seu amor e a nós cabe apenas aceitar, uma vez que cada um tem o direito de escolher o que quer para a sua vida. Até mesmo para arcar com as consequências, caso alguma coisa saia errado. – Interveio Raquel.

– Nossa, veio todo mundo: Enilda, Sara, Maurício, Mauro, Alaíde, Gustavo, o Rogério com a esposa Cláudia, o Afonso com o amigo Khaled, o Afrânio, Nestor, Magela, o senhor Olímpio, o Ageo e o electricista Antônio...

– Gostei de todos eles. – Entrecortou Jofre.

– Pois bem, agora que estamos apenas nós, a nossa família, à qual você, Jofre, a partir deste momento, passa a fazer parte, tenho algo muito sério a lhes revelar. E espero que você aceitem tudo com a mesma resignação com a qual eu tenho convivido há tanto tempo, desde o diagnóstico inexorável e irrever-

sível sobre o meu estado de saúde...

– Que foi, meu avô? De que se trata?! – Afobou-se Verônica.

– Ainda hoje, estive com o Ageo, que é farmacêutico como eu, a fim de manipularmos fórmulas mais eficazes contra as fortes dores que tenho sentido, à medida que a doença avança. – Complementou Miguel.

– Mas afinal o que você tem, patrão querido? – Indagou Enilda, ardendo nas labaredas da aflição.

– Eu estou com câncer incurável no pâncreas. E como é doença sem possibilidade de cura, há muito optei por não me impor a intervenções médicas, que somente me submeteriam, inutilmente, à ampliação dos meus sofrimentos. Tive e tenho uma vida boa; ser-me-ia demais cruel viver meus últimos momentos de maneira isolada, na solidão de frio quarto de hospital. Enfim, meus queridos amigos, minha família na Terra, não importa cor da pele, a ideologia política, a religião, o ateísmo confesso, a condição econômica, o registro incontestado é que o imposto sobre a vida é a morte, que democraticamente recai sobre todos. – Dissertou Miguel.

– Com toda a certeza meu querido Miguel, não importa quanto você crê ou descrê, uma vez que Deus não se limita nem depende do que você proclama. Ou seja, Deus é abrigo divino e aberto a todos – inclusive aos que Dele duvidam. Não há ser humano que possa enganar aos que lhe rodeiam com mentiras que jamais

sejam descobertas, porque o bem e o mal semeados ao longo de nossa jornada vêm a lume (um dia) e nos revelam, com límpida e explícita clareza, derramando nos olhos das pessoas a visão do que realmente somos.

– Discorreu Raquel.

– Vocês me emocionam com a dimensão da sensibilidade que cultivam. A vida me ensinou que nos perdemos no desapareço pela vida, ferimo-nos na violência, menosprezamos a família, deixamos de vislumbrar no outro a nossa própria face e, sem a prática do amor ao próximo, nossos passos se rumam à perda do indispensável repouso ao voo de nossos sonhos e, com os nossos corpos cansados, esqueléticos, caminhamos para a extinção, como qualquer outro animal que perseguimos e, insensivelmente, matamos florestas afora, com uma grave diferença: nós que nos elevamos à condição de animais racionais estamos caçando (e eliminando) a nós mesmos. – Intercalou Jofre.

– Se pensássemos que, em algum momento, abriremos mão do precioso bem da vida, independentemente de nossa vontade, talvez nos tornássemos menos gananciosos e substituíssemos a competição selvagem pela cooperação amistosa e gentil. Os personagens bíblicos de maior realce se situam nas hostes do abrir mão, da solidariedade, da cessão de vez. São José se doou ao desprendimento de entregar a paternidade de Jesus Cristo ao Divino Espírito Santo; Maria, a Nossa Senhora, abriu mão da plena felicidade maternal, em prol da missão que Deus reservou a seu filho

Jesus Cristo, que por sua vez abriu mão da vida terrena em benefício da salvação da humanidade; enquanto Deus, o grande arquiteto, abriu mão de seu filho, a fim de marcar (na carne) a sua presença entre nós. Em síntese, a Bíblia não reserva extensos espaços luzidios aos que se fizeram guiar pelo egoísmo, pela traição e pelo individualismo fertilizador de discórdias e desigualdades sociais. – Navegou Miguel em palavras de sabedoria.

– Descaminho e modismo costumam mesmo grassar em determinados períodos da história da humanidade, todavia a transformação da cultura em mero componente de diversão é imbróglio de difícil solução, pois passou a representar enorme lucro para a indústria de entretenimento, que foge dos trabalhos culturais reflexivos como o diabo da cruz, criando grandes barreiras para tudo, inclusive para a existência de ambiente de maior compreensão da morte, que requer preparo cultural e espiritual. – Colocou Verônica.

– Sociedade que não cuida de sua cultura toma o aspecto árido de lavoura de eucalipto: cresce viçosa, atinge alturas, mas jamais gera um fruto sequer. – Interveio, metaforicamente, Jofre.

– É por aí mesmo, pois a única cultura que dominamos (ainda que mais ou menos) é a de cultivo de grãos. Ou seja, somos especializados em alimentar a ignorância em que vivemos.

– Para encerrar esta reunião, eu peço a todos

vocês que me ajudem a viver os dias que me restam, como se esse extrato representasse, numericamente, uma eternidade. A previsão mais otimista da pequena eternidade que tenho pela frente é de 12 meses, mas vamos cuidar de vivê-los com naturalidade e festejá-los, pois viver é a arte de esquecer a morte, que nos espreita o tempo todo, querendo nos submeter à sua doentia pregação de que a vida é uma síndrome mortal transmitida sexualmente...

– Que barbaridade, meu avô! – Entrecortou Verônica.

– Continuando, meus amigos: um dia, ao final de tudo, seremos denominados espíritos, ainda que não tenhamos sido santos e, com a mesma faca com que cortamos deliciosos bolos de aniversário em nosso lar, tenhamos destrinchado carnes apodrecidas na boca de lixo da existência. Os seres humanos mais felizes são aqueles que levam Deus no coração (sem fanatismo), como medida de sua pequenez diante do universo, rezando enquanto caminham pelas trilhas deste mundo, ao estilo cristão (ou pagão) de quem canta uma canção ao Criador. De certa maneira é um consolo saber que almas cheias de luz e balões cheios de ar sobem aos céus. – Lancetou Miguel.

Já era 1h da madrugada quando Miguel foi levar Enilda para casa, pois era tarde para ela se aventurar pelas ruas desertas da bucólica Santo Antônio do Monte. Todos buscaram abrigo (ou refúgio) em seus quartos, onde poriam suas mentes em ebulição sobre o horizon-

te consolador de seus travesseiros. E assim, seguiu-se a moenda dos dias, com tudo sob uma aparente normalidade, ainda que o desencanto da morte insistisse em destemperar o doce da garapa da vida.

Em Belo Horizonte, Verônica conseguiu que Zélia, que se tornou sua amiga e confidente, aceitasse dar aulas de reforço de alfabetização a Brasilino. Aluno interessado é ávido por conhecimento, ele se saía muito bem nas aulas que lhe eram ministradas, enquanto as sessões diárias de fisioterapia lhe fortaleciam os movimentos e condições motoras.

Ao passo que Brasilino enfrentava tratamento de saúde e aulas, Afonso contava com uma espécie de mutirão da cidadania solidária em Santo Antônio do Monte e já havia até dependurado a antiga placa na varanda da nova propriedade rural do Brasilino e sua família (Bem-vindo à FAZENDINHA: Este lar é sempre grato àquele que o alegra com o calor de sua visita).

Enilda viaja com Raquel a Belo Horizonte, para visitar e retornar a Santo Antônio do Monte com Brasilino que sairia do hospital em três dias.

– E aí, como está meu querido esposo? – Indagou Enilda, após um longo abraço de ternura e fluídos.

– Tudo bem. Nem vejo a hora de deixar o hospital! Estou há tanto tempo aqui que vou sentir saudades dos médicos, enfermeiros e, agora, da professora Zélia. – Respondeu Brasilino.

– Também pudera, o hospital se transformou

em sua casa! – Corroborou Enilda.

– E em que pé está a fazendinha? – Perguntou Brasilino.

Então Enilda se pôs a dar as informações sobre as duas fazendinhas – a que estava debaixo d'água e a nova fazendinha, que novinha em folha esperava por Brasilino, para ser oficialmente inaugurada. E enquanto no hospital Enilda descarregava um caminhão de novidades, num apartamento não muito distante dali, onde morava Verônica, a bisavó Raquel era pega de surpresa, com todo o peso da idade nas mãos e no coração.

– Vó Raquel, eu estou grávida! Sei que não devia, mas aconteceu. Nem sei como direi ao vovô Miguel, que está com os dias contados e, certamente, lhe causarei enorme aborrecimento.

– Não se preocupe quanto a isso, pois mesmo ficando chateado Miguel aceitará a situação (irreversível) com alegria, como se fosse um lenitivo providencial do Criador para o seu insolúvel problema de saúde. E quem nos dera que ele ainda esteja vivo quando a criança nascer. Se for menino, Miguel ficará ainda mais feliz.

– Pois se for menino, eu e o Jofre combinamos que se chamará Miguel Neto.

– Será felicidade demais para o final de vida do meu querido esposo... Mas e a faculdade, como você fará para continuar os estudos?! – Preocupou-se Raquel, para quem boa escolaridade e bom nível cultural eram a riqueza maior da vida.

– Pelas nossas contas, o nascimento será no final de dezembro. E se Deus quiser, frequentarei as aulas sem qualquer problema. Aliás, estou com ótimas notas; meus trabalhos recebem sempre a totalidade dos pontos e são bastante elogiados, pois eu os datilografo com a maestria adquirida nas aulas da professora Dona Georgina. Além do mais, calculo que, quando o bebê nascer, estarei de férias, com retorno às aulas apenas em fevereiro. E também, há o fato de a amiga Sara vir fazer o curso técnico de enfermagem, com duração de dois meses. Claro que não quero que ela fique por conta de me ajudar. Porém, a presença dela em casa me dará mais confiança em deixar a criança aos cuidados de enfermeiras e não de babás, como é o desejo da senhora. – Esgrimiu Verônica, como se fosse jovem senhora do tempo que viria.

– E o casamento? – Inquiriu Raquel, que gostava das coisas feitas corretamente e em conformidade com os bons costumes.

– Nós marcaremos o casamento só depois de falar com o vovô Miguel. Eu o respeito e o amo muito. Não teria a menor coragem de chegar pra ele com data de casamento marcada e, ao mesmo tempo, anunciando-lhe que estou grávida! Mas de antemão, como sempre foi meu sonho, o casamento será na fazendinha, numa solenidade simples. Depois de assistir à demolição da igreja matriz, não quero casar em igreja alguma.

– Faz muito bem Verônica. Seu bisavô ficará

muito satisfeito com a sua demonstração de apreço por ele. Creio que até a ideia de fazer o casamento na nova fazendinha será do agrado dele também, pois assim o novo espaço rural começará a ganhar história e vida própria. Seu avô leva muito em conta e dá muito valor à construção e preservação da memória familiar.

Dentro dessa quadra os dias se passaram como nuvens tocadas pelo vento, formando múltiplos desenhos e as mais variadas formações na vida e na mente das pessoas. Na visão de Verônica e Jofre, uma hora vinha um menino, mas uma viração repentina mudava o rumo da nuvem e aparecia uma menina... A fazendinha foi reinaugurada, com foguetório, canto da folia de reis Estrela Guia e discurso do proprietário Brasilino, brandindo um certificado de alfabetização nas mãos, ao lado dos colegas de curso, que gritavam “Viva o Brás, Viva o Brás...”

Mesmo adoentado, Miguel estava lá, prestigian-do os amigos e tecendo loas ao gesto de Afonso, uma sonora oração ao Criador. Ao seu lado Raquel e a neta (já de casamento marcado, após lhe revelar a gravidez), à qual abraçava como se fosse uma razão para suportar o fardo de seus últimos dias, que se revestiam de horizontes de luz e lhes proporcionavam a sublime garantia do calor imanente de sua presença invisível, por anos e anos afora, através dos olhos do tataraneto (ou tataraneta) que viria.



CAPÍTULO 20

AÇUCAREIRO

*Um bom despacho
Muito bem despachado
É assim o meu amor bem achado
Que me deixa melado
Grudado em céu de brigadeiro
Aprisionado em cela de açucareiro!*

Carlos Lúcio Gontijo

Às vezes admiramos o horizonte com o olhar esquecido, perdido no encontro das montanhas com o azul do céu. Azul é a cor da distância, onde tudo se mistura e a gente não consegue mais distinguir, por exemplo, o pássaro que, absortamente, acompanhava – a única certeza é de que ele está lá, mergulhado no azul.

Tudo o que nos rodeia se encontra embebido no amor e em permanente gozo, pois a natureza é divina obra prima exposta (democraticamente) a céu aberto, para o regozijo de nosso espírito, que reconhece na irradiante luz a assinatura do autor: Deus.

Em gozo, o ventre da terra libera-nos a água, líquido sagrado e fonte da vida. Se córrego, riachos e rios correm para o mar, onde receberão o batismo do sal; nós na condição de seres humanos, com mais de 60% do nosso corpo constituído de água, nos encaminhamos para o mar da eternidade, no qual seremos unguídos pela luz do Criador.

Os amantes experimentam em vida a livre prisão do amor; são acorrentados por enluarados grilhões tecidos com torrões de melaços de açúcar desfiado e, talvez por isso, tenhamos o costume de dizer que os nubentes saem em lua de mel, passando dias e dias como se estivessem aprisionados em cela de açucareiro.

– Hoje é um grande dia. É como se eu cumprisse o final de uma missão. Assistir ao casamento de minha bisneta é um momento sem preço. Minha pró-

pria idade (e também por estar condenado por doença incurável) me obriga a concentrar tão-somente em focos de importância precípua, aliviando os meus fardos. – Entoou Miguel.

– Não me venha com pensamentos tristes. Temos que festejar o casamento de nossa bisneta intencionalmente com toda entrega d'alma. – Entusiasmou-se Raquel.

– E quem disse que estou triste?! Eu apenas estou a constatar que o tempo só consegue viajar sem parar (de cima pra baixo e baixo pra cima), porque ele não leva bagagem alguma, não se apega à beleza extasiante das paisagens e nem aos azuis que somem embebidos em imensidões de azuis, juntados em todos os tons na linha dos horizontes mundo afora. – Alinhavou Miguel.

– Nisso você tem razão: ninguém viaja deste mundo ao mundo espiritual carregando qualquer objeto. Chegamos sós e partimos sós desta vida, como se a nudeza fosse o traje a rigor de nossa viagem cósmica. – Navegou Raquel em palavras.

– Cadê meu vestido de casamento, vovó? A costureira me disse que o entregou pela manhã. – Intrometeu-se Verônica, chegando com jeito de apressada.

– Que afobamento é esse, Verônica?! – Ralhou Raquel, com sua autoridade de bisavó.

– Não é à toa que dizem que, no dia do casamento, ficam faltando horas para a noiva. Meu Deus como o dia é pequeno; 24 horas não bastam! – Suspi-

rou Verônica.

– O vestido está sobre a cama, em seu quarto. Quando o coloquei lá, bem estendido sobre a cama, a Kika pulou e deitou-se ao lado da bela peça de roupa, como se estivesse a fazer vigília para que ninguém a tocasse. – Observou Raquel.

– Pois é Raquel, a Kika também não demora a partir. Quando a demos de presente, Verônica estava com seis anos. Ou seja, a Kika já tem 12 anos. É uma cachorra idosa. – Lembrou Miguel.

– Vovó, vovó do céu, minha santa mãezinha... – Gritou Verônica, ainda no quarto.

– Que foi minha filha? Do que se trata?! – Saiu também aos gritos, Raquel.

– Veja, minha querida Kika está morta! Morreu a minha Kika! – Disse Verônica, abraçada à cachorra sem vida.

– Ela teve uma boa vida e alegrou bastante a nossa casa. Claro que é muito triste, mas é o fim de todo o ser vivo. Nada que neste mundo se move fica para semente, quando muito tem a felicidade de deixar algum rastro de sua presença. Eu por exemplo, tenho você, Verônica querida, e a criança que você aguarda nascer, como registros de minha passagem pelo planeta Terra. – Interveio Miguel, que chegou ao quarto, vagarosa e calmamente.

– E agora, quem vai enterrá-la? Eu prometi a mim mesma que a enterraria no jardim. – Entrecorreu Verônica.

– Pode deixar conosco, Verônica! Nós vamos providenciar tudo. Hoje é dia de seu casamento e é com ele que você deve preocupar-se. Agorinha mesmo, você tem que estar no salão de beleza. – Ponderou Raquel.

– Enxugue as lágrimas no rosto e deixe florescer um horizonte de felicidade. Vou arrumar alguém para fazer uma cova no jardim e aproveitarei para passar em algum lugar, no qual possa encontrar uma caixa de papelão adequada para colocar o corpo da Kika. E por falar nisto, como o assunto é cachorro, aproveito para lhe informar que consegui junto ao José Brasil, um velho amigo, porém com menos idade que eu, toda a documentação para a abertura de uma clínica veterinária, com loja de artigos e produtos caninos, capaz de atender à cidade e toda a região. José Brasil é veterinário e vai assinar como responsável pela clínica. – Anunciou Miguel.

– Meu querido avô, somente o senhor mesmo para me presentear com uma coisa desta. Mas eu poderei vir apenas de 15 em 15 dias; é preciso encontrar (e contratar) uma pessoa para cuidar da loja. – Conjeturou Verônica, ainda enxugando as lágrimas.

– Isso já foi providenciado. – Disparou Miguel.

– Minha nossa, nem eu sabia de tais novidades. Agora vejo o porquê de tantas idas à casa do Ageo. – Interveio Raquel.

– E quem será o nosso empregado na loja? – Indagou Verônica.

– O seu amigo Gustavo! – Enfatizou Miguel.

– Nossa, meu avô, nada mais apropriado! Mas que danado do Gustavo, nem ele me disse nada! – Surpreendeu-se Verônica.

– O Gustavo estava proibido de lhe revelar qualquer coisa a respeito. E a escolha dele é mesmo apropriada, pois ele está terminando o curso de auxiliar veterinário e, além do mais, já ganha uma graninha com banho e tosa de cães, num cômodo improvisado na casa dos pais. – Explanou Miguel.

– É felicidade demais! – Exultou-se Verônica.

– Gustavo não será apenas um simples empregado. Eu o coloquei como seu sócio com uma cota de 25%. Assim, ele será também proprietário e, certamente, terá mais ânimo com o progresso dos negócios. – Revelou Miguel.

– Já que o senhor pensou em tudo, com toda a certeza o local também está pensado e arrumado. – Brincou Verônica.

– E está tudo ajeitado mesmo! Fica bem próximo de nossa casa, aqui no centro da cidade, na rua Américo Portela. – Apontou Miguel.

– Pela sua dica, até já sei onde! É na casa que estava alugada para a dona Célia. O lugar é ótimo; fica numa esquina, sem vizinho ao lado. – Situou Raquel.

– Pois é Raquel, para evitar complicações futuras, passei a casa para o nome da Verônica, uma semana após ela ter completado 18 anos. Os papéis estão no cartório à espera da assinatura de vocês duas.

– Elucidou Miguel.

– Você pensou em tudo, meu querido, e sem falar nada com ninguém. Foi boa a ideia de passar a casa em que funcionarão a clínica e a loja para o nome da Verônica, para que não haja vínculo da mesma com os negócios em sociedade com o Gustavo. – Aplaudiu Raquel.

– Estou muito feliz com o presente que vocês estão me dando. Agora tenho até onde fazer estágio, pois o senhor José Brasil poderá ser o meu supervisor, unindo o útil ao agradável. – Agradeceu Verônica.

– Você tem que agradecer é apenas ao seu bisavô. Eu nem sabia de nada! – Expôs Raquel.

– Que nada minha avó querida. O meu avô só fez o que fez por estava ciente de sua aquiescência. Por exemplo, ele contava com a sua aprovação no tocante à transferência da casa da rua Américo Portela para o meu nome. – Emoldurou Verônica, abraçada aos queridos bisavós.

– Amanhã, depois do casamento, antes de você e o Jofre saírem pra lua de mel que, aliás, está pronta (bateu a mão na barriga da bisneta), eu lhe mostrarei o local. Na semana que vem chegarão os equipamentos da clínica. – Disse Miguel.

– Deus lhes pague, meus bisavós, por tudo o que fazem e sempre fizeram por mim. Dentro da imprevisibilidade do futuro, quem sabe um dia (por uma razão qualquer), seja essa clínica a minha salvação, o meu refúgio e abrigo. – Previu Verônica.

– Tomara que não chegue a tanto Verônica, mas o futuro a Deus pertence. – Interpôs Miguel.

– Tia, vou embora cuidar da minha vida de noiva... – E foi-se Verônica, pela rua afora.

– Fico feliz com o seu gesto, Miguel. O desprendimento de repartir bens materiais em vida é a única maneira de vermos de perto (e participarmos) da felicidade das pessoas às quais amamos. Diante de atitudes como a sua e de Afonso, por exemplo, a hipocrisia não se sustenta e se evapora à luz da realidade como se nada fosse. – Elogiou Raquel.

– A poesia da vida está onde moram as nossas emoções. Quando vamos ao encontro das pessoas a quem amamos estamos, em verdade, indo ao encontro dos versos de nós mesmos; da nossa própria poesia. Talvez os autores escrevam como forma de libertar as palavras que os habitam ou, quem sabe, estejam em busca de palavras para preencher os seus vazios. – Filosofou Miguel.

– Às vezes me deparo com tanta gente gananciosa a digladiar com tudo e com todos, em prol da acumulação individual de riqueza, que chego a imaginar que o mundo foi transformado num imenso ringue. Em ocasiões assim, dá-me vontade de intervir e gritar: a sua ira não tem o poder de quebrar a poesia da minha lira. – Enunciou Raquel.

– É, minha querida, diante do hedonismo praticado de maneira desabrida e elevado ao nível de alicerce da construção de convivência coletiva, não

podemos nos surpreender com os escândalos que surgem de forma rotineira tanto no setor privado, quanto na área da administração pública, onde o que é de todos é tratado como se fosse coisa de ninguém. Grande parte das pessoas só tem pensamento coletivo quando está dentro de um ônibus ou no interior de trem do metrô. – Ironizou Miguel.

– Ouvimos falar constantemente em reformas política e tributária como se elas fossem uma miraculosa panaceia para o fim de nossos problemas quando, na verdade, o que temos que enfrentar é a melhoria da educação de nossa gente. – Interveio Raquel.

– Sempre pensei que educação e cultura poderiam nos levar a uma reforma humana, mas vejo que hoje nossa gente busca no aprendizado escolar não o conhecimento, mas apenas um diploma para se dar bem, com as escolas aceitando essa premissa e propagando o ensino que ministram como ferramenta garantidora de sucesso e caminho certo para o almejado status de fama e palco de celebridade. – Assinalou Miguel.

– E assim sendo, caro Miguel, as escolas de nosso país deixaram de ser instituições de ensino e se transformaram em centro preparatório de introdução de jovens estudantes na moderna civilização, na qual a marca registrada é propiciar ao cidadão acesso à vanguarda cultural e ao aparente domínio de tudo, sob a égide do mínimo esforço intelectual, muitas vezes sem a leitura de um livro de literatura sequer.

– Temos então, Raquel, o enaltecimento da superficialidade, da futilidade e da versão simplificada de tudo. É como se de repente resolvêssemos acabar, por exemplo, com a existência da crise devido à constatação da dificuldade de alguns alunos em aprender o seu uso correto.

– O individualismo sobrepõe a tudo e a todos. Ou seja, as pessoas bem-sucedidas não se incomodam com a miserável condição econômica da maioria que vive no seu entorno. Que se danem! – Politizou Raquel.

– Preocupo-me com o mundo em que viverá o nosso tataraneto (ou tataraneta), pois optamos de maneira explícita por uma sociedade em que não cultivamos a menor responsabilidade para com o outro, fazendo-nos cada vez mais distantes do amor ao próximo decantado por Jesus Cristo e, no mesmo passo, caprichamos no estabelecimento de uma educação que abraça a civilização do espetáculo e do entretenimento, na qual a imagem e a cor são colocadas acima do conteúdo. – Manifestou-se Miguel.

– E não basta oferecer o atrativo da luz do conhecimento; é necessário o circo, é preciso encenação, teatralização. Ou seja, o professor tem que possuir dotes contorcionistas e se utilizar de todos os recursos para fazer a sala de aula não parecer sala de aula e conduzir os alunos (que não querem aprender) a sentirem-se espectadores do espetáculo social a que todo cidadão tem direito... – Discorreu Raquel, desanimadamente.

– E assim, minha querida Raquel, contribuir para que (quem sabe) sigam carreira política e, mais tarde, possam experimentar o cardápio de iguarias especiais exigido pelos leões que habitam os palácios governamentais país afora, os chamados representantes do povo, que são pinçados de nosso quadro (ou seria zoológico, talvez fauna) social e, democraticamente, ungidos pelas urnas, para o exercício pleno de legítima ditadura. Todavia, apesar dos pesares, eu sou e sempre serei pelo voto, pela urna, pela legalidade, pela democracia, pelo estado de direito, pela espera da minha vez, pois quando não é (ou não for) assim, a vez é de quem tem a força ou detém o poder de desrespeitar e furar a fila. – Desferiu Miguel.

– Mas vamos nos alegrar, pois hoje é dia de festa. Encontrar-nos-emos com os nossos amigos, que são um grande achado em nossas vidas e, juntamente com eles, nos poremos a voar, ainda que por breve momento, no pedaço de céu de brigadeiro da nossa existência terrena, que nosso amor nos capacitou a construir. – Finalizou Raquel, às portas do palco de felicidade montado em seu coração.





CAPÍTULO 21

PASSARELA

*No compasso das asas
Eu cedo ao passo
Tu também passas
O pari passu nos vela
E a modelo passarela...*

Carlos Lúcio Gontijo

Na passarela da vida podemos escolher a roupa com que queremos enfrentar a dura caminhada de nossa existência terrena. A lógica do buraco é a falta de terra e, assim, todos têm uma desculpa, tanto para ser o que na realidade o são, quanto para justificar o que não conseguem ser.

Reconhecidamente, a forma mais fácil de ir-se ao encontro do sofrimento é tentar servir de vitrine aos olhos dos outros. O medo da língua e do julgamento alheio impedem muitas tomadas de decisão, destruindo muitos destinos. Dessa forma, ao procurar agradar ou cumprir normas (e conceitos) ditadas pelo senso comum, a pessoa desgraça a sua vida, vivendo de aparências e tornando-se incapaz de ser feliz, pois a felicidade requer esforço e, portanto, não está ao alcance de gente preguiçosa e sem atitude, posando de teúda ou manteúda, diante das vicissitudes da vida.

Todo atalho fora do trabalho honesto é falho. É o medo (e não o amor) que fomenta a adesão das multidões de fiéis às igrejas e templos. Daí a preferência dos pastores pela temática do apocalipse, pela apologia aos poderes do Diabo e pela apresentação de um Deus cruel e pouco misericordioso, que exige dos seres humanos uma vida de sacrifícios e díizimos cotidianos, ao estilo de insensível cobrador de impostos numa capitania hereditária nos tempos do Brasil-colônia.

Bem alertou Jesus Cristo sobre as exacerbações

e os excessos de todo o tipo, ao deixar-nos uma indagação que devemos sempre nos fazer, repetidamente, quando nos permitimos ao pagamento de qualquer preço pelo que desejamos (numa ânsia imediatista) ou pelo que estamos dispostos a despende qualquer quantia: “De que serve ao homem conquistar o mundo inteiro se perder a alma?”

– Que bela solenidade foi o casamento de nossa bisneta! – Comemorou Miguel, em pleno transcorrer da festa.

– Tomara que tudo dê certo e ela seja muito feliz, como augurou o Padre Paulo. – Desejou Raquel, com toda a energia de esperança da qual era capaz.

– Esses são os meus votos também, mas por outro lado, se algo sair errado no futuro, desejo que ela saiba desatar os laços e seguir em frente. – Destilou Miguel.

– Você tem toda a razão. Ainda mais que nem conhecemos direito o Jofre. Ademais, a verdade é que ninguém conhece profundamente ninguém. – Sintetizou Raquel.

– E tem mais, as pessoas mudam, passam a ter outros interesses, outras paixões, novos amores. – Aferiu Miguel.

– Mas vamos esquecer os senões e torcer para que tudo dê certo com a nossa Verônica. Que ela tenha a oportunidade de vivenciar, como nós, um

amor para a vida inteira, sem nunca ter que enxugar o rosto de um amor desfeito, estendido nos horizontes de seus sonhos. – Posicionou-se Raquel.

– Vovô, vamos deixar para ver a clínica na minha volta. A irmã do Jofre ofereceu-se para dirigir até Belo Horizonte. Ela não bebeu bebida alcoólica, pois está em tratamento de uma infecção renal e, apesar de ser madrugada, achamos melhor partir agora, uma vez que de Belo Horizonte vamos pegar avião para o Rio de Janeiro à tardinha. Dessa maneira, dá tempo de a gente dar uma descansada antes de voar. – Interveio Verônica.

– Tudo bem, minha bisneta. A ideia é até boa, pois você está grávida e assim se esforçaria menos. Quanto a ver a clínica, eu lhe garanto que, na sua volta, você a encontrará com toda a aparelhagem e já com a loja de produtos veterinários e artigos para cães em pleno funcionamento, sob a batuta do Gustavo. – Respondeu o bisavô.

– Vocês podem ficar tranquilos que eu levarei os pombinhos com todo o cuidado até Belo Horizonte. – Garantiu Zélia, com um largo sorriso nos lábios.

– Mas é claro que sim, você tem toda a nossa confiança! – Interpôs Raquel.

– Muito bonito, por parte de vocês, o gesto e a demonstração de preocupação com o futuro de Verônica, dando-lhe de presente uma clínica aqui na

cidade. Penso como vocês, ou seja, toda mulher deve ter sua independência. Ainda mais se levarmos em conta o que anda acontecendo hoje em dia, com os casamentos sendo constantemente desfeitos, justificando plenamente a lei do divórcio, para que cada um siga a sua vida. – Expôs Zélia.

– Você tem razão no que diz minha cunhada amiga. A dependência econômica tem condenado muitas mulheres a uma vida infeliz e de completa submissão aos maus-tratos e traições de seus maridos. – Complementou Verônica.

– É por isso que nos preocupamos e insistimos para que nossa neta termine a faculdade e tenha a profissão de veterinária, exercendo-a com afinco e responsabilidade. Tudo nesta vida nos cobra independência, inclusive o amor. Um grão de milho pode até germinar na fresta de uma pedra, mas se der espiga, esta jamais granará. – Metaforizou Raquel.

– É como sempre costumo dizer, quem busca facilidades termina lutando contra dificuldades. – Asseverou Miguel.

– Ah, senhor Miguel, não precisa interceder pela mulherada! Elas estão em maioria e sequer necessitam de ajuda para deitar falação desfavorável aos homens, contra os quais estão sempre cheias de precauções. – Brincou Jofre.

– Todavia, caro irmão Jofre, as mulheres têm

mesmo que ficar com o pé atrás, pois são elas as responsáveis pela criação dos filhos, aos quais se acorrentam e entregam suas vidas, suprimindo (e reprimindo) seus sonhos individuais e, em muitos casos, saciando a fome no alimento que guarda na geladeira para os filhos. Eu, que faço trabalho voluntário em comunidades pobres, presencio o sacrifício de muitas mulheres em prol de seus filhos. – Discorreu Zélia, com a autoridade de quem tinha conhecimento de causa.

– Eu estava apenas brincando. É claro que vocês têm toda razão! – Penitenciou-se Jofre.

– Mudando de assunto, eu cumprimento toda a família pela lindíssima solenidade. A fazendinha, como vocês chamam, se transformou num altar de reluzente claridade. Lá do alto, na planície sobre montanhas, a visão da barragem refletindo luzes, dava-nos a impressão de estar vendo estrelas no chão. – Descreveu Zélia.

– Agradeço-lhe o elogio Zélia, mas a ideia de realização da solenidade na fazendinha foi toda da Verônica, que na adolescência assistiu à demolição da igreja matriz da cidade e ficou descrente dos templos erguidos em nome de Deus, apesar de não perder a fé no Criador e em Jesus Cristo, que têm em nós mesmos a sua verdadeira (e única) casa de oração. – Elucidou Raquel.

– Foi uma solenidade inesquecível, que levarei

comigo pelo resto da vida, independentemente do que o destino me reservar. – Confessou Jofre, abraçado à sua jovem esposa Verônica.

– Então vamos partir minha gente, que a chofer aqui já acusa o cansaço da madrugada e, claro, da lufa-lufa proveniente da festa inundada pelo inebriante licor da amizade. Admito, clara e explicitamente, estar embriagada de carinho e nem sei como lhes agradecer por me darem acesso a tão imensurável adega familiar de afeto. – Derramou-se Zélia, com a voz embargada.

– Vocês se vão, mas nós continuaremos festejando até o dia amanhecer. – Anunciou Gustavo.

– Pois sim, meu querido sócio! – Respondeu Verônica.

– Deixa eu lhe dar um abraço e apresentar-lhe minha noiva pantaneira. – Aproximou-se Maurício, que veio do Mato Grosso especialmente para o casamento e, ao mesmo tempo, trazer a jovem Berenice, filha de abastado e velho proprietário da fazenda (chamada Santo Antônio) da qual se tornou uma espécie de administrador, gerente e capataz, para conhecer a sua família.

– Fico muito contente por você e me alegre, também, por tomar conhecimento do quanto lhe valeram o aprendizado adquirido nos anos de trabalho na fazendinha. Como é bela a sua Berenice, com esses olhos azuis amendoados, como o céu mato-gros-

sense, e a pele morena curtida nos dias ensolarados do pantanal. – Retribuiu Verônica, ao amigo de infância e filho dos amigos Enilda e Brasilino.

– O que vocês vão fazer com este punhado de latas e latinhas? – Indagou Jofre ao grupo formado por Afrânio, Rogério e Brasilino.

– Você já viu casal de noivos sair em carro silenciosa e furtivamente? Nada disso, meu amigo, é preciso haver barulho (e muito) para acordar os deuses, as fadas, os duendes e os gnomos do amor, a fim de que eles prestem atenção no novo casal e passem a protegê-lo com suas poções mágicas e seus mantos de luz. – Filosofou Rogério.

E assim, sob uma chuva de grãos de arroz sinalizando votos de prosperidade, e uma barulheira infernal de latas se arrastando pelo chão, que ecoava pela amplidão da zona rural, na qual se situava a fazendinha, acompanhada do ladrar insistente de cães assustados, os nubentes partiram rumo à construção do presente em que habitam conscientes (e cientes) de que ninguém mora no futuro, ao qual quando se chega o presente já está posto, da forma e do jeito com que foi semeado na prancheta dos passos de agora.

De repente, a criança que Verônica esperava nasceu. Não mais futuro, mas sim um belo presente, que recebeu o nome de Miguel Tataraneto-Neto, porque era filho de mãe criada como filha por seus bisavós, numa homenagem que encheu de alegria Raquel e, exponencialmente, semeou a esperança de uma terceira visão no peito de Miguel, que (muito doente) continha suas dores graças à alquimia aprendida no curso de farmácia e, assim, entorpecido pelo fogaréu do sentimento de missão cumprida, passou os seus últimos dias aos cuidados de sua Raquel e consolando-se nos olhos do tataraneto, que ao contrário dele ainda tinha muitos futuros a se transformarem em presente, no desfile eterno da passarela do tempo.

CAPÍTULO 22

GENTE CONTIDA

*No salão o mesmo corte
Roupa sem decote nem cor
Maquiagem sóbria e pouca
Nenhuma fantasia de amor
A passos lentos volta pra casa
Nas asas de desalento e dor
Reduz a vontade ao tempo
Tudo pra ela já passou da idade
Toma os remédios na hora certa
Só não acerta a hora de viver
Não se sente mais mulher aquela senhora
Que com loucura de gente contida
Dependura vestes e vida no cabide*

Carlos Lúcio Gontijo



Na língua do outro a que beijamos descobrimos o nosso gosto; nas mãos do ser amado encontramos o nosso calor; no suor do corpo mergulhado n'outro corpo temperamos o mar de nossa existência e terminamos compondo nas cordas sonoras de músculos em vibração o som da vida, registrado nas manchas de carícias perdidas nos lençóis.

Longas parcerias de amor unem dois corpos num só e, se a flor do ir-se embora floresce, sugando um dos amantes, todo o jardim do amor é tomado pela flor da despedida (o amor deixado) e todos os buquês ganham o formato de coroa de flores, a chorar a dor do amor ausente.

Nas asas do desalento voam as vontades, não há mais o porquê imaginar frases bonitas, encobrir com maquiagem ou um creme qualquer as rugas do rosto, encomendar moderno corte à cabeleireira, comprar lençol novo para a cama, enfeitar a casa, perfumar o quarto. Vão-se com a morte do ser amado a libido e os segredos que envolvem o amor no mistério indecifrável do fluido mágico que, como visgo, prende duas pessoas de maneira visceral, numa inseparável costura de virilhas.

Raquel se via consumida pelos aromas de Miguel por todos os cantos (e recantos) da casa e, mais ainda, dentro dela mesma, fazendo-a parecer com um livro lido e relido pelo amado, deixando seu cheiro impregnado até nas ondas (e páginas) de seu pensamento, onde a flor do ir-se embora que levou seu amado crescia, descontroladamente, feito erva daninha em terreno baldio.

Não havia mais por quem se arrumar, ainda que o amado nem percebesse, pois ele era a inspiração; alegria alguma em sentar-se no sofá da sala e, em vez de olhar a praça

diretamente pela janela, optar por visualizá-la nos olhos de Miguel, que buscavam absorver em tudo a beleza e, ao mesmo tempo, demonstrar gratidão por estar vivo. A lua mais que luar, irradiava contentamento e poesia no olhar versejador de Miguel.

A razão de viver da experiente e bondosa Raquel passou a ser o tataraneto Miguel e a bisneta Verônica, que levava uma vida repleta de compromissos, como se estivesse a fugir de problemas conjugais, aos quais tivesse dificuldade de enfrentar. Raquel a tudo percebia e dizia a si mesma que tinha que viver o suficiente para assistir a sua bisneta usufruindo de vida estável e feliz.

Com a meta de acompanhar a trajetória da bisneta como idílio de vida, Raquel seguiu reforçando, reavivando e refazendo os traços de seus passos no chão pintado a giz da frágil existência terrena, que como o engenho vai moendo a cana e desprezando o bagaço, à maneira do que acontece com o ser humano quando perde a vitalidade e se vê obrigado a dependurar as vestes e a vida no cabide da morte.

– Sara, é uma verdadeira bênção contar com sua presença em minha casa. Tomara que você esteja se sentindo como se estivesse em seu apartamento. – Agradeceu Verônica, a presença de Sara que já estava com ela há um ano e quatro meses, para frequentar aulas de curso técnico de enfermagem.

– Estou aqui para lhe ajudar no que for preciso. – Garantiu Sara.

– Claro que tenho aceitado o seu auxílio, mas a sua estada aqui é para estudar. É o seu objetivo de vida. Pro-

curei informar-me e fiquei sabendo que os quatro meses finais do curso serão muito puxados e haverá dias em que você cumprirá dois horários, devido ao estágio monitorado. – Revelou Verônica.

– Eu já sei da pesada carga horária, mas isto não me impedirá de continuar a ajudá-la. Afinal, sempre estudei e cumpri tarefas na casa de meus pais! – Emendou Sara.

– Nos primeiros meses, contei com duas babás, ou enfermeiras, como prefere chamar minha bisavó. Uma para o dia e outra para a noite. Porém, agora é apenas uma babá para o dia, com folga aos domingos. Mas já aprendi a me virar com o Miguel, que graças a Deus é tranquilo e, quase sempre, dorme a noite inteira. – Esclareceu Verônica.

– Esqueci a chave em casa. Abra a porta pra mim. – Gritou Zélia, apertando a campainha.

– Que bom você estar por aqui, assim a Verônica tem companhia, pois aquele meu irmão nunca está em casa. Ou está na pós-graduação à noite, num curso que não termina nunca, ou está no escritório, ou está na estrada, com a desculpa que gosta de dirigir e há muito pedido de transporte de carga. – Foi logo espinafando Zélia, que se tornou amiga inseparável e aliada de Verônica.

– Não é bem assim, Zélia! – Desconversou Verônica.

– Não é assim mesmo não... É muito pior. – Ampliou Zélia o quadro da solidão de Verônica.

– Pois é, infelizmente, daqui a quatro meses termino o meu curso técnico de enfermagem, retornando para Santo Antônio do Monte, onde já conto com emprego arranjado na Santa Casa de Misericórdia. – Interveio Sara.

– E o que será da Verônica, meu Deus? Já pensei até

em me mudar para aqui, mas seria pior, uma vez que discutiria demais com o meu irmão Jofre a respeito da vida que ele leva. – Apontou Zélia.

– Mas tudo vai melhorar. No mês que vem, o Jofre terminará a pós-graduação em sociologia e não mais terá que sair à noite. – Alegrou-se Verônica.

– Ah, minha doce Verônica, não conte com isso! O Jofre vai começar a viajar. Pegará aquele caminhão e não mais descerá dele. Você vai ver! – Previu Zélia, com a voz cheia de amargura.

– Vamos ter esperança; quem sabe ele reavaliar o seu comportamento. – Animou-se Sara.

– Gente, eu agarro na conversa e já ia me esquecendo da razão de eu estar aqui! Deixei os dados da minha declaração de imposto de renda (do ano passado) na gaveta da cômoda do quarto em que costumo dormir. Tenho que levar a documentação para o Manoel Maria, contador da empresa de transporte do Jofre, para que ele me livre do Fisco, que encontrou problemas em minha declaração. Mas também, quem me mandou não esperar por ele, que à época estava apertado de serviço no escritório. Agora, estou pagando o preço da minha afobação e ansiedade em relação a todas as coisas. – Penitenciou-se Zélia.

– Agradeço a preocupação de vocês, mas eu também tenho a minha parte de culpa. Vivo na peleja: é o Miguel, é a faculdade, são as minhas idas quinzenais a Santo Antônio do Monte, onde tenho a clínica e, ainda mais importante, tenho que prestar meu apoio e minha presença junto à minha bisavó Raquel, que após a morte do vovô Miguel anda cada vez mais desinteressada da vida, só se alegrando

quando chego por lá com o seu tataraneto. – Explicou Verônica.

– E seria aí que entraria o meu irmão Jofre, que em nada lhe auxilia, mesmo sabendo de todas as suas responsabilidades diárias. Não sou psicóloga e muito menos psiquiatra, mas em parte você tem-se afogado no trabalho como se fosse um refúgio diante da indiferença do Jofre.

– Aferiu Zélia.

– Nunca pensei em minha situação dessa forma, mas quem sabe você tenha razão, minha cunhada querida.

– Acatou Verônica.

– Mas é claro que eu tenho razão. – Disse Zélia, saindo do porta a fora com um envelope pardo nas mãos.

– Vou ficar tão preocupada em deixar você sozinha, minha amiga. – Retomou o assunto, acanhadamente, Sara.

– Pode ir tranquila, pois tudo acabará resolvido de alguma maneira. Em determinado ponto terei que encontrar uma solução, tanto por mim quanto por meu filho Miguel e, também, por minha bisavó e o meu saudoso vovô Miguel, que sempre me ensinou a ter altivez diante da vida, que sempre nos cobra coragem e passo. – Interpôs Verônica.

– Chega de assuntos entristecedores ou por serem resolvidos, vou lhe passar uma notícia que você vai gostar!

– Declarou Sara.

– Então vamos lá, desembuche minha amiga! – Suplicou Verônica.

– Eu e o seu sócio Gustavo estamos namorando. A coisa ficou séria e estamos pensando em ficarmos noivos assim que eu terminar o meu curso. – Revelou Sara, que foi

demoradamente abraçada pela amiga.

– Que maravilha! O Gustavo é excelente pessoa e, sem ele, eu não poderia tocar a clínica em Santo Antônio do Monte. Com o aprendizado de curso de auxiliar veterinário ele aplica vacinas e cuida dos cães aos quais recebo para diagnóstico médico quando estou por lá. É ele quem acompanha o estado de saúde dos animais em tratamento, além de ser bastante procurado para as tosas, nas quais ele é especialista.

– E tem mais novidade. Sabe o meu irmão Mauro, ele está estudando muito para enfrentar vestibular na Universidade Federal de Minas Gerais. Está morando em Divinópolis, com tudo custeado pelo Afonso, que fez questão de nos ajudar mais uma vez, dizendo que um solteirão que deu sorte na vida tem o dever de estar sempre ajudando alguém, como maneira de agradecer a Deus pelo que tem. Em princípio, ele queria que o Mauro viesse para Belo Horizonte, mas o próprio Mauro não quis, alegando que eu já estou fora de casa e o Maurício no Mato Grosso. Meus pais se sentiriam muito sozinhos e, assim, estando em Divinópolis, ele retorna todas as sextas-feiras para casa. – Explanou Sara.

– E que curso ele deseja fazer? – Indagou Verônica.

– Você não se lembra de que desde menino ele trabalhava em oficina de automóveis? O sonho dele é cursar engenharia mecânica. – Respondeu Sara.

– Minha nossa, estou mesmo distante de tudo, naufragada em minhas tarefas! Preciso rever minha vida, mas tenho que aguardar o momento certo, pois as atitudes necessitam ser direcionadas à solução dos problemas, sem

qualquer vazio que possa ampliá-los, tornando-os maiores do que são na realidade. – Suspirou Verônica, longa e profundamente, como se pretendesse alcançar novos ares com o seu respirar.

Enquanto isso, no escritório da empresa de transporte do Jofre, Zélia procurava meios junto ao Manoel Maria para fugir da sanha fiscal do governo federal, mas mal sabia ela que o destino é o maior cobrador de impostos que existe e que jogaria em suas mãos um horizonte de escuridão desenhado pelas ações de Jofre no cadinho da lousa da vida, onde constantemente doses de esquecimento se transformam em única droga capaz de ativar o desejo de permanecer vivo. E em muitos casos, viver é sinônimo de virar as costas ao que não presta e seguir em frente.

– Boa-tarde, seu Fernando! – Cumprimentou ao porteiro.

– Boa-tarde, dona Zélia! Já que a senhora vai subir, leve estas correspondências ao Manoel Maria para mim. – Solicitou o porteiro Fernando.

– Uai, uma carta de mulher de São Paulo, endereçada ao meu irmão, com a inscrição “Meu amado Jofre”! Sobrenome de gente importante, Clairmilda Montenegro Scarpa! – Comentou Zélia consigo mesma e, em vez de ir direto ao escritório do contador Manoel Maria dirigiu-se ao escritório do irmão, que sabia não estar lá, pois havia viajado a Juiz de Fora. Cumprimentou a secretária, disse que tinha que pegar uns papéis e entrou. Trêmula, abriu a carta cuidadosamente e ficou tão estarrecida que fechou

a missiva bombástica, encaminhou-se rapidamente à sala em que trabalhava o contador Manoel Maria. Olha, aí estão algumas cartas que me foram passadas pelo porteiro Fernando. Nesse envelope está a documentação relativa à minha declaração de imposto de renda do ano que deu problema. Vê o que dá para fazer.

– Não vai sentar para conversar e tomar um café? – Falou Manoel Maria.

– Hoje não vai dar, pois estou cheia de compromissos. Só vim aqui lhe trazer a documentação de meu imposto de renda, para você resolver o problema para mim. Hoje é um daqueles dias no qual 24 horas não me bastarão, minha cabeça está a mil. Muito obrigada e boa-tarde! – Foi logo se despedindo, em nítida aflição.

Assuntos que nos chegam sem aviso têm que ser tratados com calma de espírito e pacientemente. Anunciar a outrem, no caso a querida cunhada, fato estarrecedor e, ainda mais, comprometendo de maneira avassaladora seu irmão Jofre, o marido de Verônica, reivindicava extrema maestria e sensibilidade de fotógrafo... Então, Zélia se pôs a pensar no modo correto de revelar, calmamente (quadro a quadro), todo o cenário negativo do filme de traição montado por Jofre.

Verônica teria que providenciar toalha, pois lenço algum lhe bastaria para enxugar as lágrimas que lhe corriam rosto afora, salgando os seus carnudos lábios púrpuros, ainda exalando o frescor da juventude, que ardia no fogaréu de uma vida atribulada.





CAPÍTULO 23

MÃE DE FAMÍLIA

*São moças em descontraída fantasia
Envolvidas no carnaval de alegria sem festa
Sempre na correria de tarefas sem fim
Toleram o esquecimento do marido e dos filhos
Carregam brilhos do firmamento no olhar
Desgastam-se nos trilhos do divino cuidar maternal
Estendem roupas surradas nos varais do tempo
Cheias de crença semeiam flores nos quintais
Acompanham as dores do companheiro na doença
Mas terminam sozinhas nos asilos e hospitais...*

Carlos Lúcio Gontijo

No céu o Criador estende roupas brancas e alvadias para quorar sob a ação alvejante dos ventos úmidos. São as nuvens (então) vestes de anjos, santos e demais espíritos elevados estendidas nos invisíveis varais celestiais. Todavia, abaixo desse oceano azul sobre nossas cabeças, temos o mar de misérias inventado pela indiferença humana, um produto lastreado pela cunhagem da ganância e do exacerbado individualismo, dando plenas condições a que uns poucos possam fazer quantas refeições diárias queiram fazer, porque uma imensa quantidade de gente fica sem nada comer.

O capitalismo tem como alicerce a pobreza da maioria, pois o planeta Terra não dispõe de recursos naturais (e materiais) para que todos esbanjem riqueza e extraordinário nível de consumo a um só tempo e indefinidamente. Vivemos sob o domínio (e predomínio) de uma sociedade que soube mascarar o sistema escravocrata, no qual permanecemos desde o surgimento do bicho homem no mundo com seus tacapes.

Questões como o machismo, o preconceito generalizado, o prejulgamento, o moralismo sem moral, a proposital disseminação do medo e a adoção de políticas excludentes são fundamentais para a manutenção da concentração de poder, renda e riqueza. O contingente populacional de negros e mestiços, por exemplo, é maioria no Brasil, mas são eles que habitam as favelas e os morros desassistidos, constituindo maioria (também) entre os encarcerados ou mortos em conflitos com a força policial.

Sub-reptícia e subterraneamente, o machismo

(como sinônimo de força e autoritarismo) age com total permissividade nos estupros e violência contra as mulheres, as crianças, os adolescentes e os idosos, que aos olhos da sociedade escravocrata não podem mais ser utilizados pelos engenhos atuais que, apesar de modernizados, continuam moendo gente como se estivessem triturando molhos de cana, gerando rejeitos e dejetos humanos, que são dispensados como um bagaço qualquer, sem consideração alguma com suas mãos calejadas, cheias de nódulos como se os mais velhos fossem originários dos canaviais.

As pessoas que lidam com assistência social, profissional ou voluntariamente, sabem muito bem como andam as intervenções governamentais (e da casta privilegiada) no sentido de se esmerar no douramento da pílula da escravocracia, dando-lhe contornos cristãos por intermédio da esmola e da filantropia, quando o verdadeiro ato em nome de Jesus Cristo, valendo muito mais que oração ou qualquer proclamação de fé, seria a caridade do término da escravidão.

Do machismo, poucos são os homens que conseguem fugir ou escapar. Jofre era formado em economia com doutorado em sociologia, mas mesmo assim, ao sentar-se ao volante de um caminhão, fazia da cabine de seu veículo uma espécie de trono, transformando-se em simples tirano e irresponsável conquistador, quase sempre de belas e jovens mulheres das classes mais humildes, às quais estendia sua rede de galanteador de beira de estrada.

Nas entidades de assistência à população está todo o drama advindo desse quadro social disforme e de difícil

solução, pois os donos do poder contam com a existência de inúmeros cidadãos desprovidos de direitos, sobrevivendo com mínima ração diária, obrigados a conviver com todo o tipo de estupros cotidianos, como se fosse reserva de farta alimentação para o banquete de todos os insaciáveis tarados sociopatas e seus surtos bestiais inomináveis, com potencial inimaginável de perversidade e atroz capacidade de infelicitar os lares de milhares de mães de família.

– Olha Verônica, tenho que lhe revelar algo muito grave. E você certamente irá tomar atitude, pois não é de contemporizar com o mal. Todavia, quero que hoje você me acompanhe em minha prestação de trabalho voluntário na Casa de Assistência Social e Caridade, porque assim você se verá perante o quadro real da vida, presenciando as dificuldades por que passam as pessoas. – Disparou Zélia, ao se encontrar com Verônica em casa.

– Mas hoje é sábado e a enfermeira Laura vai embora às 16 horas. Não tenho como ir com você ao seu trabalho assistencial voluntário. – Esquivou-se Verônica.

– Já conversei com a Laura a respeito e ela vai ficar até a gente chegar de volta, lá pelas 22 horas mais ou menos. Ela vai ganhar hora extra e a levarei de volta para casa. – Solucionou Zélia.

– Mas o que de tão importante você tem para me revelar, a ponto de gastar até aulinha de socialização? – Interpôs Verônica, meio contrariada.

– Sei que você e sua família sempre realizaram trabalho social em Santo Antônio do Monte, porém aqui na cidade grande os bolsões de miséria são muito maiores e piores, gerando um panorama que nos faz repensar os imbróglios pessoais que experimentamos, pois um punhado de seres humanos vive agruras indescritíveis sem ter com quem contar e nem para quem contar. – Descreveu Zélia.

– Tudo bem, mas o que tudo isso tem a ver comigo? O que você quer me revelar que precisa de tanto rodeio? – Indagou novamente Verônica, que aprendeu com os seus bisavós a ter altivez e determinação diante dos problemas da vida.

– Não se preocupe, você ficará sabendo de tudo após os trabalhos na Casa de Assistência Social e Caridade. Uma coisa eu vou logo lhe falando: os esquerdistas vão para a esquerda; os direitistas para vão para a direita; os conservadores não desejam mudança alguma, enquanto o povo (sempre tratado na terceira pessoa, pois é sempre o outro) permanece abandonado em meio às discussões e lutas pelo controle do poder. – Politizou Zélia.

– E que tipo de trabalho eu farei na casa de assistência? – Perguntou Verônica.

– Você vai ficar na recepção, onde estará à sua disposição uma ficha de entrevista ao assistido. No formulário, há espaço para o nome da vítima e seu acompanhante (se tiver), perguntará se tem emprego, a renda e, claro, qual a espécie de problema, dentre os quais temos usuários de droga em crise, estupro, crianças vio-

lentadas pelos pais, padrastos, tios, avós... Adolescentes grávidas expulsas de casa, adolescentes homossexuais escorraçados de seus lares pelos pais, mulheres agredidas por seus maridos... Enfim, a vida como o bicho homem a engendrou. – Ilustrou Zélia.

– Muito triste todo esse rosário de dramas sociais. E pensar que usamos o livre-arbítrio para construir esse tipo de convivência em comunidade. Infelizmente, muitos agem assim e (depois) dizem que estão, ou estavam tomados pelo Diabo. – Indignou-se Verônica.

– Essa é a maneira mais fácil encontrada pelos perversos e pobres de espírito para se livrar de sua culpa. Eles culpam o Diabo e permanecem liberados para agir. Quanta gente que irá para o inferno portando Bíblia debaixo do braço! Para pessoas assim, as páginas da escritura sagrada acabam servindo de alimento para manutenção das labaredas da caldeira do Satanás. – Discorreu Zélia, em tom de sincretismo religioso e esconjuro diante de tanto drama insolúvel conjugado com tanta blasfêmia.

Dessa forma, Verônica acompanhou a cunhada Zélia à Casa de Assistência Social e Caridade. Muitas vezes preencheu o formulário de registro de atendimento às vítimas com lágrimas nos olhos e amplo sentimento de impotência. Chegou várias vezes a implorar ao Criador por um saneamento social, mas ao mesmo tempo pediu perdão, pois Deus não tinha culpa alguma, uma vez que nos legou um planeta pronto (todinho à nossa disposição), concedeu-nos o livre-arbítrio, deixando sob nossa

responsabilidade e direção o uso de todas as ferramentas, tanto em nosso benefício próprio quanto em prol da comunidade, da coletividade.

Contudo, esquecemo-nos do exemplo da repartição do pão e partimos céleres para a montagem de projetos individuais de acumulação de bens, que passou a ser a suprema demonstração (e comprovação) de prosperidade e sucesso.

– Depois de assistir a esse desfile de miséria humana, estou pronta para ouvir qualquer coisa, querida Zélia! Revele-me logo o que tem para me dizer. – Afohou-se a sempre calma Verônica.

– O negócio todo se resume em grave traição do meu irmão Jofre, que há muito vive um relacionamento extraconjugal em São Paulo, com uma moça de família abastada chamada Clairmilda Montenegro Scarpa, o que lhe pode ser fatal, revertendo-lhe em grande risco, pois dessa feita ele não está mexendo com as pobres coitadas que ele sempre enganou nas periferias e beira de estradas. – Irou-se Zélia.

– Meu Deus, que safadeza! Confesso que nada notei, pois ando envolvida com uma série de tarefas e atividades, principalmente após a morte de meu bisavô Miguel. – Consternou-se Verônica, com aquele tradicional sentimento de culpa, que costuma acompanhar todas as vítimas de traição.

– Você não tem culpa alguma nessa história. Se você está com momentâneo excesso de compromissos, a obrigação do meu irmão Jofre, como seu marido, seria

(e é) ajudá-la. Ele sequer a acompanha em suas viagens quinzenais a Santo Antônio do Monte! – Avaliou Zélia.

– E aí, o que mais tem nessa história?! – Retomou a conversa Verônica.

– Não satisfeito em ter uma namorada, o Jofre resolveu cometer o desatino de ficar noivo amanhã, domingo, em São Paulo. – Metralhou Zélia.

– Quanto desprezo e desrespeito. O que farei não sei ainda, mas tenho que tomar alguma providência com urgência. Você tem o endereço da moça?

– Sim, Verônica! Não só tenho o endereço, como tomei a iniciativa de agir. O diretor Nivaldo Fragoso, que há muito tempo é o meu melhor amigo na escola em que trabalho, viajou nesta sexta-feira para São Paulo, onde participa de seminário sobre educação e administração escolar. Nivaldo está levando uma correspondência, na qual não tem o remetente. Ele a deixará na caixa de correio da mansão em que mora a família Montenegro Scarpa. Não tem erro, a estas alturas eles já sabem de toda a farsa, que está provada e confirmada em farta documentação. – Destrinchou Zélia, a amiga, confidente e, definitivamente, aliada.

A jovem Verônica caiu em pranto, mas logo se refez. Passou uma água no rosto, retocou a maquiagem e, espiritualmente, agasalhou o coração (com o manto da autoestima), pois a partir daquele momento ela enfrentaria um tempo de rigoroso inverno emocional.

Quando regressou ao seu apartamento encontrou um buquê de flores sobre a mesa da sala, enviado por Jo-

fre, que avisou que ia a São Paulo vistoriar o andamento das obras de construção de ponto de apoio para a sua empresa de transporte na capital paulista, com volta prevista para terça-feira: “Eu a amo muito, apesar de saber que a primavera está sempre com você, deixo-lhe essas flores. Um beijo em nosso filho Miguel”.

Rasgou o bilhete, jogou as flores no lixo do nunca mais. Sentiu ânsia de vômito, pela terceira vez nos últimos dias, pensou na hipótese de nova gravidez, mas estava aturdida demais para se preocupar com o assunto. Na segunda-feira, bateu à porta de conceituado escritório de advocacia, para entrar com pedido de desquite. E assim, na terça-feira retornou ao antigo apartamento da família. Nada levou, a não ser o filho, quem sabe uma nova gravidez, as roupas e os objetos de uso pessoal, pois ali nada mais lhe pertencia, se é que em algum momento chegou a lhe pertencer.

Em meio a tudo isso, Verônica recebeu notícia através do contador Manoel Maria, dando-lhe conta de que Jofre estava preso. O pai da moça, tão enganada quanto ela, leu a carta, pôs-se ciente de tudo. Recebeu e tratou Jofre normalmente, porém no momento do pedido de noivado, um oficial de Justiça e um policial, arditosamente presentes como se fossem convidados da família, fizeram a prisão em flagrante, sob a acusação de falsidade ideológica. A família Montenegro Scarpa fez valer o seu poder, prestígio e influência. Os advogados envidaram todos os esforços, mas Jofre foi exemplarmente condenado, experimentando na pele a realidade da ameaçadora indagação: “Você sabe com quem está falando?”





CAPÍTULO 24

ESPERTEZA

*A verdadeira estrela não está no céu
É desenhada a pincel em nosso coração
Toda estação se resume num só tempo
É no contratempo que vem a hora certa
Esperteza não é passar alguém para trás
Mas entregar-se como se ninguém fosse
Ao doce cuidado do amor em construção*

Carlos Lúcio Gontijo

A luz da inteligência carece de trabalho, esforço e coragem, mas dispensa a esperteza, que em alguns casos é tomada como sinal de intelectualidade, apesar de ter mais intimidade com a malandragem, a traquinagem, a farsa ou mesmo a bandidagem.

Jofre era (e é) homem esperto e, mesmo sendo detentor de escolaridade superior, se recusava a usar o conhecimento adquirido, optando sempre pela esperteza, com a qual resolvia os seus problemas, instintivamente como o cão que ladra para a lua e passa, aos olhos do poeta, a ideia metafórica de que esteja entoando serenata em saudação ao luar.

As aparências enganam, mas também ensinam. E assim, quando a pessoa ludibriada (e traída) tem o espírito alicerçado no amor próprio e na autoestima, ela é capaz de erguer a cabeça e seguir em frente na busca da construção de novo destino, sob a consciência de que é no contratempo que surge a hora certa, o momento ideal para aceitar o instante de tristeza (e frustração) como oportunidade de “livramento” daquilo que se lhe revelou imprestável e distante do necessário porto-seguro, coibindo o atracar da caravela do amor e da existência a dois, que não admite espaço para qualquer desconfiança, pois a vida conjugal tem que ser sempre a soma de um mais um. Ou seja, mesmo quando um dos dois não esteja fisicamente presente é como se ali estivesse, circulando nas rubras artérias do coração.

– Não esperava que o procedimento imoral do

meu irmão Jofre ganhasse tamanha proporção. – Confessou Zélia.

– Não se arrependa do que fez minha amiga, porque ele (de fato) está tendo o merece. – Contrapôs Verônica.

– Mas fico com pena e realmente condoída. Já são noventa dias de prisão. Somente agora, devido a risco de enfarte, segundo laudos médicos depois de bem avaliarem a pressão do Jofre, é que os advogados estão vislumbrando luz no fim do túnel, para o meu irmão. – Condoeu-se Zélia.

– Que ele seja liberado da prisão, mas não me procure mais. Claro que não o proibirei de ver as crianças...

– Crianças! Que crianças?!

– É que acho que estou grávida e, definitivamente, não quero criar meus filhos sob um teto maculado permanentemente, pois homem como o Jofre jamais se contenta com apenas uma mulher. São eternos garanhões! – Completou Verônica, expressando toda a sua mágoa.

– Nisso você tem razão. E além do mais, você é muito jovem, tem muito tempo pela frente, muita condição de o seu cérebro criar áreas de esquecimento, dando-lhe condições até de encontrar um novo amor. A vida, minha amiga, costuma recomeçar onde parece estar tudo desertificado e acabado. – Apontou Zélia.

– Não quero nem pensar em como suportarei

uma gravidez neste momento tão conturbado, mas tenho certeza que encontrarei forças e alguma forma de ajeitar as coisas. – Conjeturou Verônica.

– Quanto a isso não se preocupe, pois se for necessário estou disposta até a me mudar para o seu apartamento, a fim de lhe ajudar e fazer companhia. – Alardeou Zélia.

– Não deixo de levar em consideração a sua proposta, ainda mais que não conto mais com a presença da Sara, que concluiu o curso técnico de enfermagem e já está trabalhando na Santa Casa de Misericórdia, em Santo Antônio do Monte.

– Não se amofine por nada, pois estarei ao seu lado, para o que der e vier. – Prometeu Zélia.

– No final desta semana tenho que ir a Santo Antônio trabalhar na clínica e rever minha bisavó Raquel. Aproveitarei para contar tudo a ela e, de antemão, sei que contarei com todo o seu apoio, uma vez que ela sempre teve veladas restrições em relação ao Jofre, assim como o meu saudoso e querido bisavô Miguel.

– Pois é, assim sendo, você não tem o que temer sobre a sua acertadíssima decisão de se afastar do Jofre, entrando inclusive com pedido de desquite. – Incentivou Zélia.

– A gente não tem por hábito levar a sério, ou fazer a leitura dos sinais invisíveis que nos são emitidos constantemente pelos espíritos ou energias amigas que nos rodeiam.

– Como assim?! – Admirou-se Zélia.

– Olha querida Zélia, alguma premunicação rondou e levou o meu bisavô a montar aquela clínica, afirmando que (quem sabe?!) um dia eu poderia precisar dela como tábua de salvação! Lembro-me, também, da Kika, a qual encontrei morta aos pés do vestido usado no dia do meu casamento, como se estivesse a minha cadela de estimação numa vigília antecipada, protegendo-me dos males que viriam. Falta apenas um ano para eu me formar e estou decidida a retornar para Santo Antônio do Monte, onde será muito mais fácil criar os meus filhos, que por sua vez terão uma infância (e adolescência) com mais qualidade e mais felicidade. Isto sem falar na alegria que proporcionarei à minha bisavó, que com toda a certeza ganhará mais alguns anos de vida.

– Sentirei a sua falta em Belo Horizonte, mas o egoísmo não faz parte da minha vida. Eu também acho que é a melhor solução e, ademais, eu aprendi o caminho até Santo Antônio do Monte e, de vez em quando, aparecerei por lá. – Apoiou Zélia, com uma ponta de descontentamento.

O telefone toca na sala, interrompendo a conversa das duas amigas em aflição diante dos surpreendentes acontecimentos...

– Alô! Quem fala? – Atendeu Verônica.

– Aqui é o Manoel Maria. Estou ligando para lhe contar que o Jofre conseguiu ser liberado da prisão, mas deverá comparecer perante juiz uma vez por

mês durante 12 meses. Fui visitá-lo e o encontrei abatido, magro e com aparência bastante doentia, além de dispersivo, distante e completamente desinteressado.

– Sou indiferente ao que acontece com ele, porque quem faz o que ele fez não merece consideração. Que ele seja muito feliz, porém distante de mim. Passe a ele a cópia das chaves do apartamento que deixei aos seus cuidados. Diga-lhe que neste final de semana viajo a Santo Antônio, mas que na quarta-feira da próxima semana, a Zélia (ou a enfermeira Laura) levará o Miguel para ele ver.

– Está bem. Caso veja a Zélia transmita-lhe o recado de que eu preciso vê-la urgentemente.

– Pode ficar tranquilo, ela está aqui e eu falarei com ela agora mesmo! – Respondeu Verônica, despedindo-se e desligando o telefone.

– Quem era ao telefone? – Indagou a curiosa Zélia.

– Era o Manoel Maria dizendo que o Jofre foi liberado e chega neste final de semana. Ao se despedir, ele falou que necessita estar com você ainda hoje.

– Virgem Maria, tomara que não seja notícia ruim, pois eu não suporto mais tanta coisa e tenho ficado sempre em expectativa, pois como diz o ditado popular, toda desgraça vem sempre acompanhada. É como carrapato em cachorro: se você encontra um, pode procurar que achará outro. – Brincou preocupada, a solícita e prestativa Zélia, que se despediu de Verônica e foi logo ao encontro do contador Manoel

Maria, que mais que nunca tinha coisas para contar.

– Você me chamou e eu não me fiz de rogada. Estou aqui. – Apresentou-se Zélia, tentando descontraír a si mesma.

– Não queria incomodá-la, mas não encontrei outra saída plausível, uma vez que Verônica não quer mesmo saber do Jofre, que lamentavelmente está em novo imbróglio...

– Meu Deus, de que se trata desta vez? O que aprontou meu desatinado irmão Jofre, que parece estar em proposital queda-livre, como paraquedista que resolveu sabotar o próprio paraquedas?

– Trata-se de uma intimação judicial e com gravidade bastante superior ao envolvimento com a tal moça de família nobre de São Paulo, que foi enganada pela lábia de Jofre. Leia você mesma, pois estou estarecido demais para fazê-lo. E enquanto você entra no abismo do texto judicial, eu vou buscar o seu imposto de renda do ano passado que estava com problema junto ao Fisco, mas graças a Deus está resolvido. Apenas lamento não ter competência para solucionar nem dar cabo à enrascada na qual o meu amigo e patrão (Jofre) se meteu. A bem da verdade, nem sei se ele conseguirá gozar de alguma liberdade quando chegar a Belo Horizonte, pois ao que me parece ele tão-somente mudará de prisão.



CAPÍTULO 25

VISITAÇÃO

*Sempre marejado como vo-me à toa
Quando movo acelerado o meu passo
Para atender à campainha que soa
E ressoa no meu coração a sua presença
Que logo voa na poção feiticeira do olho mágico
Onde todo semblante é trágico se não é você*

Carlos Lúcio Gontijo

O mal que está pronto não está mais por ser feito, a única ação cabível se direciona a uma tomada de decisão, que não reside na condição financeira da vítima, mas em seu senso moral e capacidade de agir em prol de si mesmo, dispensando o julgamento ou o prejulgamento da sociedade hipócrita.

Todos nós, independentemente da idade, somos sombras do que fomos ontem. Tudo se assenta na poeira da estrada, como se o retorno ao pó fosse a sina inarredável do manancial de gente e coisas do planeta Terra, onde o barro da realidade está sempre a nos moldar a mente e os pés.

Em algum momento de nossas vidas as visitas diminuem, tanto pela morte de visitantes quanto pelas separações naturais motivadas pela convivência, quando as pessoas mutuamente se revelam (ou se descobrem) umas às outras e não gostam do que veem.

– Minha querida avó, não teve jeito! Contra a força da realidade não há quem, em sã consciência, possa resistir. Separei-me do Jofre, tanto por mim, quanto por meu filho, quanto pela história de dignidade de nossa família. – Disse Verônica à avó, ao chegar a Santo Antônio do Monte numa sexta-feira, antes do almoço, pois deixou Belo Horizonte o mais cedo que pôde, como forma de não se encontrar com Jofre.

– Eu já previa o desenlace, baseada na observação de não haver laços na convivência entre você e o Jofre. Quando é assim, minha querida Verônica, a separação é o caminho racional a ser tomado. Ainda mais que o

baixo nível de relacionamento só iria deteriorar-se ainda mais, elevando a discórdia e as discussões, que têm o poder de afetar, psicológica e emocionalmente, os filhos. O que seria do nosso Miguel Neto caso você fosse submissa e persistisse na manutenção de um casamento que infelizmente não deu certo. – Detonou Raquel, solidarizando-se com a firme decisão da bisneta.

– Dirão alguns que eu deveria perdoar e dar mais uma chance ao Jofre. Contudo, a cotidiana observação (in loco) de seu comportamento me dá plena certeza de que seu pendor de conquistador fascinado por um rabo-de-saia não tem nem nunca terá paradeiro. Ou seja, quanto mais eu lhe perdoasse mais teria que perdoar, numa desvergonhada sequência sem fim. E de que me adiantaria sustentar um casamento à custa do enfraquecimento moral e do empobrecimento da autoestima, que são o meu norte neste mundo! – Expôs Verônica.

– O livre-arbítrio é para isso mesmo. É dentro dele que as pessoas semeiam e colhem o que merecem. Há os que culpam o Demônio pelo calor infértil que cultivam nas mãos impolutas, por suas próprias escolhas e atitudes. – Ensinou a bisavó.

– É por isso que não me arrependo da decisão que tomei, pois aprendi com vocês, a minha família, que com a moral jogada no chão toda e qualquer pessoa perde a condição de semeador, predicado do qual não posso abrir mão com dois filhos para criar...

– Dois filhos pra criar?!

– Sim, vovó Raquel. Eu já ia lhe contar, mas da mesma forma que aconteceu quando conversava com a

Zélia, eu acabei me entregando... Sei que o momento não é oportuno nem ideal para enfrentar uma gravidez, mas não tenho o que fazer...

– Não se lamente, querida Verônica. Toda nova vida que chega é uma bênção a ser comemorada pela família escolhida para recebê-la. Ademais, é melhor festejar nascimento que chorar a morte de um ente querido!

– Incensou Raquel a questão.

– A senhora tem razão, eu também penso assim. E por coincidência, a criança nascerá no mesmo mês em que nasceu o Miguel Neto. Ou seja, estarei de férias na universidade e a minha presença às aulas não será prejudicada. – Avaliou Verônica.

– Está vendo só, esse seu senso de responsabilidade, pensando na escola numa hora desta, é a garantia de que tudo correrá da melhor forma possível. – Incentivou Raquel, em tom elogioso.

– Ah, e tem mais: falta um ano para eu concluir o meu curso de veterinária. Decidi que vou me mudar para cá. A clínica e a loja de produtos (e artigos) veterinários estão indo bem e, com a minha vinda, poderemos atender melhor a clientela de toda a região. Até imagino a cara do Miguel Neto experimentando a liberdade de correr e jogar bola pelas ruas da cidade afora...

– Minha filha, que alegria esta notícia me traz. Claro que a Enilda me faz companhia, sendo uma grande amiga e muito mais que simples empregada, mas o seu retorno encherá de luz e sonoridade a nossa casa, que novamente ganhará o viço da energia de crianças, que para nossa felicidade serão duas. – Regozijou-se Ra-

quel.

– Mudando de assunto, como está o José Brasil? – Indagou Verônica.

– Pelo visto, você terá que arrumar outro veterinário responsável. Como você sabe, ele sofreu uma queda na exposição agropecuária em Divinópolis. Bateu a cabeça num mourão de cerca. O traumatismo craniano é tão grave que não pôde ser transferido para hospital de Belo Horizonte, como era desejo da família. – Contou Raquel.

– O Gustavo me telefonou a respeito e, segundo me disse, a própria família espera por sua morte, pois é grande o seu sofrimento e, caso sobreviva, as sequelas serão totalmente inibidoras de uma vida normal. E todos nós sabemos que o José Brasil sempre foi uma pessoa dinâmica e ativa. Para ele seria condenação a uma não vida, o que a meu ver é situação pior que a morte. – Posicionou-se Verônica.

– Como você fará para encontrar um substituto? Sobrevivendo ou não, ele não terá condições de ser o responsável pela clínica veterinária! – Colocou Raquel.

– Tenho um grande amigo chamado Leacir, que foi meu professor no primeiro ano de universidade. Expliquei para ele o problema, que percebendo minha aflição em torno da questão aceitou ficar como veterinário responsável pela clínica. Leacir é chefe de departamento de acompanhamento de estagiários e está até pensando em sempre vir, aos fins de semana, com dois ou três alunos, para lhes favorecer na complementação das horas de estágio exigidas pelo curso. Eu gostei demais da ideia

e lhe garanti a devida remuneração aos estagiários pelo trabalho. A iniciativa vem ao encontro do meu propósito de ampliar o atendimento a toda a região. Dessa forma, com a vinda do Leacir e dos estagiários (nos fins de semana) eu e o Gustavo poderemos anunciar os nossos serviços nas rádios e jornais das cidades vizinhas. – Animou-se Verônica.

– Aquele envelope em cima da mesa é o convite de casamento da Sara com o Gustavo. Está em seu nome e, também, em nome do Jofre, pois eles não sabiam (e ainda não sabem) da separação. Estavam à sua espera, a fim de lhe convidar para madrinha (com o Jofre de padrinho). – Apontou Raquel.

– Felizmente, serei eu a madrinha com toda satisfação e amizade. Ainda bem que o casamento ocorrerá agora, depois da tempestade da separação, que acabará entrando na área de esquecimento de minha mente, como providência divina para que eu sobreviva, acredite novamente e reconstrua a minha vida. – Perseverou Verônica.

– O pai de seu bisavô Miguel tinha a alma de artista. Seu nome era Juca e, além de fazer poesia, ele tomou aula de teatro com um grande intelectual da época, chamado Miguel Eugênio de Campos, que era professor, músico, maestro de banda e deixou como legado um livro registrando a história da cidade. Aliás, foi dentro da obra do Miguel Eugênio, tão admirado por nosso saudoso Miguel, que encontrei os versos do Juca, que mandei colocar na lápide do túmulo da família, conforme era desejo do seu bisavô:

**Sou sombra de ontem
Nada hoje me assombra
Feito folha morta que cai
Serei bolha solta no céu.**

– Versos lindos demais minha avó! – Elogiou Verônica.

– Que bom encontrá-la aqui. Mamãe me disse que você já havia chegado e eu fiz questão de vir cumprimentá-la. – Adentrou Sara (alegre e falante) sala adentro.

– Quanta felicidade em revê-la! Que novidade me traz? – Disparou Verônica, ávida por notícias.

– Sobre o meu casamento, já vi que você viu o convite. Mas a outra novidade é que o Mauro passou no vestibular da Universidade de São Paulo (USP), onde cursará engenharia mecânica. – Disse Sara.

– Mas por que tão longe? Eu até havia pensado em oferecer o nosso apartamento em Belo Horizonte para ele ficar. Cheguei a falar com vó Raquel a respeito. – Surpreendeu-se Verônica.

– Eu lhes agradeço a consideração, mas não será preciso. O Afonso, que o patrocinador dos estudos do Mauro, foi quem o convenceu. Segundo ele, o Mauro encontrará mais oportunidade de estágio e trabalho numa cidade como São Paulo, pois engenharia mecâ-

nica é uma área que tem como responsabilidade o desenvolvimento de projetos, construção e manutenção de máquinas e equipamentos, tendo como principais empregadores os setores automotivo, aeronáutico e indústria de eletrodomésticos. – Explicou Sara.

– Sendo assim, o Afonso tem mesmo razão. Fico pensando é no seu pai Brasilino e sua mãe Enilda, pois o Maurício está morando no pantanal mato-grossense e, agora, o Mauro vai para São Paulo; você se casa agora...

– Aí, amiga Verônica, entra outra novidade. O Tenente quer vender a fazenda que tem lá perto da represa e que faz divisa com o meu pai. Então, mais uma vez, veio o destino e promoveu uma feliz coincidência. A esposa do Maurício está grávida, o pai dela (e patrão do Maurício) faleceu recentemente, colocando-a na condição de herdeira e proprietária, pois é filha única e, a exemplo do meu irmão, está preocupada com a dificuldade em se criar filho por lá, principalmente quando se pensa em proporcionar à criança boa educação escolar. Dessa maneira, o Tenente e o Maurício entraram em acordo em relação ao preço. Ontem, numa ligação telefônica complicada e cheia de ruídos, fomos informados de que meu irmão conseguiu vender a fazenda para empresário de São Paulo apaixonado pela região do pantanal mato-grossense. Ou seja, Maurício retornará e, desta feita, como dono de terra vizinha à nossa fazendinha, para alegria de meus pais. – Entusiasmou-se Sara.

– Que coisa boa e digna de ser exaustivamente comemorada, em festa que se estenda madrugada adentro! – Sugeriu Verônica.

– Tanto é mesmo razão de comemoração que o Maurício e a esposa chegarão, já em definitivo, para assistir ao meu casamento, do qual serão padrinhos juntos com você. – Concordou Sara.

– Está vendo Verônica, como tudo (apesar das idas e vindas) vai se encaminhando a contento para quem se comporta com altivez, respeito, fé, caridade e esperança diante da vida?! – Assinalou Raquel, que silenciosamente ouvia a prosa entre as duas jovens amigas.

Ao passo que Verônica projetava nova vida e, ao lado dos amigos, iniciava o processo de cicatrização e cauterização de profusas lembranças tristes ao fogo brando do indispensável esquecimento natural, as contas e os restos a pagar de sua vida conjugal com Jofre ainda emitiam faturas de toda ordem, que atormentavam a mente da dedicada Zélia e do zeloso contador Manoel Maria, que em gesto de amizade e sentimento humanitário cristão (diante do cenário de terremoto em Belo Horizonte) optaram por não informar a Verônica sobre os últimos acontecimentos envolvendo Jofre, pois inevitável e literalmente o fim de semana da amiga seria torpedeado de maneira inapelável, por enredo amoral digno de filme surrealista de terror.



É
proibido
pescar

CAPÍTULO 26

CAPACHO

*Sei que a perco se de ti me afasto
Mas no teu rastro eu não me acho
Sofro da triste síndrome do capacho
Não resisto aos teus maus-tratos
E só existo quando me pisas...*

Carlos Lúcio Gontijo

Não é fácil despertar-se da “síndrome do capacho”, através da qual um dos parceiros (no relacionamento amoroso) impõe ao outro uma velada ou explícita submissão. Em muitos casos, a violenta imposição da vontade numa das partes acontece naturalmente, mas na maioria das vezes baixa às raias da agressão física.

Todavia, aceita passivamente ou não, qualquer inibição ao exercício da liberdade alheia é sempre uma aberração comportamental, sob a qual não há probabilidade do verdadeiro amor florescer.

Verônica decidiu não ser mais capacho de um relacionamento conjugal maculado pelas constantes traições de Jofre, ainda que por ela sentisse amor, achava que todos os seus casos extraconjugais poderiam ser resolvidos com um demorado banho, dentro do adágio machista de que “lavou está novo”, como se toda sujeira pudesse ser desfeita com água e sabonete.

Lacônica e verdadeiramente, para azar dos pecadores contumazes, há faltas incuráveis e vazios impreenchíveis, ainda que perdoados. Por isso, o ateu que promove as leis de Deus (através de ações e gestos) está mais próximo do Criador que aquele que constantemente recorre a templos ou igrejas para pedir clemência por seus pecados.

– Alô, Alô! Aqui é a Verônica. Está me ouvindo bem? O José Brasil, veterinário responsável pela clínica, morreu. Por isto, só retornarei na terça-feira. Ouviu, Zélia?

– Sim, ouvi. Mas se é assim, vou ter que ir aí, pois surgiu problema grave que não dá para tratar por telefone. Estamos vivendo um drama desde sexta-feira à tarde. Ou seja, você viajou pela manhã e, logo em seguida, o caldo entornou em relação ao Jofre, envolvido numa encrenca daquelas! – Disse Zélia.

– Santo Deus, fale-me logo! – Implorou Verônica.

– Já lhe disse, não é assunto para ser tratado por telefone, ainda mais com essa ligação tão cheia de ruídos. Vou dar uma ligada para a enfermeira Laura, pedindo-lhe que me acompanhe na viagem a Santo Antônio do Monte, pois diante dos fatos que lhe revelarei você talvez decida deixar o Miguel Neto aí, o que ficará muito mais fácil com a presença da Laura, da qual ele tanto gosta. – Interpôs Zélia, que sempre procurava saídas perante os problemas.

– Se a questão é assim tão séria, eu aceito a sua ideia, pois afinal o José Brasil faleceu hoje, ao meio-dia, e terá o corpo sepultado amanhã, segunda-feira, às 10 horas, a fim de que dê tempo à chegada de um de seus filhos. Infelizmente, não posso faltar ao enterro e, também, tenho que pegar uma papelada na clínica, com o objetivo de apresentá-la ao professor Leacir, aí em Belo Horizonte, pois ele será o novo responsável pela clínica, até eu me formar no fim do ano que vem, após cinco anos de batalha.

– Então me aguarde, Verônica, porque chegarei hoje por aí, acompanhada da enfermeira Laura.

Em três tempos, sinônimo popular de rapidamente, Zélia se pôs na estrada que a levaria a Santo Antônio do Monte, onde revelaria à cunhada Verônica fatos que certamente mudariam toda a vida que teria pela frente, com o poder de torná-la mais madura psicológica e emocionalmente.

– Boa-noite Zélia e Laura. Por favor, Laura, fique com o Miguel (já está quase na hora de ele dormir), pois vamos nos fechar na biblioteca por uns instantes. Venha vó Raquel, pois quero que a senhora ouça toda a conversa.

– Não vou fazer rodeios, porque a questão me veio a galope como um cavalo selvagem, ao qual não se tem como domar. O contador Manoel Maria me chamou para apresentar uma intimação judicial provocada por denúncia da Casa de Assistência Social e Caridade contra o Jofre.

– Aquela casa na qual fui com você e tive contato com tanta miséria e violências como estupro e muitas jovens grávidas, meninas ainda? – Interrompeu Verônica.

– Sim, minha amiga. A casa é dirigida por um juiz, seu nome é Rafael Gomes, que tem muita ligação com um antigo orfanato da cidade, que um dia recebeu três irmãos: dois meninos gêmeos

e uma menina. Os meninos de pele clara e olhos azuis foram adotados por casal alemão que morava em Belo Horizonte. O chefe da família trabalhava como diretor em multinacional alemã e, pouco depois, retornou ao seu país. Porém, a menina morena de olhos esverdeados jamais conseguiu ser adotada e até hoje mora no orfanato, tendo os seus estudos pagos pelo juiz Rafael Gomes, que se tornou seu padrinho.

– Mas como pode irmãos louros e irmã morena? – Perguntou Raquel.

– É que a mãe deles era viciada em drogas e se prostituía pelas ruas. Seu nome era Lourdes, seguido do apelido “Bela”, o que levou a menina, hoje com 13 anos chamar-se Luana Bela, cuja mãe morreu muito cedo.

– Mas o que tem toda essa história a ver com o Jofre?! – Indagou Verônica, prevendo algo terrível.

– Acontece que o orfanato, sob o objetivo de não deixar as crianças inativas e ociosas, procura tanto garantir frequência às aulas escolares quanto busca a introdução de seus jovens internos em atividades de meio expediente na indústria e no comércio, até mesmo como forma de lhes ampliar a sociabilidade. Dessa forma, Lourdes Bela foi parar na empresa de transporte do Jofre, onde a menina de 13 anos foi seduzida por ele.

– O que é isso Zélia, que mau-caratismo ilimitado! – Esconjurou-se Verônica.

– Após o malfeito, o Jofre desfez o contrato com o orfanato e a menina deixou de prestar serviço à sua empresa de transporte, onde fazia café, varria e, de vez em quando, levava documentos a cartórios e bancos. Contudo, ao dispensá-la, Jofre apenas se livrou da presença diária da menina (com corpo de bela mulher), ostentando o frescor de pele morena e olhos esverdeados como relva na primavera, passando a vê-la às escondidas, segundo o comando de seus desejos e instintos carnais.

– Quanta impostura, canalhice e desrespeito! – Desabafou a avó Raquel.

– O resultado de tudo isso é que a menina acabou se engravidando e, ao mesmo tempo, escondendo a gravidez, até que veio a passar mal e o juiz Rafael Gomes houve por bem lhe pagar uma consulta médica. Então a gravidez foi descoberta em período já bastante adiantado: seis meses...

– Dessa maneira, ainda que se quisesse fazer aborto, já havia passado da hora. – Interveio Verônica.

– E o mais grave de tudo é que a menina tem um gravíssimo problema congênito no coração, levando os especialistas consultados a diagnosticarem o risco iminente de que ela não sobreviva ao parto. A hipótese de ela morrer no parto, ou até antes dele, é bastante possível, o que piora ainda mais o ato bestial do Jofre, que está sendo apresentado como monstro nas manchetes policiais dos jornais e condenado por toda a comunidade onde

Lourdes Bela vive e é muito querida e conhecida, tanto por ser uma menina estudiosa quanto por sua esfuziante beleza.

– Lamentavelmente, a medicina no Brasil ainda não tem meios técnicos cirúrgicos eficazes nesses casos. Fui enfermeira durante muitos anos e acredito que no futuro assistiremos com naturalidade à realização de muitos transplantes de coração, mas nos dias de hoje sei muito bem dos riscos de morte que a menina corre. – Avaliou Raquel.

– A situação é exatamente esta que agora lhe revelo. O juiz Rafael Gomes fará de tudo para que o Jofre pague bem caro pelo que fez. Está movendo todo o seu poder de influência e conhecimento jurídico para que o Jofre seja preso imediatamente.

– E tomara que consiga, pois eu mesma jamais o perdoarei, pois como me ensinou vovô Miguel, há perversões que só a Deus cabe perdoar. Jesus Cristo perdoou o bom ladrão, mas não ousou tomar o lugar do Pai, concedendo indulgência ao meliante renitente. Como esse poema dependurado na parede desta biblioteca, ao qual leio desde a minha alfabetização, não ousarei perdoar o imperdoável; não bancarei Deus! – Manifestou-se Verônica, em tom de profunda decepção.

– E só para ficar bem claro e tatuado, lerei o poema para nós, a fim de que as palavras enraízem em nossas mentes. – Propôs Raquel, que passou a ler:

OS IMPERDOÁVEIS

*Não admito o denegrir da crítica sem ética
Que segue o rito de ao outro demolir
Não perdoo a corrupção política
Que tira o pão da boca do desvalido
Não aceito a desvalorização da família
Berço da sociedade perdida em anomalia
Nem convivo com a infâmia da pedofilia
Que desfigura a inocência da infância
Roubando-lhe a candura dos sonhos
Enfim segundo meus conceitos cristãos
Não é viável às minhas mãos bancar Deus
Cometendo o pecado de perdoar o imperdoável.*



– Belíssimos e sábios versos! – Suspirou Zélia, com os olhos em chuva torrencial.

– Em meu nome, em nome de meu filho Miguel Neto, em nome da criança que de mim nasceu, em nome de minha avó Raquel, em memória de meu avô Miguel, em respeito a todos os meus amigos, não posso fraquejar, entregando-me à fraqueza de “capacho” e, assim, permitir que Jofre me macule com a sua nojeira, enchendo de nódoas a festa da dádiva da vida que continua a me oferecer espaços para os esquecimentos necessários, mas me cobra o indispensável esforço de me desprender de velhas embalagens, invólucros e casulos, a fim de que eu possa alçar novos voos.





CAPÍTULO 27

ÀS AVESSAS

*O beijo mais perdido
É o que não foi dado
Amor mais verdadeiro
Costuma não ser revelado
Às vezes o último é o primeiro
A gente nunca sabe
Queremos o que não nos cabe
Pode haver cura no sabre
Cola no que jamais adere
E até carícia no que nos fere!*

Carlos Lúcio Gontijo

Tudo que deixamos de experimentar, por medo ou preconceito, é tempo irrecuperável no que diz respeito ao nosso avanço no campo das experiências materiais, às quais não teremos como acessar na existência espiritual após a nossa morte. Até os momentos que se nos apresentam como ruins ao final são fontes de ensinamento, revelando-nos que o beijo mais perdido é o que não foi dado.

A felicidade está em viver simplesmente, sem pensar demais, sem ouvir demais, sem supervalorizar os problemas elevando-os a patamares distantes da realidade ou tornando-os insolúveis. Necessitamos (muitas vezes) soltar o coração feito uma pipa e recebê-lo de volta umedecido, como se houvesse atingido as mais altas nuvens do céu azul celestial do amor.

É triste a história dos que, ao final da vida, ficam a imaginar que a felicidade talvez estivesse exatamente nos quartos em que se recusaram a dormir. O sol e as demais estrelas nos projetam a ideia de que a paixão é o fogo que ilumina o amor, que sem a luminosidade (e o calor) de suas labaredas se transforma em mistério vazio, navegando em mares de escuridão.

Pode-se dizer então que a existência da luz é o resultado do permanente amor de Deus pela vida que gerou ou permitiu a evolução. Por isso, amar é troca de emissão de luz entre duas pessoas, podendo o amor morrer a qualquer momento, a partir da falta de clareza (ou reciprocidade luzidia) de uma das partes,

como uma estrela que exaure o seu tempo de existência.

– Vamos pegar a estrada, pois são muitos os assuntos pendentes a serem resolvidos. O Manoel Maria e o advogado da empresa de transporte estão montando extensa papelada solicitada por Jofre, que não se sabe o porquê deseja deixar tudo resolvido, inclusive a questão de partilha de bens, por intermédio de doação em vida. – Anunciou Zélia à amiga Verônica, quando ambas se encaminhavam para o carro que as levaria de volta a Belo Horizonte.

– É melhor mesmo irmos nesse seu jipe, Zélia! Ele suporta melhor a estrada de chão e tanto buracos que teremos pela frente. – Comentou Verônica.

– Tomara que façamos uma boa e rápida viagem, pois o Manoel Maria deve estar à espera de nossa presença. – Rogou Zélia aos céus.

Em Belo Horizonte encontraram as nuvens escuras que envolviam os problemas criados pela inconstância do Jofre, cujas carícias tomaram o formato de faca de ponta a ferir tanto a família quanto seus amigos mais próximos.

– Ainda bem que vocês estão aqui. Recebi o Jofre no aeroporto da Pampulha, sexta-feira à tarde. De imediato, ele foi me dizendo: Leve-me a um bar. Sou mineiro da gema e estou com muita sauda-

de de ir a um boteco para espairecer minha mente e lhe passar uma listinha enumerando providências a serem tomadas. Quando chegamos ao barzinho escolhido por ele, bem perto do apartamento em que vocês moravam, ele se encantou com a embalagem de uma cachaça chamada Maria Andante e logo pediu a garrafa, em vez de uma dose. Disse-me que havida feito, irremediável e imperdoavelmente, tudo errado, o que o levou a perder o amor de sua vida, repetindo muitas vezes o seu nome: “Você sabia, Manoel Maria, que a Verônica tem Maria no nome. Ela se chama Verônica Maria. Assim como o poema desta embalagem de cachaça, eu também sonhei encontrar a minha Maria Andante, mas por minha exclusiva culpa eu a encontrei e logo a perdi”. Então, passava a ler em voz alta, o poema grafado na embalagem da cachaça:

MARIA ANDANTE

*A vida pertence a quem a amargura rechaça
Toma com alegria um gole de boa cachaça
Envelhecida no carvalho de fama curtideira
Onde por sete anos é guardada na madeira
Para depois esquentar o peito do viajante
Sonhando encontrar a sua MARIA ANDANTE...*

– Gostou tanto do poema que o transcreveu para a lista de medidas às quais deseja ver efetivadas em curto prazo.

– E que medidas são essas, Manoel Maria?! – Indagou Verônica.

– Ele quer a transferência da empresa de transporte para o seu nome. Mas também deseja que o apartamento, no qual vocês moravam, seja transferido para a criança que a Lourdes Bela espera, com usufruto da mãe. Porém, caso a mãe morra, possibilidade aventada pelos médicos, ele deseja que a Zélia seja a detentora do usufruto, por ter confiança absoluta em sua honestidade e honradez.

– Nessa tomada de atitude, eu reconheço o meu irmão. Pelo menos, ele está assumindo a criança! – Ressaltou Zélia.

– Mas é o mínimo que ele podia fazer. Como nos casamos com separação total de bens, não me cabe dar opinião sobre as decisões tomadas por ele. Contudo, não posso recusar a transportadora, até mesmo porque estou grávida e, portanto, à espera de outro filho ou filha dele. Meu avô Miguel sempre me ensinou a não prejudicar, por qualquer ato, o futuro das pessoas. Assim que meus filhos completarem maioridade, eles decidem o que fazer da empresa, mas no momento eu o nomearei, Manoel Maria, diretor da transportadora. Afinal, ninguém a conhece melhor que você. – Projetou Verônica.

– Muito me alegra e honra a sua demonstração de apreço e confiança. – Agradeceu Manoel Maria.

– Mas onde está o Jofre agora?! – Indagou Zélia.

– Quando conversávamos no bar e ele, atônito e lívido, diante de tudo que lhe revelava, apesar de os advogados já lhe terem passado informações sobre o clima adverso que encontraria em Belo Horizonte, descobri que Jofre não sabia ao certo da gravidez de Verônica, da qual ouviu falar como uma simples possibilidade (ainda não confirmada) o que o fez cair em copioso pranto...

– Lágrimas de crocodilo, tardias e fora de hora. – Interferiu Verônica.

– Foi nesse momento, quando Jofre mergulhava em pranto, que apareceram policiais, oficial de Justiça e o juiz Rafael Gomes, levando-o para a prisão. – Concluiu Manoel Maria.

– Como pode uma prisão assim sem mais nem menos. O coitado nem bem saiu de um presídio volta para detrás das grades novamente! – Protestou Zélia.

– Acontece que o caso ganhou as manchetes dos jornais e, com a possibilidade da menina grávida vir a morrer, o Jofre passou a ser considerado um verdadeiro monstro. Para ser franco, até acho que ele corria risco de ser linchado por moradores revoltados da comunidade na qual se localiza o or-

fanato, onde Lourdes é muito estimada por muita gente que, movida pelas manchetes sensacionalistas dos jornais, é capaz de qualquer coisa. – Assinalou Manoel Maria.

– Eu posso ir visitá-lo?! – Perguntou Zélia, preocupada com o irmão.

– Creio que sim, mas vou indagar aos advogados. Apesar de odiado pelos detentos, o Jofre conta com amigos no presídio: o delegado, o carcereiro e a maioria dos policiais o conhecem. Graças a isto, os advogados estão tendo facilidades para atender aos pedidos estranhos do Jofre, como por exemplo, receber uma maleta com o seu passaporte e seus documentos de comprovada descendência italiana. Seu sobrenome é Scolaro, advindo da mãe, uma italiana da gema. – Relatou Manoel Maria.

– Essa é boa! Como pode um presidiário, que não vai a lugar algum, querer passaporte na cela? – Ironizou Verônica.

– Mas não é só isso. O Jofre quis uma foto da Verônica com ele e o filho Miguel Neto, solicitando também o estojo com antigo pincel de barbear que lhe foi dado pela mãe. – Ampliou Manoel Maria.

– Alguns poderão até pensar que ele tem um plano de fuga, sei lá! Mas não tem nada demais, pois a meu ver ele quer apenas transformar a cela num ambiente menos árido, cercando-se de coisas que lhe são caras, como é o caso da família e do sobreno-

me Scolaro, que herdou da mãe (que não é a mesma minha, pois sou irmã por parte de pai), do qual ele tanto orgulha e que está grafado em seu passaporte. – Defendeu Zélia.

– Ia me esquecendo de lhe dizer, Verônica, que o Jofre assinou a documentação do desquite. Disse-me ele que estragou a sua vida e que não desejava ser entrave ao seu direito de reconstituir a vida. – Revelou Manoel Maria.

O tempo, uma “Maria Andante” na senda de nosso destino, seguiu sua caminhada e incessante trituração de luzes e escuridões, das quais se produz a cachaça inebriante dos dias, fonte de vida e de morte, da qual aprendemos a esquecer (ou ter vaga lembrança), sob a certeza de que ela não precisa estar em nossa memória para, num instante qualquer, nos pegar pela mão, levando-nos como se tivéssemos um encontro marcado.

– O bebê de Lourdes Bela nascerá hoje. – Anunciou Zélia a Manoel Maria.

– Estou muito preocupado. Eu e você temos dado toda assistência à menina, o que nos autoriza a ver a situação com algum pessimismo, pois constantemente conversamos com os médicos que a atendem. Que Deus esteja com Lourdes e com a criança que está por nascer! – Almejou Manoel Maria cheio de fé.

– Conversei com o juiz a respeito do bebê que nascerá. Prometi a ele que darei todo o meu amparo e apoio tanto à criança quanto à mãe Lourdes Bela. Falei do testamento do Jofre, contando da doação de bens que está promovendo em vida. Ele elogiou a atitude de meu irmão e, para minha surpresa, sugeriu que, caso a Lourdes venha a falecer durante o parto, eu me candidate à adoção da criança. Confesso-lhe que a ideia já me havia passado pela cabeça, mas como sou solteira pensei que seria (ou é) um desejo quase que impossível. Todavia o juiz Rafael Gomes está ao meu lado, diminuindo empecilhos e aumentando minhas chances de me candidatar à adoção, em caso de o pior acontecer. Afinal, como bem me falou o juiz, eu sou tia da criança que nascerá! – Esperançou Zélia.

– Alô, quem fala?! – Manoel Maria atendeu ao telefone, que tocou interrompendo sua conversa com Zélia no escritório.

– Aqui é o juiz Rafael Gomes. Estou ligando para o seu escritório porque tentei falar com Zélia, mas não a encontrei em casa. A Lourdes, lamentavelmente, acabou de falecer, mas nos resta o consolo de a filha estar bem. É uma menina saudável e linda, disse o juiz com a voz chorosa e trêmula.

– A Zélia está aqui e eu vou passar o telefone para ela, doutor Rafael.

– Alô doutor! Estou aqui e ouvi toda a conver-

sa, condoendo-me profundamente com a morte da Lourdes, porém Deus sabe o que faz!

– Agora você tem que agir em relação à adoção. Devido à exposição do caso nos jornais está aparecendo muitos candidatos e talvez a sua condição de mulher solteira dificulte as coisas na vara de família, na qual o meu poder de influência é quase nulo. Pude observar nestes dias de preocupação com a saúde de minha afilhada Lourdes Bela, que você e esse seu amigo contador, aparentemente uma boa e bem-intencionada pessoa, se dão muito bem e são solteiros. Se você quer mesmo adotar a filha de Lourdes com seu irmão Jofre, casa-se com ele no civil, porque assim você poderá se valer, mais decisivamente, de sua condição de tia legítima.

– Está bem doutor Rafael, prometo pensar na sugestão! – Despediu-se Zélia.

– O que a fez ficar assim tão pálida, minha amiga?! –

– Você acredita (Manoel Maria) que o doutor Rafael Gomes me aconselhou a me casar com você no civil imediatamente? Pelo jeito, ele até ajudaria na aceleração da papelada...

– Não vejo nada demais na proposta! Se for preciso (e você aceitar) eu topo...

– Uai, Manoel Maria, se você, que é tão responsável e lúcido, não se escandaliza com a sugestão esdrúxula, não sou eu quem me colocarei contra...

Topemos a empreitada!

E toparam mesmo, tanto que, impulsionados pelo casamento civil, o amor os embriagou e eles se casaram também no religioso. Ao passo que a menina, filha da Lourdes Bela, foi batizada com o mesmo nome da mãe (Lourdes), numa homenagem à menina que, apesar da vida tão curta, teve tempo de se apaixonar e ser mãe aos 13 anos, deixando uma semente em carne e osso no chão de sua trajetória terrestre, que floresceu miraculosamente na inesperada união de Manoel Maria e Zélia, em nome do amor pela criança que ela trouxe à luz.



CAPÍTULO 28

DESMEMÓRIA

*O segredo é não guardar lembranças
As esperanças nascem do desconhecer
No rosto conhecido a face por conhecer
O refazer contínuo da falta de recordação
Ouvir velha narração como real novidade
Aceitar a eternidade do vaivém de tudo
Que jamais se transforma em definitivo bem
Dependente da conveniência do que nos convém
Que nos leva a escoadouro que a nada retém
Espécie de moderna senha existencial
A nos recomendar o corte de lenha no quintal
Pois não há quem contenha o nosso inverno
Nem detenha nosso eterno lapso de memória!*

Carlos Lúcio Gontijo

Vidas são flechas disparadas pelo arco de luz do Criador que, uma vez arremessadas, só terminam a sua jornada quando atingem o alvo de sua missão. O que tem significado real e alguma intimidade com o que somos jamais precisa de lembretes ou anotações em agendas, pois a memória o preserva naturalmente, ao feitio de horizonte que não esquece a luz por maior que sejam o temporal escatológico e a escuridão. Viver é sinônimo de encantamento e, aos verdadeiramente encantados, cabe jamais sucumbir-se às vicissitudes da vida, pois é melhor cantar feio que chorar bonito.

Verônica concebeu menino novamente, Magnus, que veio fazer companhia ao irmão Miguel Neto. A moça bisneta-filha de Miguel e Raquel, desquitada e viúva do talvez, apaixonou-se pelo professor Leacir, mas optou por não morar junto. Era cada qual em sua casa, pelo menos durante um período, ou até um dia, quem sabe!

Numa tarde de domingo ensolarado, rodeada pelos familiares, amigos e os netos correndo pela casa afora, Raquel morreu, enquanto tricotava uma blusa para Lourdes, filha de Zélia e Manoel Maria.

Os dias seguiam banhados pelo esquecimento diário do sol, iluminando as dores de ontem como se fossem novas e, ao mesmo tempo, clareando e anestesiando os nossos lapsos de memória, para livrar a nossa mente de lembranças tristes, a fim de abrir espaços ao horizonte de sorrisos na face de todos os seres humanos, incluindo-se os familiares de Enilda, Verônica e Zélia.

Mauro, filho de Brasilino e Enilda, tornou-se homem bem-sucedido profissionalmente, além de influente

cidadão da alta sociedade paulista. E talvez por esse sucesso todo, tenha virado mote da conversa fiada de quem não suporta constatar a felicidade alheia. Corria à boca pequena, em Santo Antônio do Monte, através de gente da língua grande, que ele e o Afonso mantinham um caso. Será? Mas e daí, nada mais irrelevante, a quem interessa a opção sexual das pessoas?!

No imaginário popular, e também de quem conheceu Jofre, restou o cenário surrealista de seu desaparecimento no presídio, sumindo de dentro da cela em que estava trancafiado, da qual aparentemente fugiu numa noite de véspera de Natal, depois de seis meses de prisão em Belo Horizonte, sob a ruidosa comemoração dos detentos que o odiavam e, muitas vezes, juraram vingança, por considerá-lo tarado sexual e responsável pela morte de pobre menina órfã.

Os policiais encontraram na cela uma corda feita com lençóis, vômito no chão, poça de sangue no colchão, um dedo indicador com pinta oval abaixo da unha (ao qual Manoel Maria reconheceu como sendo da mão direita do patrão) colocado, estrategicamente, sobre um poema anônimo deixado na pia do banheiro imundo, que se fazia acompanhar de bilhete transcrito em papel ensanguentado, portando letra desalinhada e trêmula, como se grafado debaixo de descomunal tortura e forte ameaça, apesar de a suspeita ser contraditada pela coerência e clareza do texto:

PONTO FUTURO

*Nas voltas que o mundo vai dar
Ergui minha entorpecida morada
Para já estar no meu devido lugar
Quando a reviravolta final for dada
E sem revolta nas teias da mente
Entregar-me-ei às peias da desmemória
Onde esquecimentos se casam ao luar
Ao sabor dos ventos de nova história...*

À minha inesquecível Verônica Maria, eternamente no meu coração, ainda que eu esteja morto, no céu ou no inferno. Ou quem sabe perambulando por algum lugar esquecido deste planeta, perdido na desmemória do horizonte emocional dos que um dia me conheceram. E dessa maneira, abandonado no esquecimento de mim mesmo, talvez eu possa substituir a minha roupagem pela carapuça de outra pessoa, conseguindo resquícios latentes de vida, em ambiente bem distante deste destroçado Jofre que assina esta mensagem, diretamente das muitas moradas (do além-mundo) que gravitam espaços siderais afora.



AGRADECIMENTO

Em nome de minha obra, uma entidade literária e poética além de mim (construída a partir do ano de 1977, quando lancei o primeiro livro), agradeço a Deus, ao pai (o “paitrocinador”) José Carlos Gontijo, à saudosa e querida mãe Betty Rodrigues Gontijo, à minha família, a cada um e a qualquer um que, em algum momento, estendeu a mão, os braços, os olhos, os ouvidos ou a mente à minha prosa e aos meus versos.

Obrigado saudoso amigo Otaviano José Coimbra Batista (querido Maestro “Vai”), tanto pela amizade, o bate-papo nos fins de semana em minha casa, quanto pela sensibilidade com que musicou o nosso poema “Sangue Montense”, ao qual você declamava com inigualável emoção, cuidando de me presentear com um DVD, que está em meu site, eternizando o nosso encontro neste breve plano de vida terrestre.

Adendos

Carlos Lúcio Gontijo



VERSOS DE ARRIBAÇÃO

*A medida da vida é rasa
Tal qual o fim da brasa
Felicidade logo bate asas
No voo rápido do beija-flor
Feito sobrevoos dos meus versos
No olhar amigo do leitor...*

Carlos Lúcio Gontijo





ESPERANDO MARIANA

A vida nos negaceia ao passar
O caminhar laceia os sapatos
Pelos atos se reconhece a pessoa
Ouço o sino do tempo que ressoa
Minhas netas Luara e Júlia correm
Preparam lua clara para receber Mariana

Carlos Lúcio Gontijo

(Nota: Esse poema foi escrito no dia 15 de dezembro de 2016, quando Renata, esposa de meu filho Lucas, passou-nos a notícia de que ‘esperava’ uma menina, à qual daria o nome de Mariana).



Carlos Lúcio Gontijo, ao lado da esposa Nina e do pai, José Carlos, comemorando 40 anos de literatura e o lançamento do 20º livro

BIOGRAFIA

Membro da Academia de Letras do Brasil-Mariana (ALB-MARIANA), onde ocupa a cadeira número 15, que tem como patrono o poeta Bueno de Rivera; integra a entidade cultural internacional Poetas del Mundo; é membro da Academia Santantoniense de Letras (ACD-SAL) e da Academia de Letras de Teófilo Otoni (ALTO).

Premiado com o troféu Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 05/06/2010 – 45ª edição do evento). Nos meses de março e abril do ano 2000, expôs no Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos (ICBEU) e no Shopping Norte (no Bairro Venda Nova/Belo Horizonte) poemas colocados em moldura (“Telaescrita”, segundo batizou a mostra).

Foi presidente da Associação Mineira de Imprensa (AMI), no triênio 2002/2005, e dá nome à biblioteca do Instituto Maria Angélica de Castro (IMAC)

BIOGRAFIA

e à Biblioteca Comunitária do Bairro Flávio de Oliveira, em Santo Antônio do Monte. O seu romance Cabine 33 foi indicado e adotado em dois vestibulares (2005 e 2007) da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM).

É cidadão honorário de Contagem-MG e Santo Antônio do Monte. Trabalhou durante 30 anos no jornal DIÁRIO DA TARDE, onde foi revisor, supervisor de revisão, secretário de página, articulista, editorialista, subeditor e editor de Opinião. Passou, ainda, pelos seguintes jornais: Proeste, Diário de Minas/Jornal de Minas, Hoje em Dia, Tribuna de Mariana (do qual foi editor) e pela publicação Fogos em Revista (editor).

No dia 24 de setembro de 2011, foi contemplado com a “Comenda do Grande Oriente do Brasil-RJ”, pela Academia Maçônica de Artes, Ciências e Letras do Rio de Janeiro. Detém o “Prêmio Mérito Literário Poeta Antônio Fonseca”, elevada e significativa honraria criada pela Academia Betinense de Letras (ABEL), prestigiada entidade cultural da cidade de Betim/MG.

No dia 20 de outubro de 2011, foi contemplado com o Diploma de Honra ao Mérito pela Loja Maçônica Mestres do Monte. Em dezembro de 2011, recebeu a Medalha de Mérito Literário da Academia de Letras do Brasil-Mariana, Aldrava Letras e Artes e Inbrasci.

BIOGRAFIA

É membro do Conselho de Redação da Revista “eis-Fluências”, editada em Lisboa/Portugal (<http://www.eisfluencias.ecosdapoesia.org>).

No dia 26 de novembro de 2015, foi agraciado com a “Medalha do Mérito Cultural Professor Miguel Eugênio de Campos”, outorgada pela Associação dos Amigos do Centro de Memória Municipal de Santo Antônio do Monte.

Foi contemplado com premiação nacional da Revista “zaP!” (do estado de São Paulo) denominada CEM MAIS, nos anos de 2010 e 2015, pelo trabalho realizado no âmbito cultural. Elaborou prefácios para os livros de poetas e escritores como Ádleí Duarte de Carvalho, Ieda Alkimim, João Silva de Souza, Regina Morelo, J. Estanislau Filho, Leonildo Miranda Araújo, Sebastião (Tião) Henriques, Clélia Aparecida Souto e Couto (a primeira professora do autor), Luiz Cláudio de Paulo e Maria Ortélia de Castro Melo.

Em 22 de outubro de 2016, em Itabira/MG, recebeu o Troféu Expressão Literária Machado de Assis.

Maiores informações e dados podem ser buscados no site do autor (www.carlosluciogontijo.jor.br).

Obras de Carlos Lúcio Gontijo

www.carloslucioontijo.jor.br

- *Ventre do Mundo (Poesia – 1977).*
- *Leite e Lua (Poesia – 1977).*
- *Cio de Vento (Poesia – 1987).*
- *Aroma de Mãe (Poesia – 1983).*
- *Pelas Partes Femininas (Poesia e prosa – 1996).*
- *“Coletânea” (Editada em dois volumes, no ano de 1988, contendo os cinco primeiros livros do autor).*
- *O Contador de Formigas (Romance e poesia – 1998 – 1ª edição; 1999 – 2ª edição).*
- *O Ser Poetizado (Poesia e prosa – 2002).*
- *O Menino dos Olhos Maduros (Novela e poesia – 2002).*
- *Virgem Santa sem Cabeça (Romance e poesia – 2002).*
- *Cabine 33 (Romance e poesia – 2004). Foi indicado para o vestibular da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM) nos anos de 2005 e 2007.*
- *Lógica das Borboletas (Romance e poesia – 2007).*
- *Duducha e o CD de Mortadela (Livro Infantil – 2009 – 1ª edição; 2013 – 2ª edição).*
- *Jardim de Corpos (Romance e poesia – 2009).*
- *Quando a Vez é do Mar (Romance e poesia – 2012).*
- *Lelé, a formiga travessa (Livro Infantil – 2013).*
- *Poesia de romance e outros versos (Poesia – 2013).*
- *O guarda-chuva do Simão (Livro Infantil – 2015).*
- *Tempo impresso (Poesia e artigos de opinião – 2016).*
- *Beijoaria (Livro Infantil – 2017)*
- *Desmemória de Horizonte (Romance e poesia –*

2017).

COLETÂNEAS

- *Participa da coletânea “Poetas del Mundo em Poesias”. Volume I (abril de 2008), editora Gibim.*
- *Marca presença na coletânea “Galeria Brasil 2009 – Guia de Autores Contemporâneos”, um livro organizado pela entidade Celeiro de Escritores e publicado pela Editora Sucesso, São Paulo/SP.*
- *Inscribe-se na “Antologia da Associação Internacional Poetas de Mundo”. Volume I (setembro de 2011).*
- *Insero seu nome na Antologia ALB-Mariana, Aldrava Letras e Artes e Inbrasci-MG (dezembro de 2011), intitulada “Lumens em prosa e verso”.*
- *Participa da coletânea “Livro I da ALACIB – Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil”.*
- *Tem participação na publicação “Café-com-Letras” (Revista Literária da Academia de Letras de Teófilo Otoni – Ano 12, nº 12, novembro 2014, à página 104; e na publicação número 13/2015, à página 31).*
- *Seu artigo “A bênção, negra Carolina!” foi inserido no livro “Nós da Poesia: vozes da rua”, produzido pelo Instituto Imersão Latina (IMEL) e lançado na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo (agosto/2014).*
- *Participa da “Antologia MIL POEMAS A GONÇALVES DIAS” (organizada por Dilercy Aragão Adler e Leopoldo Gil Dulcio Vaz), à página 182.*

Escrever tem a ver com a própria respiração, ânimo de alma: às vezes minimamente; outras vezes profundamente – mas sempre verdadeiramente.



A verdade é que, além de outras peculiaridades, encanta-nos o seu fôlego incansável de atleta das letras em busca da melhor palavra. Há que se destacar (também) a doação de si mesmo por intermédio de versos direcionados ao próximo, sobre o qual Carlos Lúcio Gontijo derrama seus livros escritos com alma e plena entrega ao longo dessas quatro décadas de puro lirismo, onde lapidar é lei, em cada detalhe o apuro técnico e um cuidado minucioso para com o leitor.

Carlos Lúcio Gontijo, é casado com Nina, é pai, é avô, de raiz “sanguemontense” (a sua Santo Antônio do Monte), num claro aprendizado de que família é um bem sagrado. Dessa maneira, tendo os seus como base de afeto e amor na vida, vai levando-os também como inspiração diária em versos amorosos, pois não há como separar a carreira da família; aliás, para esse missionário das letras, é tudo uma coisa só; tudo é alimento do lar. Coração do poeta é gigante e fraterno. Homem amigo, humano, companheiro, livre para se expressar sem fazer conchavos, de uma justiça inabalável, compromissado com a verdade.

Carlos Lúcio é a amizade que se guarda para sempre, como num de seus versos, “Por autoestima velo o próximo/ como se cuidasse de mim mesmo/ a amizade é joia de anjo/ arranjo divino para nossa sobrevivência.” Mesmo com uma obra premiada que rompe fronteiras, sua humildade e perseverança é bússola norteando seu caminhar desde a infância em Santo Antônio do Monte, fixando morada por longos anos em Belo Horizonte e Contagem, cidades estas bem retratadas na sua obra com carinho e gratidão.

Do primeiro livro (“Ventre do Mundo”) lançado em 1977, até a presente data, já são 20 livros lavrados com maestria, vigor e talento, o que tanto dá brilho quanto legitima e serve de lastro às comemorações desses 40 anos de atividade literária, aos quais o autor Carlos Lúcio Gontijo chega com o romance “Desmemória de Horizonte” – que como os demais tem seus capítulos abertos por poemas – e um livro infantil (“Beijoaria”), para deleite do leitor.

Luiz Cláudio de Paulo

Poeta

(***)

HÁ CERTA GRANDEZA EM SER PEQUENO, QUANDO OS
QUÊ SE NOS APRESENTAM GRANDES SÃO TÃO
VAZIOS DE GRANDEZA. (CLG)



*O pássaro não é livre para voar;
na realidade, ele é escravo do voo.*

*Aos que fingem estar dormindo,
não há como despertar.*

www.carlosluciogontijo.jor.br